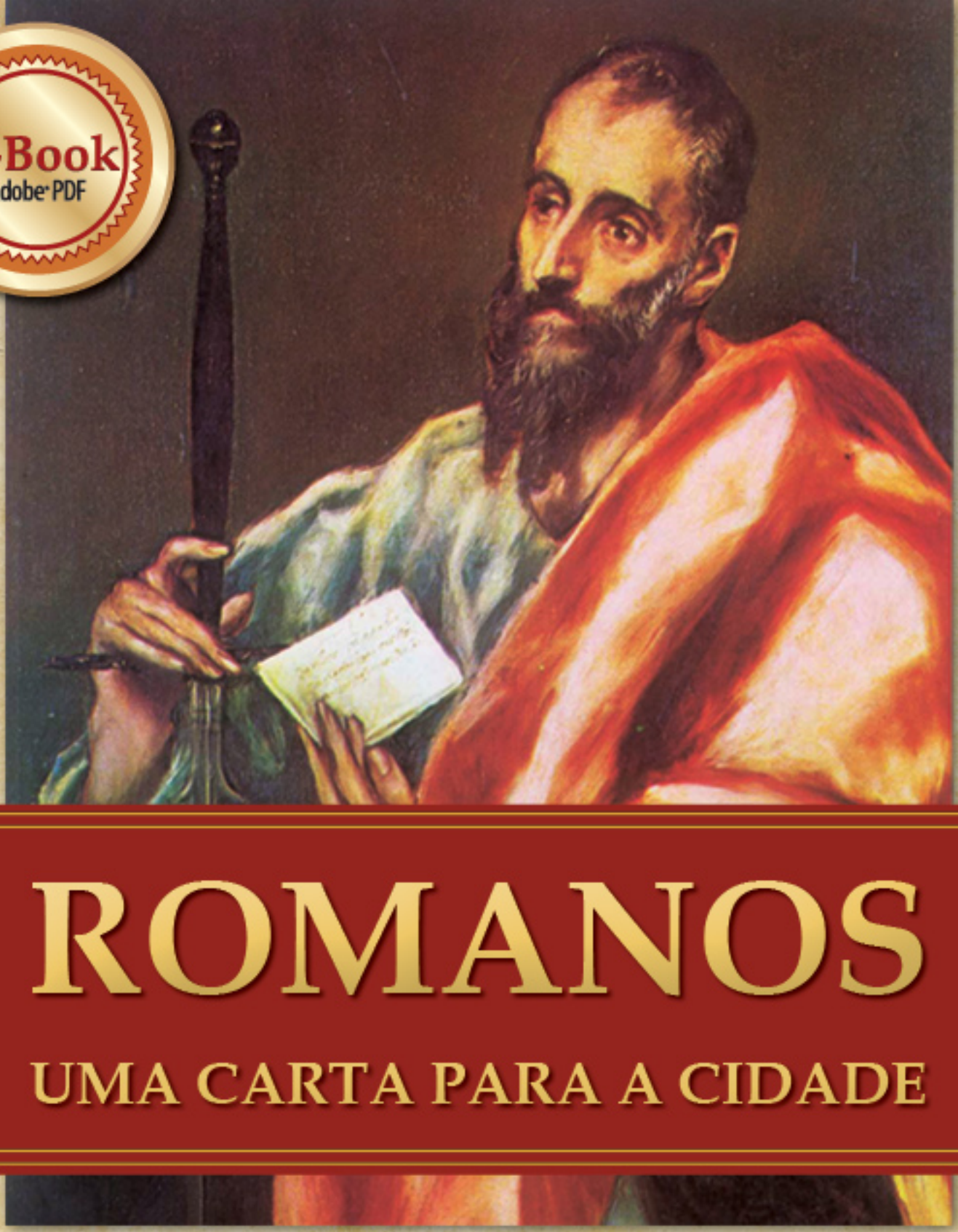
E-Book
Adobe PDF



ROMANOS

UMA CARTA PARA A CIDADE

ARIOVALDO RAMOS

CAPÍTULOS

Introdução 2

Cap. 1. O retrato do pecado ontem e hoje 3

Introdução 3

A Apresentação De Paulo 4

Roma - O Desafio Da Grande Cidade 5

A Pregação Necessária Para As Grandes Cidades 7

A Degradação Humana Na Grande Cidade 8

O Ponto Mais Baixo A Que Desce A Humanidade 9

Roma E As Ny, Paris, Londres, Sp, Rio – Hoje 10

Conclusão 11

Cap. 2. O perfeito juízo de Deus 13

Introdução 13

Os Judeus De Roma Se Julgavam Melhores 14

Como Os Crentes De Hoje, Talvez 15

Aparência X Interior 17

O Exagero Com Os Cuidados Rituais 18

Os Cuidados Que Devemos Ter Hoje 19

Conclusão 20

Cap. 3. O pecado universal e a salvação pela fé 21

Introdução 21

O Pecado Do Homem Ontem E Hoje 22

A Presença Da Justiça De Deus 23

Como Esta Justiça Se Expressa Em Cristo 24

A Fé Em Cristo Única Porta De Escape 25

Todos Temos Acesso A Ela 26

Conclusão 28

Cap. 4. O mito do homem notável 29

Introdução 29

A Importância Dada A Abraão Pelo Judeu 30
Sua Vulnerabilidade Humana 32
Embora Pai Da Fé, Pecou 33
O Cuidado Que Devemos Ter Hoje Com Os Mitos 36
A Queda Dos Homens De Deus 38
Conclusão 39
CAP. 5. JUSTIFICAÇÃO E RECONCILIAÇÃO **41**
Introdução 41
A Fé E A Paz Com Deus 42
Como Isto Pode Ser Alcançado Com Cristo 44
Adão Como Símbolo Do Pecado E Perdição 46
Cristo Como Símbolo Da Santidade E Salvação 48
Conclusão 49
CAP. 6. O PODER SALVADOR DA GRAÇA DE CRISTO **51**
Introdução 51
Os Diversos Caminhos Da Salvação Para O Homem 53
Os Mitos, Gurus, Seitas E Grupos Religiosos De Hoje 55
O Poder Único Da Graça De Deus 57
O Que Ela Significa Para O Homem 59
Como Recebê-la E Como Viver Com Ela Em Meio Ao Pecado 60
Conclusão 62
CAP. 7. O CRISTÃO LIVRE DA LEI **64**
O Poder Da Lei Mosaica Para Os Judeus 65
Sua Influência Ainda No Mundo Cristão 67
O Poder Da Graça De Cristo Para O Homem 68
A Vitória Da Graça Sobre A Lei 69
A Luta Contra O Pecado 70
Conclusão 72
CAP. 8. A VIDA DO CRISTÃO NO ESPÍRITO **74**
Introdução 74
O Que Decorre Ao Homem Em Vista Da Graça De Cristo 76

A Vida Diferente Que Nos É Dada 77
A Independência E Segurança Do Crente 79
As Bênçãos Do Espírito Santo Em Nossas Vidas 81
Um Cântico De Vitória 82
Conclusão 85
CAP. 9. A ESSÊNCIA DA LIBERDADE CRISTÃ **87**
Introdução 87
A Liberdade Cristã É Um Fator Primordial 88
Como Se Expressa Em Nossas Vidas 90
O Que Israel Não Tinha, O Povo De Deus Tem 91
A Liberdade Que Nos Faz Vencedores 92
Como Exercê-la Positivamente No Mundo 93
Conclusão 95
CAP. 10. COMPREENSÃO DA JUSTIÇA DE DEUS **96**
Texto Áureo 96
O Verdadeiro Significado Da Justiça De Deus 98
"...justiça Esta Que Se Completou Em Cristo" 100
A Falta De Entendimento Dos Judeus E Não-crentes 102
A Vitória Conquistada Em Cristo 104
Como Viver Sob A Bênção Desta Justiça 105
Conclusão 108
CAP. 11. EM CONFORMAÇÃO COM A JUSTIÇA E DEDICAÇÃO AO AMOR **109**
Introdução 109
O Nosso Presente Prefigura O Futuro De Israel 111
Os Cuidados Com A Influência Mundana E Secular 112
A Não-conformação Aos Padrões Do Mundo 114
Os Parâmetros Da Vida Cristã 116
A Vida Cristã Espontânea Diante De Deus 119
Conclusão 125
CAP. 12. O CRISTÃO E AS AUTORIDADES **127**
Introdução 127

Nossa Posição Diante Das Autoridades 129

O Mundo Político E Seus Envolvimentos 131

Os Cuidados Que Devemos Ter 133

Como Ajudar Aos Que Precisam 135

A Liberdade E O Amor Ornando A Nossa Vida 137

Conclusão 139

Cap. 13. Epístola aos Romanos, uma mensagem para hoje **141**

Introdução 141

O Exemplo De Cristo Conduzindo Nosso Viver 144

O Exemplo De Paulo Nos Orientando No Viver 146

A Solidariedade E Comunhão Cristã 148

Cap. 14. Alguns exemplos de vida cristã **150**

Rm 16:1 A 9 150

Que Fazer Como Nova Criatura Diante Do Mundo 152

Conclusão 154

Referências **156**

INTRODUÇÃO

Escrita aproximadamente entre 55dC e 57dC, "a carta de Paulo aos romanos tem sido considerada como a chave de Deus para a compreensão de toda a Escritura. Nela Paulo alinhava os grandes temas da Bíblia –pecado, lei, julgamento, destino humano, fé, obras, graça, justificação, santificação, eleição, o plano da salvação, a obra de Cristo e do Espírito, a esperança cristã, a natureza e vida da igreja, o lugar do judeu e do não judeu nos propósitos de Deus, a filosofia da igreja e a história do mundo, o significado e a mensagem do Antigo Testamento, os deveres da cidadania cristã e os princípios da retidão e moralidade pessoal. Romanos nos abre uma perspectiva através da qual a paisagem completa da Bíblia pode ser vista e a revelação de como as partes se encaixam no todo se torna clara. O estudo de Romanos é vitalmente necessário para a saúde e entendimento espiritual do cristão."[i]

Índice

Paulo não conhece a igreja em Roma, entretanto, intentando ir à Espanha, evangelizar, (Rm 15.24) espera visitá-la no caminho, assim como tê-la como um apoio em sua empreitada. É uma carta para apresentar-se, isto é, discorrer sobre seu ministério e entendimento do evangelho, que são suas credenciais, assim como solicitar apoio financeiro e logístico para sua viagem missionária até a Espanha. Viagem esta que nunca aconteceu, Paulo foi a Roma como prisioneiro e lá foi morto.

"O fato da fé dos cristãos de Roma ser bem conhecida (Rm 1.8) e o desejo de Paulo de visitá-los há um bom tempo (Rm 1.13) indicam que a fé cristã tinha sido estabelecida na capital do império há bastante tempo. Estes fatos são apoiados pelas palavras dos historiador romano Suetônio, que diz que Cláudio já tinha expulsado os judeus (em 49dC) por terem criado um tumulto 'por causa de um tal Cresto' (evidentemente uma referência a Cristo). Visitantes de Roma estavam presentes no Dia de Pentecostes (At 2.10-11) e podem ter sido os primeiros a levar as boas novas à cidade. Por causa da importância estratégica da cidade e do grande número de judeus que lá vivia, a mensagem do evangelhos deve ter chegado a Roma como que atraída por um ímã. Apesar da tradição, é certo que a igreja não foi fundada Pedro. A ausência de qualquer referência a Pedro ou aos outros apóstolos indica que a igreja romana não vivenciou um ministério apostólico direto."[ii]

CAPÍTULO 1

A EPÍSTOLA AOS ROMANOS - UMA CARTA PARA HOJE - *Rm 1*

O retrato do pecado ontem e hoje

INTRODUÇÃO

Rm 1.1-7

Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho de Deus, o qual foi por Deus, outrora, prometido por intermédio dos seus profetas nas Sagradas Escrituras, com respeito a seu Filho, o qual, segundo a carne, veio da descendência de Davi e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o espírito de santidade pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor, por intermédio de quem viemos a receber graça e apostolado por amor do seu nome, para a obediência por fé, entre todos os gentios, de cujo número sois também vós, chamados para serdes de Jesus Cristo. A todos os amados de Deus, que estais em Roma, chamados para serdes santos, graça a vós outros e paz, da parte de Deus, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.

A APRESENTAÇÃO DE PAULO

1- Paulo se apresenta como servo de Cristo, chamado para ser apóstolo (v 1). Qualquer ministério deve ser fruto da disponibilidade em servir a Cristo, melhor: da consciência de que se é servo de Cristo. Separado para o evangelho de Deus (v 1). Cristo é a boa notícia que Deus manda ao mundo. Paulo, então, é tornado um apóstolo: alguém enviado para levar o evangelho de Cristo onde ele ainda não foi anunciado (Rm 15.20). O equivalente hoje ao termo apóstolo é o termo missionário.

2- Expõe as bases das boas novas que anuncia: as promessas dos profetas (v 2) e o cumprimento cabal dessas profecias em Jesus Cristo, tanto na vida, como na morte, como na ressurreição. Foi o pleno cumprimento das profecias que demonstrou que Cristo é o Senhor (v4). Paulo deixa claro que apresenta Jesus Cristo como o Messias profetizado pelos profetas, que seria filho de Davi, que, porém, pelo fato de ter ressuscitado dentre os mortos foi designado Filho de Deus: "Paulo está dizendo que o poder da ressurreição representava o decreto pelo qual, como se acha no Salmo 2.7, Cristo foi declarado Filho de Deus: "Neste dia eu te gerei.[iii] "

3- Deixa claro que isto é obra de Deus, que lhe deu a graça capacitadora e o apostolado; que é o ministério que essa graça veio tornar possível. "A tradução *recebi graça para ser apóstolo* seria preferível."[iv] Outra lição: a graça vem sobre nós não apenas para nos salvar, mas, para nos por a serviço de Deus.

4- Deus fez isto por amor ao Seu Nome, para que Ele fosse conhecido pelos gentios, isto é, para que os gentios tivessem a oportunidade de receber fé, porque "a fé vem por ouvir a mensagem, e a mensagem vem por meio da pregação a respeito de Cristo" (Rm 10.17)[v]; para que pela fé pudessem obedecer a Deus, isto é, não só tivessem a oportunidade de, pela fé que receberiam, submeterem-se a Deus, como, pela fé, receberem a graça que lhes permitiria viver em obediência ao Senhor. "De fato, sem fé é impossível agradar a Deus (Hb 11.6)"

5- Paulo encerra a sua apresentação falando de seu amor para os que estão em Roma, reconhecendo que também eles estão entre os que Deus chamou para viverem exclusivamente para Ele, que é o significado de ser santo. Sem a graça de Deus, revelada em Jesus Cristo, a paz é uma impossibilidade. É pela graça que somos perdoados, o que nos coloca em paz com Deus, e é pela graça que perdoamos, alcançando paz com todos. Só há paz onde há perdão.

I - ROMA - O DESAFIO DA GRANDE CIDADE

Rm 1.8-10

Primeiramente, dou graças a meu Deus, mediante Jesus Cristo, no tocante a todos vós, porque, em todo o mundo, é proclamada a vossa fé. Porque Deus, a quem sirvo em meu espírito, no evangelho de seu Filho, é minha testemunha de como incessantemente faço menção de vós em todas

as minhas orações, suplicando que, nalgum tempo, pela vontade de Deus, se me ofereça boa ocasião de visitar-vos.

Roma, a cidade eterna, como era designada, era uma cidade voltada ao prazer a qualquer preço, basta lembrar uma das frases atribuídas Júlio César, no tocante a isso: "Quero ser o homem de todas as mulheres, e a mulher de todos os homens". Quão difícil era viver como cristão em meio a tais circunstâncias. Daí a expressão de gratidão de Paulo pelo estilo de vida da Igreja em Roma, testemunhado pelas igrejas de todo o mundo. Certamente referia-se à fidelidade em meio às tentações a que estavam expostos, como à firmeza na fé frente a sempre presente possibilidade de perseguição (eram tempos de Nero – 54dC – 64dC – primeiro imperador a perseguir os cristãos). Referia-se também, provavelmente, a atuação dos cristãos na cidade, o que tornava marcante sua presença. O que foi, no correr da história, testemunhado pelo imperador Juliano (361dC – 363dC) que, embora inimigo do cristianismo, atesta em carta a seu amigo Lucrécio a atuação dos cristãos em favor dos pobres, tanto cristãos como não cristãos.

Este é o desafio de todos os cristãos urbanos (no Brasil, cerca de 80% da população vive nas cidades): ser atuante na cidade sem se deixar envolver por ela, resistindo à tentação de ser derrotado pelo isolacionismo e individualismo egoísta que a cidade propicia. Insistindo em marcar sua presença pela prática da fé, com toda a misericórdia implicada nisso.

Paulo pede a Deus a oportunidade de visitá-los, mas, mais do que isto, os tem sempre como alvo de intercessão (forma veemente de atestar sua sinceridade[vi]).Testemunho da sua consciência quanto à dificuldade de se viver o cristianismo de modo pleno em meio a um ambiente tão hostil. A vida urbana exige vigilância e oração. Como sugerido por Cristo –"Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca." Mc 14.

II - A PREGAÇÃO NECESSÁRIA PARA AS GRANDES CIDADES

Rm 1.11-15

Porque muito desejo ver-vos, a fim de repartir convosco algum dom espiritual, para que sejais confirmados, isto é, para que, em vossa companhia, reciprocamente nos confortemos por intermédio da fé mútua, vossa e minha. Porque não quero, irmãos, que ignoreis que, muitas vezes, me propus ir ter convosco (no que tenho sido, até agora, impedido), para conseguir igualmente entre vós algum fruto, como também entre os outros gentios. Pois sou devedor tanto a gregos como a bárbaros, tanto a sábios como a ignorantes; por isso, quanto está em mim, estou pronto a anunciar o evangelho também a vós outros, em Roma.

Paulo, apóstolo para os gentios (Rm 1.5), quer contribuir e receber contribuição. É a mutualidade da Igreja. Recebemos dons de Deus para nos edificarmos uns aos outros, nossos dons como dom de pregar a Palavra de Deus, por exemplo, e todas as nossas

habilidades são para a edificação do irmão e, conseqüentemente, da Igreja. Todo encontro cristão deveria ser para a edificação, para consolo ou exortação mútua, como quer Calvino[vii]. Ajudemo-nos na caminhada cristã, compartilhando a Palavra de Cristo, estimulemo-nos para não desfalecermos no caminho, exortemo-nos para que rotas sejam corrigidas. É a esta edificação que Paulo chama de fruto (Rm 1.13). Paulo tem sido impedido, Deus tem-lhe posto outras prioridades mais prementes, como em At 16:9,10. Ele, entretanto, estava sempre pronto para anunciar o evangelho também em Roma (não só ajudar a Igreja em Roma na tarefa da evangelização, como aprofundar o conhecimento dos irmãos quanto ao evangelho).

Como Paulo, devemos estar sempre desejosos e prontos para edificar o irmão, como para anunciar o evangelho. Esta é a vida da Igreja. Vida essa, ainda mais necessária no contexto urbano.

III – A DEGRADAÇÃO HUMANA NA GRANDE CIDADE

Rm 1. 16-17

Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê, primeiro do judeu e também do grego; visto que a justiça de Deus se revela no evangelho, de fé em fé, como está escrito: O justo viverá por fé.

Talvez em nenhum outro ajuntamento humano se faça sentir tanto a necessidade de salvação quanto na cidade. Por sua insensibilidade e frieza a cidade põe o ser humano a nu: com suas fraquezas, instintos e deficiências morais. O mundo rural tende a preservar os valores; o mundo urbano a desprezá-los em favor da sobrevivência. Sobreviver torna-se mais importante do que preservar os valores ético-morais. Só o evangelho pode salvar o homem, com especialidade o homem urbano, pois:

1- É o poder de Deus para regenerar qualquer ser humano, assim como para libertá-lo de todo o poder do mal.

2- Não depende do ser humano, pois é fruto de fé e fé é dom de Deus (Ef 2.8); a salvação é imerecida.

3- E assim é porque Deus declara justificado aquele que crê. E no que crê aquele que é justificado por Deus? Crê no fato de que a morte de Jesus Cristo pagou pelos erros da humanidade e, consequentemente, pelos seus erros em particular.

IV – O PONTO MAIS BAIXO A QUE DESCE A HUMANIDADE

Rm 1.18-21

Ira de Deus se revela do céu contra toda impiedade e perversão dos homens que detêm a verdade pela injustiça; porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como

também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato.

A ingratidão leva o homem à impiedade que é a desconsideração total para com Deus e à injustiça que é a desconsideração total para com o próximo. No Jardim, ao oriente do Éden, escolhemos não existir, porém, o Senhor nos preservou a existência. Escolhemos a maldade, porém, o Senhor enche nossos corações de fartura e alegria (At 14.17). A vida, em todos os sentidos, é fruto da graça de Deus, é um milagre. É Deus nos preservando para a possibilidade da salvação. Mas a humanidade não o reconhece, substituindo gratidão por insatisfação e fraternidade e a solidariedade que proveria a sobrevivência de todos por egoísmo, o que provoca a ira justa de Deus.

V – ROMA E AS NY, PARIS, LONDRES, SP, RIO - HOJE

Rm 1.22-25

Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis. Por isso, Deus entregou tais homens à imundícia, pelas concupiscências de seu próprio coração, para

desonrarem o seu corpo entre si; pois eles mudaram a verdade de Deus em mentira, adorando e servindo a criatura em lugar do Criador, o qual é bendito eternamente. Amém!

O ateísmo confesso ou pragmático é a tônica das grandes cidades modernas, a sociedade atual perdeu a dimensão da transcendência, é adoradora de si mesma, colocou a criatura no lugar do criador. Tal como Paulo descreve, fez-se como o mundo politeísta que o apóstolo denuncia. É preciso que os filhos de Deus fiquem atentos, pois, os grandes centros urbanos cada vez mais estão sendo marcados pela loucura que fez o ser humano crer-se auto-suficiente. Esse ateísmo revela-se nos templos de consumo, na vaidade narcisista... as modernas idolatrias.

CONCLUSÃO

Rm 1.26-32

Por causa disso, os entregou Deus a paixões infames; porque até as mulheres mudaram o modo natural de suas relações íntimas por outro, contrário à natureza; semelhantemente, os homens também, deixando o contacto natural da mulher, se inflamaram mutuamente em sua sensualidade, cometendo torpeza, homens com homens, e recebendo, em si mesmos, a merecida punição do seu erro. E, por haverem desprezado o conhecimento de Deus, o próprio Deus os entregou a uma disposição mental reprovável, para praticarem coisas inconvenientes, cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade;

sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, pérfidos, sem afeição natural e sem misericórdia. Ora, conhecendo eles a sentença de Deus, de que são passíveis de morte os que tais coisas praticam, não somente as fazem, mas também aprovam os que assim procedem.

Ao atentar para o estado moral das sociedades modernas, o observador é tentado a pensar na possibilidade de Deus lançar juízo sobre nossas megalópolis, porém, o que nem sempre se dá conta é que este estado de coisas já revela o estado de juízo. O que o apóstolo está descrevendo é o processo de juízo, por causa da ingratidão e do ateísmo idólatra Deus entrega os homens às suas próprias paixões de modo que a maldade da natureza caída da raça humana começa a ter livre curso. Só a graça de Deus pode impedir que sejamos derrotados pelo mal em toda a sua extensão.

Só o evangelho pode salvar nossas cidades!

CAPÍTULO 2

O PERFEITO JUÍZO DE DEUS - *Rm 2*

INTRODUÇÃO

Rm 2.1-4

Portanto, és indesculpável, ó homem, quando julgas, quem quer que sejas; porque, no que julgas a outro, a ti mesmo te condenas; pois praticas as próprias coisas que condenas. Bem sabemos que o juízo de Deus é segundo a verdade contra os que praticam tais coisas. Tu, ó homem, que condenas os que praticam tais coisas e fazes as mesmas, pensas que te livrarás do juízo de Deus? Ou desprezas a riqueza da sua bondade, e tolerância, e longanimidade, ignorando que a bondade de Deus é que te conduz ao arrependimento?

Se Deus vai julgar os que sabem dÊle apenas o que a graça comum permite (em Rm 1.21, o conhecimento de Deus citado é o que, pela graça comum, é comunicado a todos os

homens indistintamente – graça comum é a porção da graça divina que é conferida a todos os seres humanos – At 14.17), quanto mais julgará os que foram alvos da revelação especial. Que, sabendo o que sabem, ao invés de lançar mão do arrependimento, possível pela bondade de Deus, praticam o que sabem ser condenado. Ter revelação especial é ter acesso à bíblia pela mediação do Espírito Santo, esses são mais indesculpáveis que os outros. Quanto mais a gente sabe mais nos tornamos responsáveis por nossos pensamentos e atos.

I- OS JUDEUS DE ROMA SE JULGAVAM MELHORES

Rm 2.5-11

*as, segundo a tua dureza e coração impenitente, acumulas, contra ti mesmo, ira para o dia da ira e da revelação do justo juízo de Deus, que retribuirá a cada um segundo o seu procedimento: a vida eterna aos que, perseverando em fazer o bem, procuram glória, honra e incorruptibilidade; mas ira e indignação aos facciosos, que desobedecem à verdade e obedecem à injustiça. Tribulação e angústia virão sobre a alma de qualquer homem que faz o mal, ao judeu primeiro e também ao grego; glória, porém, e honra, e paz a todo aquele que pratica o bem, ao judeu primeiro e também ao grego. Porque para com Deus não há acepção de pessoas.*

No capítulo 1, Paulo descreve a ingratidão frente à graça comum (que é a graça que atua sobre toda a criação, indistintamente, conferindo-lhe não só a existência, como o

existir com qualidade) que acaba por atrair o juízo de Deus sobre a sociedade; que explica porque os gentios vivem como vivem. Aqui descreve a ingratidão frente à graça especial que, também, deságua em juízo. Que povo tinha condições de cometer tal pecado? Os judeus, que detinham a revelação especial – as escrituras sagradas. Havia muito judeu em Roma. Como, provavelmente, a Igreja em Roma era oriunda dos judeus e prosélitos que, estando em Jerusalém no pentecostes, participaram da primeira grande conversão, voltando depois para Roma e estabelecendo a comunidade, era de se supor que estavam sob a pressão da sociedade judaica, principalmente no que tange ao cumprimento das tradições. Aqui o apóstolo denuncia a hipocrisia dessa comunidade. Em toda a carta os cristãos romanos serão advertidos quanto à pressão judaizante. O conhecimento especial não torna ninguém imune do juízo, pelo contrário, Deus não faz acepção de pessoas. Para Deus o que conta não é se possuímos o conhecimento especial, mas se vivemos de acordo com esse conhecimento.

II- COMO OS CRENTES DE HOJE, TALVEZ

Rm 2.12-16

Assim, pois, todos os que pecaram sem lei também sem lei perecerão; e todos os que com lei pecaram mediante lei serão julgados. Porque os simples ouvidores da lei não são justos diante de Deus, mas os que praticam a lei hão de ser justificados. Quando, pois, os gentios, que não têm lei,

procedem, por natureza, de conformidade com a lei, não tendo lei, servem eles de lei para si mesmos. Estes mostram a norma da lei gravada no seu coração, testemunhando-lhes também a consciência e os seus pensamentos, mutuamente acusando-se ou defendendo-se, no dia em que Deus, por meio de Cristo Jesus, julgar os segredos dos homens, de conformidade com o meu evangelho.

A questão que se põe sempre, diante de todos os que arrogam possuir a revelação especial é sua coerência, e isso perpassa o tempo e as fronteiras de toda a ordem, de modo que todos somos colocados diante dessa questão: o que estamos fazendo com o que sabemos? Paulo aprofunda a questão afirmando que se houver alguém que não conhecendo tal revelação portar-se como se a conhecesse, isso lhe será benéfico no dia do juízo. Fica a advertência: saber sem viver não produz justificação. Ao fazer tais afirmações Paulo não advoga a salvação pelas obras, exalta a graça, pois só ela explica um gentio que sem lei vive a lei, assim como só a ausência da graça explica pessoas que proclamam a lei não conseguirem viver o que dizem crer. Graça não é a garantia de que se será salvo de qualquer jeito, mas a certeza de que se conseguirá viver o que tem de ser vivido. É o poder de Deus socorrendo-nos e levando-nos a ser o que em nós mesmos não o podemos ser. Examinemo-nos a partir de nossa vida para saber se estamos ou não sob a graça. Se o caráter não está sendo mudado à imagem do caráter de Cristo, a graça pode não estar atuando.

III- APARÊNCIA X INTERIOR

Rm 2.17-21

*e, porém, tu, que tens por sobrenome judeu, e repousas na lei, e te glorias em Deus; que conheces a sua vontade e aprovas as coisas excelentes, sendo instruído na lei; que estás persuadido de que és guia dos cegos, luz dos que se encontram em trevas, instrutor de ignorantes, mestre de crianças, tendo na lei a forma da sabedoria e da verdade; tu, pois, que ensinas a outrem, não te ensinas a ti mesmo? Tu, que pregas que não se deve furtar, furtas?*

A questão do confronto entre aparência e interior é complexa, pois, ora se exalta que, o que vai no interior é mais importante do que o aparente, pois, o interior fala da motivação e, muitas vezes, a motivação certa justifica o comportamento aparentemente questionável; ora, por outro lado, levanta-se a questão: Que valor tem uma interioridade que não aparece nos atos? Ou o que aparece nos atos não é a verdadeira interioridade? Ou aparência é o que se tenta demonstrar através de adornos e discursos? Ou é o que aparece nas ações concretas? É a questão que se põe aqui aos judeus: eles têm a aparência (forma de falar e vestir, cumprimento de rituais) de quem crê, mas um comportamento que denuncia um coração longe do que proclama os lábios. Qual é, portanto, sua verdadeira aparência ou o seu verdadeiro interior? E quanto a nós, como a cidade nos vê?

IV- O EXAGERO COM OS CUIDADOS RITUAIS

***Rm* 2.22-24**



izes que não se deve cometer adultério e o cometes? Abominas os ídolos e lhes roubas os templos? Tu, que te glorias na lei, desonras a Deus pela transgressão da lei? Pois, como está escrito, o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa.

Paulo está falando da incoerência judaica, do fato de viverem o oposto do que proclamavam, produzindo, portanto, o contrário do proposto por sua missão de levar o conhecimento de Deus a todos os homens. Ao falar deles fala de todos os que, abraçando essa missão, não vivem à altura da mesma. Como é possível tal incoerência? Entre o que o explica está o exagero com os cuidados rituais, quando a forma substitui o conteúdo. Quando o participar de um ritual torna-se o fim da fé, a incoerência se estabelece. Não há dúvida de que os sacramentos devem ser observados, porém, o centro do sacramento é o seu conteúdo, ou seja, o tipo de comportamento que quem participa do sacramento deve viver. E qual o grande problema da incoerência? A reação dos gentios, que, percebendo a hipocrisia acabam jogando nas costas de Deus a culpa. No tempo em que a carta foi escrita tudo o que acontecia com um povo era visto como competência ou incompetência de seu deus. Daí o porquê do nome de Deus ser blasfemado entre os gentios. Como Paulo analisaria os tempos de hoje, a nossa influência sobre a cidade. O quanto nós temos sido diferentes dos judeus de então?

V- OS CUIDADOS QUE DEVEMOS TER HOJE

***Rm* 2.25-27**

Porque a circuncisão tem valor se praticares a lei; se és, porém, transgressor da lei, a tua circuncisão já se tornou incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão observa os preceitos da lei, não será ela, porventura, considerada como circuncisão? E, se aquele que é incircunciso por natureza cumpre a lei, certamente, ele te julgará a ti, que, não obstante a letra e a circuncisão, és transgressor da lei.

Escreveu Gilberto Gil, cantor e compositor da música popular brasileira, criticando um religioso, de prática aparentemente duvidosa, quanto à arrecadação de contribuição financeira entre os seus fiéis, que, no afã de demonstrar o seu ponto de vista sobre a questão da idolatria, chutou uma imagem de Maria Aparecida, tida pelos católicos como padroeira do Brasil: "Ele diz que tem, que tem como abrir o portão do céu/ Ele promete a salvação/ Ele chuta a imagem da santa, fica louco-pinel/ Mas não rasga dinheiro, não/ Ele diz que faz, que faz tudo isso em nome de Deus/ Como um Papa da Inquisição/ Nem se lembra do horror da noite de São Bartolomeu*/ Não, não lembra de nada não/ Não lembra de nada, é louco/ Mas não rasga dinheiro/ Promete a mansão no paraíso/ Contanto que você pague primeiro/ Que você primeiro pague o dinheiro/ Dê sua doação, e entre no céu/ Levado pelo bom ladrão/ Ele pensa que faz do amor sua profissão de fé/ Só que faz da fé profissão[viii]

Perceba o que Paulo está dizendo e que o juízo que o compositor faz do religioso salienta: ser ímpio não é ser incapaz de fazer um juízo moral. Seremos julgados, pelos que nos observam, se não formos coerentes. E mais, eles por não observarem em nós o comportamento que nós pregamos ser o correto, mais do que nos julgarem, sentenciarão que eles estão mais certos que nós. Nós devemos estar de olho na cidade para influenciá-la, sabendo que a cidade, também, está de olho em nós.

CONCLUSÃO

Rm 2.28-29

Porque não é judeu quem o é apenas exteriormente, nem é circuncisão a que é somente na carne. Porém judeu é aquele que o é interiormente, e circuncisão, a que é do coração, no espírito, não segundo a letra, e cujo louvor não procede dos homens, mas de Deus.

A circuncisão foi o sinal que demonstrava que o homem e sua família faziam parte do pacto que Deus celebrou com Abraão (Gn 7.1-14), porém, diz Paulo, ela apontava para algo mais profundo, a circuncisão do coração, que implicava em mudança da natureza humana, se a circuncisão do coração não acontece, a circuncisão da carne perde o valor. Assim é o participar de todos os rituais de que participamos, se eles não falam do que está acontecendo em nosso coração, tornam-se por si mesmos vazios. O pior de tudo isso é que os que convivem conosco o percebem e, mais do que chamar-nos de hipócritas, desprezam o Deus Eterno. Isso provoca sobre nós e sobre eles o perfeito juízo de Deus.

CAPÍTULO 3

O PECADO UNIVERSAL E A SALVAÇÃO PELA FÉ - *Rm 3*

INTRODUÇÃO

Rm 3.1-4

Qual é, pois, a vantagem do judeu? Ou qual a utilidade da circuncisão? Muita, sob todos os aspectos. Principalmente porque aos judeus foram confiados os oráculos de Deus. E daí? Se alguns não creram, a incredulidade deles virá desfazer a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma! Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem, segundo está escrito: Para seres justificado nas tuas palavras e venhas a vencer quando fores julgado.

O fato de alguém que, tendo a verdade, não vivê-la, torna a verdade menos verdade? Não, claro que não, a verdade vale por si mesma. Mas o fato do portador da verdade não tê-la vivido, não tira dele todo o mérito? Não, porque, ainda que não a tenha vivido, ele a anunciou, e, de alguma maneira, ele semeou alguma esperança, de modo que o mundo a seu redor, ainda que de forma rarefeita, experimentou um pouco de luz e de esperança.

Ele sempre terá o mérito de ter a verdade e isso sempre pesará em seu favor. Essa é argumentação de Paulo para sustentar que o judeu está em vantagem por ter o conhecimento da verdade e a marca (a circuncisão) do fato de que Deus fez um pacto com os homens, que, começando por alguns, quer estender a todos. E a fidelidade de Deus se mantém independente da fidelidade dos homens, e, mais, quanto maior a infidelidade humana, mais demonstrada fica a fidelidade de Deus.

I - O PECADO DO HOMEM ONTEM E HOJE

Rm 3.5-8

Mas, se a nossa injustiça traz a lume a justiça de Deus, que diremos? Porventura, será Deus injusto por aplicar a sua ira? (Falo como homem.) Certo que não. Do contrário, como julgará Deus o mundo? E, se por causa da minha mentira, fica em relevo a verdade de Deus para a sua glória, por que sou eu ainda condenado como pecador? E por que não dizemos, como alguns, caluniosamente, afirmam que o fazemos: Pratiquemos males para que venham bens? A condenação destes é justa.

Bom, então essa coisa de coerência não é tão importante assim, poderia dizer alguém, uma vez que quanto mais infiéis somos mais se destaca a fidelidade de Deus! Por que nos julgaria Deus, se estamos promovendo-lhe a glória? Em primeiro lugar porque não é essa a glória que Deus procura, e sim a que aparece quando aqueles que proclamam Sua palavra vivem-na. Segundo porque o saber necessariamente gera o responsabilizar-se.

Ninguém pode saber impunemente. Os pecadores de ontem e de hoje sofrem da mesma tentação frente ao erro cometido: a racionalização de seu pecado, a tentativa de diminuir a intensidade de seu erro pela exaltação da graça de Deus: o mau uso do famoso adágio "há males que vêem para bem". Deus levará tais a juízo porque não há desculpas para a incoerência, pois a graça está a nossa disposição. Pela graça de Deus podemos viver o que dizemos crer.

II - A PRESENÇA DA JUSTIÇA DE DEUS

Rm 3.9-18

Que se conclui? Temos nós qualquer vantagem? Não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado; como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconheceram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos.

Essa prática comum entre os pecadores de ontem e de hoje não é mera coincidência, é demonstração da natureza do ser humano depois da queda. Neste trecho observamos a

descrição dessa natureza. Isso é o que somos se a graça divina não opera. Não é de estranhar, portanto, a violência e a angústia que presenciamos em nossas cidades. O que Paulo nos mostra é o que nos iguala e não o que nos separa. Por isso, antes de embarcarmos em campanhas por pena de morte ou em reações preconceituosas à violência, lembremo-nos: somos todos iguais. Se não estamos todos mergulhados no mesmo mar de sangue, devemo-lo única e exclusivamente à graça que está em Cristo, aliás, só através de justiça que está em Cristo podemos ser perdoados de ser desse jeito e, mais, transformados.

I - COMO ESTA JUSTIÇA SE EXPRESSA EM CRISTO

Rm 3.19-20

Ora, sabemos que tudo o que a lei diz, aos que vivem na lei o diz para que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus, visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei, em razão de que pela lei vem o pleno conhecimento do pecado.

Alguém poderia dizer: Se a gente procurar cumprir a lei, isso não nos livrará desse mal? Não é isso que diferencia as pessoas: as que cumprem a lei e as que nem se importam com ela?

Sinto muito, mas a lei não veio para nos salvar, mas para deixar claro que por nós mesmos não o conseguiremos. Não temos força para isso, para produzir a nossa própria

salvação; ninguém fica imune ao pecado, pode é ficar-lhe ignorante, mas a lei está aí para acabar com essa ignorância e revelar nossa impotência. Todos os que tentam cumprir a lei, se forem sinceros, terão de admitir que não o conseguem, o coração está marcado pela queda. A constatação dessa impotência leva-nos à posição de carentes de uma outra fonte de justificação, isto é, de uma outra maneira de conseguir o perdão dos pecados, de uma outra maneira pagar o que é devido à justiça divina. Aí entra Jesus Cristo, cujo sacrifício é a única propiciação pelos nossos pecados. "Nisto consiste o amor: não em que nós tenhamos amado a Deus, mas em que ele nos amou e enviou o seu Filho como propiciação[ix] pelos nossos pecados" (1Jo 4.10).

III - A FÉ EM CRISTO ÚNICA PORTA DE ESCAPE

Rm 3.21-23

Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que crêem; porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus,

Como vimos, a lei não tem em si mesma poder para nos salvar, pelo contrário, tem poder para nos condenar, ou melhor, para demonstrar o porquê de estarmos condenados. Portanto, se fossemos depender da lei estaríamos perdidos, por isso o texto diz: - "sem lei". A justiça que "se manifestou" é a de Deus, a mesma que a lei e os profetas pregaram,

isto é, a justiça de Deus que precisa ser satisfeita para que possa haver salvação. Quando o texto diz a justiça que se manifestou, está, de fato, falando da satisfação da justiça de Deus, é como se o apóstolo tivesse dito: "manifestou-se uma forma de satisfazer a justiça de Deus sem precisar do cumprimento da lei". E que forma é esta? A fé em Jesus Cristo. A fé de que Cristo ao morrer, com seu sacrifício, satisfez a justiça de Deus, isto é, pagou o preço que a justiça de Deus cobrava do homem como reparação por nosso ato de rebeldia. Estaria esta fé sendo oferecida apenas aos que já tinham conhecimento da lei, portanto, conhecimento de seu pecado? Não! Está à disposição de todos os homens, "pois todos pecaram e carecem da glória de Deus" Glória de Deus aqui parece ter o significado que aparece em Ex 33.19, a bondade de Deus que Lhe permite ser misericordioso com quem desejar; e todos precisam dessa misericórdia. Logo a salvação de Deus está à disposição de todos os seres humanos, independente do contato que tiveram ou não a lei, porque o pecado, aqui, é mais que a transgressão da lei é o estado da natureza humana, resultante do ato de rebelião.

V - TODOS TEMOS ACESSO A ELA

Rm 3.24-26

Sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus propôs, no seu sangue, como propiciação, mediante a fé, para manifestar a sua

justiça, por ter Deus, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos; tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, para ele mesmo ser justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

O ato de Cristo Jesus tem como fonte a graça de Deus, o Seu desejo de aplicar a sua bondade sobre a humanidade. Ele o fez por meio de Cristo, o autor da redenção. Deus o fez propiciação. Propiciatório era a tampa da arca da aliança, o lugar onde os requisitos de Deus eram satisfeitos, ou seja, onde o sangue do novilho sacrificado deveria ser aspergido como propiciação pelos pecados do povo (Lv 16.15), isto é, como pagamento pelo pecado; era a única forma de aplacar a ira de Deus por causa do pecado do povo. Jesus Cristo foi feito propiciação, isto é, foi o seu sangue que foi "espiritualmente" aspergido sobre a arca da aliança para aplacar a ira de Deus contra os homens por causa de nossos pecados; e Ele o fez de uma vez por todas. Pela fé, isto é, crendo que o sangue de Jesus Cristo é o único meio de aplacar a ira divina, fazemos com que esta aspersão seja eficaz no nosso caso também. Quando uma pessoa crê em Jesus Cristo como único salvador o ato de propiciação é aplicado a ele. Alguém poderia perguntar: -Por que Deus esperou tanto tempo para fazer isto? E por que só por meio de Cristo? A resposta de Paulo explica que só por meio de Cristo Deus poderia ser justo e justificador, isto é, se Deus não tivesse providenciado um sacrifício que realmente fosse eficaz para pagar pelo erro da raça humana, Ele não poderia salvar nenhum ser humano, pois, fazê-lo sem antes providenciar tal sacrifício faria com que Deus instalasse no universo um princípio de injustiça. Não é possível salvar o culpado à revelia da justiça. Ao mandar Cristo para a cruz, Deus tornou possível a salvação do ser humano sem incorrer em injustiça, pois, a salvação do homem

se sustenta no sacrifício de Jesus. Por causa do sacrifício de Cristo, Deus, que é justo, sem deixar de sua justiça pode ser justificador. E é bom lembrar que, como nos informou o apóstolo Pedro, o sacrifício de Cristo é anterior à criação do mundo (1Pe 1.18-20).

VI - CONCLUSÃO

Rm 3.27-31

Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei. É, porventura, Deus somente dos judeus? Não o é também dos gentios? Sim, também dos gentios, visto que Deus é um só, o qual justificará, por fé, o circunciso e, mediante a fé, o incircunciso. Anulamos, pois, a lei pela fé? Não, de maneira nenhuma! Antes, confirmamos a lei.

Ninguém pode orgulhar-se de sua condição diante de Deus. Esta é a afirmação de Paulo. Ele está pensando, principalmente, nos judeus que se orgulhavam de serem cumpridores da lei. O apóstolo está certo de que provou, à exaustão, que a justificação de Deus não passa pelo cumprimento da lei, mas, pelo sacrifício de Cristo que é por todos e acessível a todos pela fé. Deus é Deus de todos afirma Paulo, e com razão. E o que aconteceu, então, com a lei, estava errada? Não, pelo contrário, a lei sempre apontou para a graça, pois, ao demandar do homem um comportamento que lhe era impossível, revelava-lhe a necessidade de um meio, de fato, eficaz para a sua salvação. Este meio é a graça em Cristo Jesus.

CAPÍTULO 4

"O MITO DO HOMEM NOTÁVEL" - *Rm 4*

INTRODUÇÃO

Romanos 4:1a3

Que, pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado por obras, tem de que se gloriar, porém não diante de Deus. Pois que diz a Escritura? Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça.

No capítulo 3, o Apóstolo demonstrou que a justificação é apenas pela fé em Cristo Jesus, deixando claro que a fé suplanta a questão da circuncisão e da lei. Não que negue a lei, pelo contrário, segundo Paulo, a confirma, porque, na visão de Paulo, a lei aponta para a necessidade da fé.

Restava, entretanto, uma questão, que seria: Qual o apoio que as Escrituras dão para esta tese? No capítulo 4, o apóstolo Paulo chama à tona este apoio: fala do próprio Abraão, deixando claro que a justificação de Abraão também foi resultado da sua fé. O apóstolo evoca o capítulo 15 do livro de Gênesis, onde Deus, diante da angústia de Abraão, que lamenta não ter um descendente, aponta-lhe as estrelas e a areia da praia, garantindo-lhe que a sua descendência teria tais dimensões. Abraão crê; e conforme o texto citado por Paulo, versículo 6: ***"isto lhe foi imputado para justiça"***. Desta forma, Paulo tem a referência bíblica necessária para sustentar o seu argumento: Abraão, patriarca-mor, foi justificado não pelo conjunto de obras que tivesse realizado ou que viesse a realizar, mas por sua fé na palavra de Deus.

A IMPORTÂNCIA DADA A ABRAÃO PELO JUDEU

Romanos 4: 4 a 6

Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e sim como dívida. Mas, ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é atribuída como justiça. E é assim também que Davi declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras.

O povo judeu é descendente de Abraão, por meio de seu filho Isaque. Esta descendência é muito cara ao povo de Israel, não apenas por ter sido Abraão chefe de um clã que tornou-se uma grande nação, de reconhecida importância na História, mas, principalmente, pelo que esta descendência significa em termos espirituais. Ser descendente de Abraão é ser herdeiro de um pacto com Deus; é fazer parte de uma história cheia de significados e de uma importância crucial para o destino da humanidade. Daí, a figura de Abraão ser uma figura de proeminência inquestionável, inatacável e inalcançável.

Baseado nisto mesmo é que Paulo chama Abraão por testemunha. Ao deixar claro que a justiça de Abraão não foi resultado de seu trabalho, ou mesmo de sua obediência à ordem de Deus quando este determinou-lhe que saísse de sua casa, de sua parentela; Paulo advoga que a justiça de Abraão é fruto de sua fé. Foi a sua fé que foi atribuída como justiça. E isto, sem dúvida alguma, deixa todos os adversários de Paulo numa situação bastante difícil.

E Paulo chama uma outra testemunha, ainda: Davi, que declara que bem-aventurado é o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras, numa citação do Salmo 32, versículos 1 e 2. Aprendemos, então, com Paulo, que Deus declara justo o ser humano que crê na sua palavra. Isto não é fruto de suas obras, mas fruto da graça de Deus. E a maior prova disso é o próprio Abraão, patriarca dos patriarcas, pai da fé.

SUA VULNERABILIDADE HUMANA

Romanos 4:7 a 10

*em-aventurados aqueles cujas iniqüidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado. Vem, pois, esta bem-aventurança exclusivamente sobre os circuncisos ou também sobre os incircuncisos? Visto que dizemos: a fé foi imputada a Abraão para justiça. Como, pois, lhe foi atribuída? Estando ele já circuncidado ou ainda incircunciso? Não no regime da circuncisão, e sim quando incircunciso.*

Ao citar Davi, declamando "bem-aventurados aqueles cujas iniqüidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem Deus jamais imputará pecado", Paulo coloca Abraão na raça humana, deixando claro que o patriarca é um homem como qualquer outro: que precisava de justificação, que precisava de perdão para os seus pecados, que dependia única e exclusivamente da graça divina, como qualquer ser humano, de qualquer época, de qualquer nação. E Paulo faz isso para tornar ainda mais incisiva a importância da fé; não apenas falar da sua importância, mas, também, para falar da sua importância. Por quê?

Porque havia entre os judeus a idéia de que a fé só tem efeito para os que, primeiro, obedecem a lei, ou, primeiro, celebram os pactos. Paulo quebra esta lógica ao ressaltar que Abraão creu, e isto lhe foi imputado por justiça quando ele ainda estava incircunciso, ou seja, antes da celebração de qualquer pacto. Isto, obviamente, dá à questão da fé uma

amplitude transnacional, porque, se a fé foi possível a Abraão quando ainda incircunciso, não a nada que impeça que ela seja atribuída a qualquer humano, independente de estar ou não circuncidado, de ter ou não algum pacto prévio com Deus, de saber ou não previamente das demandas de Deus. Nesta fala de Paulo, está registrada a universalidade do chamado cristão, do chamado de Deus: a fé é uma possibilidade estendida a qualquer ser humano. É óbvio que, se isso traz aos gentios, como nós, esperança, traz, aos judeus, humildade.

Paulo deixa claro que Abraão não é apenas o pai dos judeus: Abraão é o grande símbolo do homem falível, pecador, a quem a possibilidade da fé é estendida pelo Todo Poderoso, mediante a Sua graça.

EMBORA PAI DA FÉ, PECOU

Romanos 4:11 a 14

E recebeu o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé que teve quando ainda incircunciso; para vir a ser o pai de todos os que crêem, embora não circuncidados, a fim de que lhes fosse imputada a justiça, e pai da circuncisão, isto é, daqueles que não são apenas circuncisos, mas também andam nas pisadas da fé que teve Abraão, nosso pai, antes de ser circuncidado. Não foi por intermédio da lei que a Abraão ou a sua descendência coube a promessa de ser herdeiro do mundo, e sim mediante a justiça da fé. Pois, se os da lei é que são os herdeiros, anula-se a fé e cancela-se a promessa.

O apóstolo Paulo, nestes versículos, inverte a lógica judaica. A lógica judaica dizia que a fé, como já vimos, é subproduto do pacto, ou seja, só os que previamente celebravam um pacto com Deus, e a este pacto são obedientes, têm o benefício da fé. Paulo inverte isso. Paulo diz que é o contrário, que a fé é que gera o pacto; que primeiro Abraão creu, e, depois, foi circuncidado. Isto significa que a circuncisão vem como um selo de que ele foi justificado, e não como um requisito para que ele seja justificado. Primeiro se crê, depois celebra-se o pacto.

E isto é muito interessante porque o Paulo está trabalhando a partir do episódio em que, depois de ter perambulado pelo Egito e cometido transgressão, não só a transgressão de descido para o Egito sem a devida permissão de Deus, mas também a transgressão de ter entregue a sua esposa aos príncipes egípcios, e de ter se enriquecido às custas disso, Abraão volta para a terra de onde jamais deveria ter saído. E é ali que Deus marca um encontro com ele, o encontro descrito no capítulo 15 do livro de Gênesis. Portanto, Abraão, que está frente a frente com Deus, é um homem que vem de uma história recente de transgressões. E o que realmente leva-o a receber de Deus a declaração de justificado é a sua fé, a fé naquilo que Deus lhe disse com respeito ao que viria ser a sua descendência.

A circuncisão vem depois. E Paulo deixa claro que a circuncisão só foi possível como pacto porque Abraão, primeiramente, creu na palavra de Deus. Dessa forma, advoga o apóstolo, Abraão é pai da circuncisão, como

propagandeiam os judeus, mas não apenas da circuncisão: ele é pai de todos os que crêem, mesmo que não sejam circuncidados. Porque como advoga o apóstolo dos gentios, a fé é o princípio de tudo; a fé o alicerce para todos os pactos, e não o contrário.

Portanto, seja o pacto da circuncisão, seja o pacto da lei, todos eles são posteriores à fé. E a justificação, portanto, a declaração de Deus de que determinado ser humano passa a ser considerado justo se sustenta em algo que acontece antes dos pactos. Mais do que isso: algo que, em acontecendo, dá lugar à possibilidade da celebração de pactos. E esse algo é a fé. Paulo está dizendo: "sem fé, não há pacto". E aqui, fica subentendido que pacto sem fé é nulo, porque é pacto celebrado sobre nenhum alicerce. E a fé que dá significado aos pactos, e não o contrário. Desta forma, ser filho de Abraão prescinde dos pactos, prescinde da circuncisão ou da lei. Só não prescinde da fé.

O CUIDADO QUE DEVEMOS TER HOJE COM OS MITOS

Romanos 4:15 a 18

Porque a lei suscita a ira; mas onde não há lei, também não há transgressão. Essa é a razão por que provém da fé, para que seja segundo a graça, a fim de que seja firme a promessa para toda a descendência, não somente ao que está no regime da lei, mas também ao que é da fé que teve Abraão (porque Abraão é pai de todos nós, como está escrito: Por pai de muitas nações te constituí.), perante aquele no qual creu, o Deus que vivifica os mortos e chama à existência as coisas que não existem. Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe fora dito: Assim será a tua descendência.

Essa questão do mito é uma questão basicamente universal. Todos os povos têm os seus mitos. Parece que a humanidade está sempre tentando evocar exemplos de superação, sempre tentando se estribar na possibilidade do super-homem, na possibilidade de, segundo suas próprias forças, triunfar sobre as suas fraquezas. Entretanto, o mito é uma falácia: tais super-homens não existem, e jamais existiram.

O triste da situação, o que a agrava, é que muitas vezes seres humanos que não foram mais do que carne e osso, seres falíveis, que dentro de suas parcas possibilidades foram agraciados por Deus, são transformados em mitos por seus descendentes. E foi isso que aconteceu com Abraão por parte dos judeus. O apóstolo Paulo insiste em recordar aos seus leitores a humanidade de Abraão, que ele não

tornou-se o que se tornou por força própria; pelo contrário, foi única e exclusivamente pela fé. E Paulo agrega: tem de ser pela fé, porque, de outra forma, seria uma recompensa, uma recompensa pelo cumprimento da lei, ou pela celebração de um pacto. E mais ainda: a lei traz a divisão entre os homens, porque funcionaria como uma seleção, separando os homens entre os que são capazes de cumprir a lei, e os que não são; ou melhor, entre os que se julgam capazes, uma vez que ninguém o é. E isso traria uma situação ainda mais delicada, porque estabeleceria um relacionamento baseado no preconceito, na ira, na inimizade entre aqueles que, embora incapazes, se julgam capazes de cumprir a lei e celebrar os pactos, e aqueles que simplesmente admitem não só a ignorância dos pactos, como de celebrá-los e obedecer-lhes as demandas.

Paulo diz: tem de ser pela fé, porque a fé iguala todos os homens, e a fé se sustenta apenas e tão somente na graça de Deus. “O Abraão mito não existe”, diz Paulo, “o Abraão que existe é o Abraão da fé, aquele que esperando contra a esperança creu; tornou-se o que tornou-se porque creu na palavra de Deus, mesmo quando a palavra de Deus disse o que aparentemente era impossível, de que um homem velho e uma mulher igualmente idosa, teriam um filho; de que um homem sem filho seria pai de nações, de muitas nações.”

A QUEDA DOS HOMENS DE DEUS

Romanos 4:19-22

*, sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo amortecido, sendo já de cem anos, e a idade avançada de Sara, não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus, estando plenamente convicto de que ele era poderoso para cumprir o que prometera. Pelo que isso lhe foi também imputado para justiça.*

O apóstolo Paulo sustenta que o que manteve Abraão foi a sua fé. Em nenhum momento, ele duvidou. As condições eram-lhe contrárias; entretanto, ele foi vitorioso por causa da sua convicção, a convicção do poder de Deus para cumprir o que prometera.

Ao declarar isto, o escritor da carta aos romanos dá-nos também a receita para mantermo-nos firmes na jornada cristã. E a receita é simples: fé no caráter e no poder de Deus, fé na sua promessa. E a idéia básica é de que, sem essa fé, não há força que nos mantenha no caminho da salvação. E mesmo em relação a nós: não há poder para lidar com a contradição contida na proposta cristã, onde pecadores são desafiados a serem justos, e injustos são desafiados a serem santos.

Paulo exalta a fé, não apenas como caminho para a justificação, que é uma declaração de Deus a respeito do ser humano, mas também como meio de manutenção; isto é, sem fé é impossível manter-se firme, porque a fé é que dá a Deus a condição de sustentar-nos. Ao dizer isso, Paulo também denuncia o motivo de nosso fracassos, e o motivo é a falta de fé.

Mas falta de fé é mais do que a incapacidade de acreditar: é a pretensão de fazer ou de tentar lograr êxito às custas da própria força. Parece que é aqui que todos os que caíram, tropeçaram. Por algum motivo, em algum momento, no meio do caminho, ou já perto do fim, entenderam que podiam por si sós; de tanto nadarem, julgaram-se peixes, esquecendo-se de que o que os mantinha vivos em meio a um ambiente inóspito era a bolha de ar que a graça de Deus lhes propiciava. Paulo exalta a questão da fé, agora não mais como um ponto de partida, mas como um segredo para existência.

CONCLUSÃO

Romanos 4:23 a 25

E não somente por causa dele está escrito que lhe foi levado em conta, mas também por nossa causa, posto que a nós igualmente nos será imputado, a saber, a nós que cremos naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor, o qual foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação.

O Paulo nos ensina que a fé de Abraão, que produziu um tipo de fé que ele viveu, está na base, não só da história de Abraão, mas na história de todos os homens. O autor da carta aos romanos revela-nos que Deus estabeleceu a fé como portal para a entrada no Reino, pensando na universalidade do seu chamado. Nem todos os povos foram alvos da

revelação divina, no que tange à Criação, à Queda. Nem todos os povos receberam a revelação da existência de Deus, ou foram chamados a celebrar pactos com Ele. De fato, somente o povo de Israel desfrutou deste privilégio, até porque cabe, ou coube ao povo de Israel, um papel único na História: o de trazer à História o filho de Deus. Daí porque terem recebido tal nível de revelação. Aos demais povos este privilégio não foi oferecido; porém, graças ao fato de que, por determinação divina, a salvação só pode ser obtida pela graça, mediante a fé, todos os homens, de todos os povos, podem alcançá-la.

O apóstolo Paulo diz que isto é assim, não apenas para o bem de Abraão ou de seu povo, mas para o bem de todos, todos os que tiverem fé naquele que ressuscitou dentre os mortos, em Jesus, nosso Senhor. Todos os que tiverem fé no fato de que Jesus foi entregue por causa das nossas transgressões, e que ressuscitou por causa da nossa justificação, ou seja, todos os que acreditarem que Jesus, ao morrer, satisfez a justiça de Deus, pagando pelo nosso crime, e que a sua ressurreição é prova inconteste de que o Seu sacrifício foi aceito, e, portanto, nEle crerem, serão declarados justos.

CAPÍTULO 5

"JUSTIFICAÇÃO E RECONCILIAÇÃO" - *Rm 5*

INTRODUÇÃO

Rm 5.1-5

Justificados, pois, mediante a fé, temos paz com Deus por meio de nosso Senhor Jesus Cristo; por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso, pela fé, a esta graça na qual estamos firmes; e gloriamo-nos na esperança da glória de Deus. E não somente isto, mas também nos gloriamos nas próprias tribulações, sabendo que a tribulação produz perseverança; e a perseverança, experiência; e a experiência, esperança.

No capítulo 5, somos informados da conseqüência imediata desta justificação: paz com Deus. De fato, a grande angústia da humanidade residia no estado de guerra que havia entre nós e Deus, resultado de nossa rebelião no passado, rebelião esta que lançou-

nos numa dimensão de trevas, e condenou-nos a um estado eterno de beligerância com Deus, conosco mesmos e entre nós mesmos.

A justificação por meio da fé é o fechar de um portal, e o abrir de um outro: fecha-se a porta da guerra, da angústia, da incerteza e da morte e abre-se o portal da esperança, da graça, da certeza, da paz. Tudo isso graças a Jesus Cristo: foi por causa do seu sacrifício que obtivemos acesso a essa situação nova, a este estado de graça. É nessa graça que nós estamos firmes, e nossa esperança, agora, é que a bondade de Deus há de ser a nossa morada para sempre, e tudo que Jesus Cristo conseguiu por nós, e para nós, é acessado mediante a fé.

A FÉ E A PAZ COM DEUS

Romanos 5:4 a 6

*a perseverança, experiência; e a experiência, esperança. Ora, a esperança não confunde, porque o amor de Deus é derramado em nosso coração pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado. Porque Cristo, quando nós ainda éramos fracos, morreu a seu tempo pelos ímpios.*

Paulo encerra o primeiro trecho, até o versículo 3, falando que agora nos gloriamos na esperança da glória de Deus. O nosso maior trunfo, portanto, agora, é a certeza de que alcançaremos a glória que Deus havia reservado para aqueles criados à sua imagem e

semelhança, e que tínhamos perdido por causa da nossa rebelião. Agora, graças a Jesus cristo, por meio da fé, voltamos a ter esta esperança, de que seremos aquilo para o qual fomos criados.

Paulo, entretanto, acrescenta que não nos gloriamos apenas na nossa esperança, mas nas próprias tribulações que estamos sofrendo, porque graças à fé que nos foi doada, e graças ao amor de Deus que foi derramado pelo Espírito Santo em nossos corações, sabemos que tais tribulações não são mais conseqüências da ira de Deus, porque esta não repousa mais sobre nós. Sabemos que, agora, cada passo da vida está sendo dirigido, orquestrado por Deus, para produzir em nós o caráter que, de fato, deve ser a distinção de um ser humano. Estas tribulações, portanto, hão de produzir em nós perseverança, capacidade de permanecer naquilo que cremos, naquilo que sabemos ser a verdade, experiência, que agora é extremamente necessária na batalha que estamos travando, uma vez que, libertos do mal, tornamo-nos soldados do bem, cujo objetivo, entre outros, é o de enfrentar o mal sob todas as suas formas, de modo que a luz triunfe sobre as trevas. Cada tribulação, cada luta, há de aumentar a nossa experiência, e conseqüentemente a nossa eficiência nessa batalha. E essa experiência há de aumentar a nossa esperança, o que já anuncia que esta experiência é sempre positiva, é sempre uma experiência de vitória; o que é, portanto, dizer que crescemos no conhecimento do poder de Deus e crescemos na certeza da vitória. Isso faz com que a nossa esperança seja ainda maior. E essa esperança é fruto do amor de Deus, porém aperfeiçoada no calor e fragor da batalha. O que essa

esperança nos anuncia à medida em que aumenta, à medida quem vai se tornando cada vez mais sólida, à medida em que a convicção vai tomando conta do nosso coração, é que a obra que Cristo fez por nós é profunda, decisiva, e abrangente. Ela permitiu-nos ser habitação do Espírito Santo, e fez-nos conscientes do grande amor que Deus nutre por nós; e a cada batalha experimentamos mais da eficácia deste amor em nossas vidas, e assim a nossa fé se enrobustece.

Portanto, como cristãos, enfrentamos agora as lutas e as batalhas da vida com outra perspectiva, porque a cada batalha, e a cada luta, nos conscientizamos mais do poder que em nós habita, e do amor que Deus nutre por nós.

COMO ISTO PODE SER ALCANÇADO COM CRISTO

Romanos 5:7 a 9

Dificilmente, alguém morreria por um justo; pois poderá ser que pelo bom alguém se anime a morrer. Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores. Logo, muito mais agora, sendo justificados pelo seu sangue, seremos por ele salvos da ira.

A grande certeza que invade o nosso coração a cada luta, e a cada batalha, se sustenta de fato na inexplicabilidade do sacrifício de Jesus Cristo. Jesus Cristo, um justo, morre

pelos ímpios, ou, na linguagem de Paulo, quando ainda éramos fracos, ou seja, quando não tínhamos absolutamente nada a oferecer. Paulo diz: "morrer por um justo já é complicado, quanto mais morrer por pecadores."

Como podemos, e como alcançamos este nível de esperança, este nível de certeza, que a cada tribulação ganhamos? Alcançamos através da compreensão cada vez maior que vamos ganhando do significado do sacrifício de Jesus. Vamos nos dando conta de que este sacrifício é a maior prova que Deus poderia ter dado de seu amor por nós, e vamos nos dando conta de que, sendo nós pecadores, fomos agraciados por tal nível de sacrifício; muito mais agora, que por meio da fé que nos foi doada e recebemos a justificação, seremos salvos pela vida de Cristo. Isto é, começamos a compreender que a morte de Cristo nos tirou do inferno, mas que a obra de Cristo não pára aí. O objetivo de Cristo é tirar o inferno de nós, e isto é obra da sua vida em nós.

Não somente Cristo morreu por nós, mas ele derramou a sua vida, o seu espírito em nós. E agora, a sua vida em nós há de nos fazer, cada vez mais, parecidos com ele, cada vez mais, vitoriosos. Com Cristo, de fato, alcançamos a glória, porque se, com a sua morte, ele nos tirou do inferno, com sua vida ele tira o inferno de nós. Esta é a grande obra do Espírito Santo. Assim, somos reconciliados com Deus, e compreendemos que se reconciliar com Deus é mais do que voltar para ele, mas é entrar nEle ao mesmo tempo em que Ele entra em nós. Reconciliação é uma transformação.

ADÃO COMO SÍMBOLO DO PECADO E PERDIÇÃO

Romanos 5: 12 a 15

Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram. Porque até ao regime da lei havia pecado no mundo, mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. Entretanto, reinou a morte desde Adão até Moisés, mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão, o qual prefigurava aquele que havia de vir. Todavia, não é assim o dom gratuito como a ofensa; porque, se, pela ofensa de um só, morreram muitos, muito mais a graça de Deus e o dom pela graça de um só homem, Jesus Cristo, foram abundantes sobre muitos.

Por que somos como somos? Certamente, esta é uma pergunta que já inquietou o seu coração numa ou noutra vez. Como a humanidade tornou-se no que é hoje? É a pergunta que Paulo responde neste trecho.

Adão, representante primeiro da raça humana, é o grande responsável. Foi por meio dele que o pecado entrou no mundo, e, com o pecado, a morte. Morte é a separação de Deus. O pecado é a degeneração da natureza humana, a queda da natureza humana. Pecado, aqui, não é apenas um ato moral: é uma alteração da natureza. Quando o primeiro homem, em nome de toda a humanidade, rompeu com Deus, ele não apenas condenou-se e a todos os seus descendentes a estarem para

sempre separados de Deus, como produziu uma profunda alteração na natureza humana, que tornou-se, por definição, pecaminosa, ou seja, a partir do seu ato todos os seres humanos nasceriam, inexoravelmente, pecadores. Portanto, a nossa natureza tornou-se má, e isto é universal.

Agora, antes que a lei fosse promulgada por Moisés, esta condição não era demonstrada de forma contundente, mas com o advento da lei o estado de alma do seres humanos, o estado de espírito, a natureza humana foi plenamente denunciada. E, ao ser denunciada, por incrível que possa parecer, à primeira vista, apareceu um caminho de esperança, porque o fato de Deus, por meio da lei mosaica, denunciar o estado pecaminoso do homem, significa que ele resolveu fazer algo a respeito disso. Não tivesse havido nenhuma reação de Deus, isso significaria que Deus estava apenas dando tempo ao tempo, até que a própria raça humana cavasse a sua destruição final. Mas tal denúncia revela disposição de Deus em libertar-nos, porque o caminho para a cura começa com a consciência da enfermidade. Só quem é conscientizado de sua enfermidade tem, de fato, condições de dar os passos necessários para a cura; e a cura veio por intermédio de Jesus Cristo, de modo superabundante. Essa cura é uma dádiva de Deus, que chega até nós pela graça ministrada e possibilitada pelo sacrifício e pela vida de Jesus Cristo.

CRISTO COMO SÍMBOLO DA SANTIDADE E SALVAÇÃO

Romanos 5: 16 a 18

*dom, entretanto, não é como no caso em que somente um pecou; porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação; mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação. Se, pela ofensa de um e por meio de um só, reinou a morte, muito mais os que recebem a abundância da graça e o dom da justiça reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo. Pois assim como, por uma só ofensa, veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim também, por um só ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens para a justificação que dá vida.*

Por quem Cristo morreu? Esta é uma pergunta que vem inquietando muitos teólogos, desde há muito. Portanto, tentar respondê-la de modo simples e direto constitui-se uma temeridade. Correndo, porém, o risco de ser temerário, gostaria de sugerir que este texto de Paulo responde esta pergunta dizendo que Cristo morreu por todos aqueles que, por meio de Adão, vieram a tornar-se pecadores, o que implica dizer Cristo morreu por toda a humanidade. Assim como a morte veio até nós por causa da ofensa de um só homem, o dom da vida, que é justamente a reconciliação com Deus — porque Deus é que é a vida —, nos veio também através de um só: Jesus Cristo.

Todos os salvos são salvos por meio de Jesus Cristo, porque só por meio dele é possível voltar para Deus. Assim como todos em Adão foram separados de Deus, todos

em Cristo Jesus foram reunidos a Deus, a saber, os que crêem em Seu nome, como nos informa o evangelista João. Cristo é, portanto, o símbolo de santidade e de salvação. Foi o seu ato de justiça que trouxe sobre todos os homens a graça que torna possível a justificação que dá vida.

Santidade é sinônimo da palavra separação, ou da palavra exclusividade. Ser santo é ser separado, ou tornar-se exclusivo de alguém ou para um determinado uso. A graça que veio por meio de Cristo Jesus separa todos os que nela crêem para Deus, arrancando-os do inferno, e arrancando o inferno deles. Por isso, Cristo é o autor da salvação, assim como o autor da santificação: como já vimos, é por meio dEle que somos arrancados do inferno, e é por meio dEle que o inferno é arrancado de nós.

CONCLUSÃO

Romanos 5:19 a 21

Porque, como, pela desobediência de um só homem, muitos se tornaram pecadores, assim também, por meio da obediência de um só, muitos se tornarão justos. Sobreveio a lei para que avultasse a ofensa; mas onde abundou o pecado, superabundou a graça, a fim de que, como o pecado reinou pela morte, assim também reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor.

Cristo venceu. Quando olhamos para o pecado, sob a perspectiva da lei, a impressão que temos é que não há saída para nós, porque o que a lei exige, nós, em nós mesmos, não temos condição de cumprir; e tudo o que a lei de fato produz em nós é a consciência do horror que se abateu sobre nós, do nosso estado de fraqueza e de impossibilidade. A lei dá-nos a clara consciência do tamanho da nossa dívida, e de sua impagabilidade. Mas, graças a Jesus Cristo, que vindo ao mundo na mesma condição em que Adão veio —sem pecado —vencendo todas as tentações, permaneceu no estado em que nasceu —sem pecado. E por amor, entregou-se aos pecadores, de modo que o seu sacrifício pudesse ser aplicado a toda a humanidade, satisfazendo a justiça de Deus. Desta forma, graças à Sua obediência, a graça de Deus reina e é capaz de libertar da morte todos os que tiverem fé. Desta maneira, Deus pode declarar a todo homem justo, bastando para isso que ele creia na eficácia da vida e do sacrifício de Cristo.

E, finalmente, Paulo nos informa que a graça, portanto, é mais forte que o pecado, mais forte que o ato de Adão, de modo que onde o pecado abundou, a graça superabundou. Assim como o ato de Adão degenerou a natureza humana, o ato de Jesus Cristo é capaz de restaurar-nos. Ganhamos uma nova natureza —o apóstolo Pedro dirá: "tornamo-nos co-participantes da natureza divina".

CAPÍTULO 6

"O PODER SALVADOR DA GRAÇA DE CRISTO" - *Rm 6*

INTRODUÇÃO

Romanos 6:1-4

Que diremos, pois? Permaneceremos no pecado, para que seja a graça mais abundante? De modo nenhum! Como viveremos ainda no pecado, nós os que para ele morremos? Ou, porventura, ignorais que todos nós que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte? Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo; para que, como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai, assim também andemos nós em novidade de vida.

"Graça" pode ser entendido como uma permissão para a libertinagem, uma vez que o sujeito é salvo, não pelo seu esforço pessoal, mas pela fé no sacrifício de

outrem, a sabem, Jesus Cristo? A resposta de Paulo é um rotundo não, simplesmente porque o Paulo trabalha na perspectiva de que a fé é dada a pessoas que, de alguma maneira, pela ação do Espírito Santo, se desesperaram do seu pecado. Ou seja: a fé vem junto com arrependimento, que é essa consciência profunda de que estamos vivendo o absurdo; a consciência de que estamos vivendo uma vida que não queremos mais viver.

Segundo o apóstolo Paulo, é um verdadeiro desespero que se instala na vida do arrependido, de maneira que Paulo diz que aqueles que tiveram acesso à graça, por meio da fé, são pessoas que morreram para o pecado. E esse ato de morrer para o pecado é uma postura que surge no coração do homem arrependido, que no primeiro momento é um desejo desesperado de livrar-se daquilo que o aprisiona. E, no segundo momento, após o derramar da graça por causa da fé, é uma grande celebração da vitória. Por isso Paulo diz que esse tipo de pergunta não faz o menor sentido, porque Paulo trata isso como um profundo ato de libertação, afirmando: "como viveremos ainda no pecado, nós, os que para ele morremos?"

Portanto, o ato de fé que deflagra a graça está irmanado ao arrependimento, que é o desesperar-se da vida de pecados.

OS DIVERSOS CAMINHOS DA SALVAÇÃO PARA O HOMEM

Romanos 6:5 a 7

Porque, se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte, certamente, o seremos também na semelhança da sua ressurreição, sabendo isto: que foi crucificado com ele o nosso velho homem, para que o corpo do pecado seja destruído, e não sirvamos o pecado como escravos; porquanto quem morreu está justificado do pecado.

Todos os caminhos levam a Roma? Esta era uma colocação popular nos tempos do Império Romano. Roma era vista como o centro da civilização, quer politicamente, quer geograficamente. E a impressão é que, qualquer caminho que você tomasse, o levaria para lá, porque os romanos construíam tudo tendo Roma como centro; e eram assim que construíam suas estradas, mesmo nas nações conquistadas.

A pergunta similar a esta no mundo espiritual é: todos os caminhos levam a Deus? Há quem afirme que sim. Paulo, porém, nos adverte: só tem um jeito de livrar-se do pecado: é morrer para ele. E só tem um jeito de morrer para ele: é morrer através da morte de Cristo. Paulo começa, portanto, a aprofundar a comunicação do ato de Jesus Cristo, do significado deste ato, e do processo. E nos explica, portanto, que, quando cremos em Cristo, somos identificados com a sua morte, ou seja, é como se, quando Cristo estava morrendo na cruz, nós estivéssemos lá também.

Portanto, a única maneira de ser salvo é ter morrido, porque o salário do pecado é a morte. Entretanto, a única morte que paga pelo pecado é a morte de um justo; e o único justo que morreu foi Jesus Cristo, de maneira que, para sermos libertos da natureza pecaminosa e ganharmos uma nova natureza, só passando pela morte. Como nós não somos justos, só se nos identificarmos com a morte de Cristo, de modo que a morte de Cristo se torne também a nossa morte. E é isso que nos é outorgado quando cremos: Deus olha para nós como se, no momento em que Cristo estivesse morrendo, fôssemos nós que estávamos ali, morrendo. Ele aplica a morte de Cristo para nós, e aí pode aplicar a nós também a ressurreição de Cristo.

Então, por mais que as pessoas inventem caminhos, só há um. Todos os outros caminhos sustentam-se, ou tentam sustentar-se, na possibilidade do homem construir uma escada para o céu; mas o homem não pode, pela sua própria força, fazer isso. Porque a questão é judicial: um crime foi cometido, e o homem que quiser ser salvo tem que pagar por esse crime. Só que não há nenhum ser humano capaz de pagar por este crime. É como no tempo da prisão perpétua: quando a sociedade condenava alguém à prisão perpétua, o que a sociedade estava dizendo é que o crime que aquele criminoso havia praticado era tão terrível que ele nunca conseguiria acertar as suas contas com a sociedade: enquanto ele vivesse, ele estaria em débito; portanto, enquanto ele vivesse ele estaria preso.

Nós estávamos nessa situação: condenados, por toda eternidade, a essa prisão perpétua, que são as trevas, dimensão onde fomos condenados a existir. Para nos

livrarmos desse estado tenebroso de existência, só se alguém pagasse pelo crime que cometemos em Adão. Nós mesmos não tínhamos mais condições de fazê-lo: Jesus o fez por nós. Portanto, morremos na morte de Cristo: assim somos salvos. De outro jeito, não tem saída. Então, Jesus está certo: há um só caminho, e Ele é o caminho.

OS MITOS, GURUS, SEITAS E GRUPOS RELIGIOSOS DE HOJE

Romanos 6:8 a 10

Ora, se já morremos com Cristo, cremos que também com ele viveremos, sabedores de que, havendo Cristo ressuscitado dentre os mortos, já não morre; a morte já não tem domínio sobre ele. Pois, quanto a ter morrido, de uma vez para sempre morreu para o pecado; mas, quanto a viver, vive para Deus.

Nós vivemos num mundo de muitas religiões. Há um renascimento do politeísmo através da chamada Nova Era; há também uma situação de auto-endeusamento da sociedade, até mesmo como subproduto de todo o progresso científico e tecnológico. Ao lado disso, esta é a época dos novos gurus, agora mais sofisticados, escrevendo romances, diários; são gurus tecnológicos, que usam o que há de melhor nos meios de comunicação para se fazerem ouvir.

Entretanto, apesar desta profusão de mitos, gurus, seitas e grupos religiosos, até mesmo grupos suicidas — como freqüentemente vemos acontecer nos Estados Unidos —, o fato é que a única forma de escapar do inferno, de vencer o domínio do pecado, é unir-se aquele cuja morte satisfez a justiça de Deus. Porque a humanidade precisa ser consciente de que o nosso problema é com a justiça divina, e a menos que a satisfaçamos, não há saída para nós, enquanto criaturas. O crime, a acusação que pesa contra nós é a acusação de rebelião, de traição, de auto-aniquilação — ou pelo menos, tentativa de auto-aniquilação. E a única maneira de nos livrarmos das conseqüências deste crime — que são: natureza corrompida, escravidão ao pecado, habitação na dimensão das trevas — é satisfazendo a justiça, pagando o preço. O único que fez isso foi Jesus, que tinha condições de fazê-lo.

À exemplo de Adão e Eva, Jesus também nasceu sem pecado, e, portanto, sem o peso da culpa da raça sobre os seus ombros. E não só nasceu sem pecado, mas manteve-se sem pecado durante toda a sua vida. Portanto, triunfando onde o casal Adão fracassou. E quando, então, após uma existência sem pecado, ele oferece-se ao sacrifício, porque ele é justo, a morte dele é uma injustiça do ponto de vista da lei de Deus, do ponto de vista da justiça cósmica. E Ele, então, entrega-se em favor de Adão e de seus descendentes; ele morre no lugar de Adão. E a morte dEle paga o crime de Adão, satisfazendo, assim, a justiça de Deus.

Aqueles que se identificam com Cristo pela fé se identificam com a sua morte – é como se a morte dEle fosse, então, assumida como resgate pessoal para cada um. De fato, é assim que acontece mesmo. Uma vez que morramos com ele, também ressuscitamos com Ele; estamos identificados com Ele, nós os que nEle cremos, de maneira que, ao final do processo, estamos não mais apenas escorados na sua morte, mas acima de tudo vivendo no poder da sua vida ressurreta. O que torna sem sentido toda a mitologia, toda a conversa dos gurus, das seitas e dos grupos religiosos de hoje, porque a questão central é a satisfação da justiça de Deus – só Jesus Cristo resolve.

O PODER ÚNICO DA GRAÇA DE DEUS

Romanos 6:11 a 14



ssim também vós considerai-vos mortos para o pecado, mas vivos para Deus, em Cristo Jesus. Não reine, portanto, o pecado em vosso corpo mortal, de maneira que obedeçais às suas paixões; nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado, como instrumentos de iniqüidade; mas oferecei-vos a Deus, como ressurretos dentre os mortos, e os vossos membros, a Deus, como instrumentos de justiça. Porque o pecado não terá domínio sobre vós; pois não estais debaixo da lei, e sim da graça.

Neste trecho, o autor da carta nos informa que, graças ao poder que graciosamente foi derramado sobre nós em Cristo Jesus, podemos nos considerar mortos para o pecado, e vivos para Deus. Esta afirmação implica, necessariamente, que uma nova dinâmica se instalou no nosso viver; de outra sorte, isto seria apenas um desejo, jamais uma realidade. E, realmente, uma nova dinâmica se instalou em nós, a dinâmica da graça. Nós não precisamos mais nos submetermos ao pecado: agora há em nós poder para resistir ao pecado. Basta que nos sujeitemos a Deus, e o poder do Espírito Santo nos fará vencer a todas as tentações e todas as nossas fraquezas. A graça não só nos dá força contra as tentações, como a graça vence todas as nossas fraquezas. A conversão é o início de um processo, um processo de transformação. E a única coisa que Deus espera de nós é que nós nos ofereçamos a Ele, que nós percebamos o que aconteceu conosco — ressuscitamos dentre os mortos com Cristo Jesus — e, como conseqüência natural, ofereçamo-nos a Deus como instrumento de justiça. A idéia, agora, é a idéia de rendição.

De fato, conversão pode ser entendido assim: como a mudança onde o sujeito sai do estado de rebelião, e vem para um estado de submissão absoluta a Deus, um estado de rendição ao Senhor, de modo que o Espírito de Deus assume todo o controle, e esse Espírito no controle significa vitória sobre todas as tentações, e vitória sobre todas as fraquezas. E como não estamos mais debaixo da lei, o pecado não nos acusa mais, ou seja, não há mais nenhuma sentença contra nós; não tem nada no passado para acertar, tudo já está acertado. Então, agora, é só uma questão de, no presente, viver rendido, submisso a Deus, no poder do Seu Espírito.

O QUE ELA SIGNIFICA PARA O HOMEM

Romanos 6:15 a 18

*daí? Havemos de pecar porque não estamos debaixo da lei, e sim da graça? De modo nenhum! Não sabeis que daquele a quem vos ofereceis como servos para obediência, desse mesmo a quem obedeceis sois servos, seja do pecado para a morte ou da obediência para a justiça? Mas graças a Deus porque, outrora, escravos do pecado, contudo, viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues; e, uma vez libertados do pecado, fostes feitos servos da justiça.*

Quando a gente olha para a graça, e muita gente quando olha para a graça pensa desta forma, dá-nos a impressão de que a graça significa que nós podemos fazer o que quisermos que já estamos perdoados, dando portanto a imagem de que ser atingido pela graça é ter permissão para todo tipo de libertinagem. Mas de fato não é isso. A graça significa o poder de ser aquilo que nós temos de ser, poder este que nós não tínhamos mais. Agora o temos, de novo: é a graça de Deus que nos fornece este poder novamente, poder de ser aquilo que nós temos de ser, que nós devemos ser. Agora, nós podemos nos oferecer para uma vida de obediência, porque a graça nos concede o poder de obedecer. Antes era bobagem, o poder não estava em nós, a gente tinha o dever, mas não tinha o poder; agora a graça nos dá o poder de ser. Graça é poder de ser. Agora, portanto, não somos mais escravos do pecado; antes éramos, por mais que desejássemos não servi-lo, por mais que desejássemos vencê-lo, em nós não havia poder para tanto. Mas agora, com

a graça há: com a graça nós conseguimos, com a graça nós chegamos lá. A graça de Deus nos outorgou poder, porque este é o papel da graça. E a melhor maneira de demonstrar a ação da graça não é pecar e sair por aí proclamando: "Veja como Deus é gracioso, eu peco, peco, peco e ele não faz nada"; não, a melhor maneira de demonstrar a ação da graça é justamente assumir uma postura de submissão e de obediência a Deus, e aí então poder dizer: "Veja como agora eu consigo obedecer! Veja como agora eu consigo ser o que o ser humano tem de ser! Veja como agora eu consigo ser um ser humano à semelhança de Jesus Cristo! Isto é o poder da graça de Deus em mim." Esta é a maneira de demonstrar o efeito da graça. E a graça é isso, é esse poder de Deus derramado em nós, é esse favor que nós não merecemos receber, que nos comunica não só a salvação que há Cristo Jesus, como o poder que há em Sua ressurreição.

COMO RECEBÊ-LA E COMO VIVER COM ELA EM MEIO AO PECADO

Romanos 6:19 a 21

Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne. Assim como oferecestes os vossos membros para a escravidão da impureza e da maldade para a maldade, assim oferecei, agora, os vossos membros para servirem à justiça para a santificação. Porque, quando éreis escravos do pecado, estáveis isentos em relação à justiça. Naquele tempo, que resultados colhestes? Somente as coisas de que, agora, vos envergonhais; porque o fim delas é morte.

Bom, só podemos recebê-la mesmo, e precisamos recebê-la, porque estamos em meio ao pecado. A condição de pecadores é que nos faz carentes da graça de Deus. Como é que nós a recebemos? Mediante a fé: é algo que Deus derramou sobre nós, e que basta apenas crermos no Seu amor, crermos no sacrifício de Jesus Cristo, que essa graça nos atinge. Aliás, o crer já é um ato da graça.

E agora, então, como é que a gente convive com ela em meio ao pecado? Ora, agora, por causa desta graça, nós temos a prerrogativa de andar de modo diferente, e isso significa que por causa dela agora podemos oferecermo-nos a Deus para servirmos à justiça e à santificação. Ou seja, podemos nos oferecer a Deus para fazer Sua vontade e para ser do jeito que Ele quer que a gente seja. Fazer Sua vontade implica em todos os nossos relacionamentos, implica em toda a influência que temos que exercer na sociedade; e ser do jeito que Ele gostaria que nós fôssemos, que o sinônimo de santificação, é ser como Ele é, é ser como Jesus Cristo, que é também fruto da graça. Graças a essa misericórdia, a essa graciosidade que Deus derramou em Cristo Jesus, temos o poder de migrarmos da injustiça para a justiça, da devassidão para a santificação. É justamente em meio a esta situação de pecado que a força da graça em nós há de brilhar ainda mais, bastando tão somente, como disse o apóstolo Paulo, oferecermo-nos para servir à justiça e à santificação, oferecermo-nos a Deus para que a vontade dEle seja feita em todos os quadrantes dos nossos relacionamentos e influências, e para sermos como Ele é, como Jesus Cristo foi. A graça nos permite isso, e nesse ambiente de pecado ela nos faz brilhar.

CONCLUSÃO

Romanos 6:22 e 23

*gora, porém, libertados do pecado, transformados em servos de Deus, tendes o vosso fruto para a santificação e, por fim, a vida eterna; porque o salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus, nosso Senhor.*

Muito bem, fomos libertos do pecado, somos transformados em servos de Deus, e agora já começamos a mostrar o fruto da santificação, ou seja, já começamos a nos tornar mais parecidos com Jesus Cristo. No final deste processo, desfrutaremos a eternidade com Deus, mas já agora somos possuidores da vida eterna.

Vida eterna é uma qualidade de vida: mais do que uma vida que não tem fim, é uma qualidade de vida, e é um dom gratuito de Deus. Ter vida eterna é viver a vida que Jesus Cristo viveu quando estava no nosso meio, e vivê-la para sempre, sem nunca mais correr o risco de cair e perder isso.

O chamado da graça de Deus é exatamente este: o Senhor perdoa os nossos pecados, perdoa a nossa ignorância, perdoa as nossas transgressões; consegue-nos uma nova natureza, que é a Sua própria natureza — como disse o apóstolo Pedro, tornamo-nos co-participantes da natureza divina — essa nova natureza nos permite ser cada vez mais parecido com Jesus Cristo, e cada vez mais obediente a Deus, e

cada vez mais instrumento da justiça, da vontade de Deus no mundo. Nosso papel é o papel de quem se rende, é o papel de quem se entrega. Nosso papel é o papel de quem coloca-se nas mãos de alguém; é como o paciente colocando-se nas mãos do médico, para que ele possa proceder a cirurgia que julgar necessária. E é isto que Deus quer que nós façamos: que nos submetamos a Ele, que nos abandonemos nas mãos dEle, para que Ele, como grande cirurgião, possa operar-nos onde nós necessitarmos de operação, de modo então que sejamos a cada dia mais parecidos com Jesus, e cada dia mais adoradores de Deus.

CAPÍTULO 7

"O CRISTÃO LIVRE DA LEI" - *Rm 7*

Porventura, ignorais, irmãos (pois falo aos que conhecem a lei), que a lei tem domínio sobre o homem toda a sua vida? Ora, a mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive; mas, se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal. De sorte que será considerada adúltera se, vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem; porém, se morrer o marido, estará livre da lei e não será adúltera se contrair novas núpcias.

Uma pergunta que poderia ser feita é qual a relação entre os cristãos e a lei. O apóstolo Paulo nos esclarece que nenhuma, ou seja, não somos mais salvos baseados no quanto cumprimos ou não da lei.

A relação, agora, com Deus, passa por outro nível, que é o nível da graça, onde a questão não é mais se cumprimos ou não a lei mosaica, mas se temos ou não a natureza de Deus. É outra história, de modo que é algo que não permite tentativa de chegar ao céu por esforço próprio. Se a salvação estivesse baseada no cumprimento da lei, qualquer ser

humano poderia, ainda que ingloriamente, tentar pela sua própria força. Mas o fato é que a salvação não reside no cumprimento da lei, mas sim em ser ou não co-participante da natureza de Deus, de ter ou não, numa linguagem do apóstolo João, nascido de novo.

Paulo, então, usa a idéia do falecimento do marido, que libera a esposa para um novo relacionamento, como ilustração do que a morte de Cristo fez por nós. Quando nos identificamos com Cristo pela sua morte, saímos de um estado e passamos para outro. Estávamos num estado em que a lei nos condenava; passamos a um estado onde a lei não nos alcança mais porque agora somos julgados por outros critérios, que é o critério da vida de Deus.

O PODER DA LEI MOSAICA PARA OS JUDEUS

Romanos 7:4 a 6

Assim, meus irmãos, também vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo, para pertencerdes a outro, a saber, aquele que ressuscitou dentre os mortos, a fim de que frutifiquemos para Deus. Porque, quando vivíamos segundo a carne, as paixões pecaminosas postas em realce pela lei operavam em nossos membros, a fim de frutificarem para a morte. Agora, porém, libertados da lei, estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos, de modo que servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.

Somos instruídos, neste texto, a ver que a lei judaica, de fato, realçava o pecado. Ainda que para os judeus a lei fosse o grande legado divino, nem sempre eles entenderam o espírito da lei. Aqui e ali, haviam avivamentos no meio do povo judeu, onde eles se davam conta de que a lei apontava para a necessidade do sacrifício do Cordeiro, para a necessidade do perdão divino, por uma busca da misericórdia de Deus. Mas lamentavelmente, na maioria das vezes os judeus trataram a lei como se a lei fosse um caminho, quando na verdade a lei vem para ressaltar ao homem a necessidade de encontrar o verdadeiro caminho.

A lei vem para denunciar: para denunciar o pecado, a existência de um estado de queda e perdição. A lei o denuncia; a lei, de fato, o traz à tona, porque a lei explica exatamente o que está acontecendo conosco. A idéia é que, tangidos pela lei, corramos para a graça, e o apóstolo diz exatamente isso: que a lei tem efeito sobre aqueles que vivem segundo a carne, ou seja, segundo as paixões da natureza caída, porque a lei existe para denunciar este estado de coisa.

Mas aqueles que foram libertados da lei morreram para aquilo a que estavam sujeitos. Então, a lei não tem mais efeito, não porque a lei seja errada, mas porquê, por causa do poder da graça, que atua no crente em Cristo, as paixões, que antes dominavam o indivíduo, não estarão mais presentes, de modo que a lei não tem mais o que denunciar. Esta é a idéia, a idéia de que a lei não vem para salvar, mas sim para denunciar ao homem a sua necessidade de salvação.

SUA INFLUÊNCIA AINDA NO MUNDO CRISTÃO

Romanos 7:7 e 8

*ue diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissera: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado.*

Lei não é pecado, claro que não: a lei denuncia o pecado. Aliás, não fosse a lei, o estado de pecado da humanidade passaria em brancas nuvens, ou seja, a humanidade entenderia que ser gente é isso aí mesmo: é cobiçar, matar, etc. Mas a lei vem para dizer: "não, isso é um desvio, é perda da identidade humana; o que vocês estão vivendo, ao viverem suas paixões, é a anti-humanidade".

Então, neste sentido, a lei sempre vai vigorar; mesmo para nós, cristãos. Pois, quando estivermos na carne, ou seja, quando não estivermos andando em espírito, como o próprio Paulo falará em Gálatas, o que estará vigorando em nós é, de novo, as paixões, e aí a lei mais uma vez há de se levantar contra nós. Então, a lei moral não foi abolida, não; mas o que se espera é que alguém que esteja debaixo da graça de Cristo viva uma vida contra a qual não há lei, como Paulo vai dizer, falando dos frutos do Espírito. Esta é a idéia presente no projeto paulino.

O PODER DA GRAÇA DE CRISTO PARA O HOMEM

Romanos 7:9 a 12

Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte. Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou. Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom.

A lei é santa, a lei é divina. Só que o papel da lei é denunciar, e é exatamente isto que a lei faz: ela denuncia a necessidade da graça. Ela faz o sujeito ter plena consciência de que ele precisa de algo mais. O papel que a lei exerce é o papel de desvendar a natureza humana: o sujeito cobiçava, só que ele não sabia que o que ele estava fazendo era cobiçar. Até que a lei aparece: quando a lei aparece e dá nome aos bois, o sujeito agora sabe que está em pecado. Aí, ele tenta vencer, ele diz para si mesmo: "não vou mais cobiçar". E aí, então, se dá conta que esse negócio é mais forte do que a sua vontade. Então, independente dele até concordar com a lei, ele descobre que concordar com a lei não resolve: ele tem uma situação de fraqueza permanente, ele está manietado. A cobiça que agora a lei denuncia na sua vida é mais forte que a sua vontade.

Então, neste sentido, a lei aponta para a graça de Cristo; a lei aponta para a necessidade de algo que, perdoando-me pelo que sou, transforme-me naquilo que Deus fez. E este é o ministério da graça.

A VITÓRIA DA GRAÇA SOBRE A LEI

Romanos 7:13 a 16

Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno. Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa.

Como é que algo bom pode gerar morte? Não é que a lei gere morte, não; a lei apenas denuncia o estado de morte onde nós estamos. Por isso que ou a graça vence esta situação, ou nós estamos totalmente perdidos, porque o que a lei faz, na verdade, não é causar morte, é denunciar que estamos mortos. Estamos mortos, como disse Paulo aos efésios, nos nossos delitos e nos nossos pecados. É isto que a lei revela: ela deixa claro o estado em que eu me encontro, e mais do que deixar claro o estado em que eu me encontro, ela deixa claro a minha impotência em relação a isso. É o que Paulo diz: "olha, eu sou carnal, vendido à escravidão do pecado". Ou seja, a impotência humana vem à tona, e aí, mesmo que a lei consiga converter a vontade do ser humano —ou seja, o ser humano conclui com a lei que o certo é não matar, não roubar, não adulterar, etc. —há dentro dele ausência de capacidade para fazer o que agora é sua vontade.

Então, imagine um sujeito que não conhecia a lei, e aí a lei lhe é apresentada. E á medida que ele vai lendo a lei, ele vai se dando conta de que aquilo que ele achava natural, que ele achava ser parte da natureza humana, na verdade é um grande erro; na verdade é uma coisa absurda, é a anti-humanidade. Aí a vontade dele se converte, e ele decide que quer viver de acordo com aquele padrão. Só que, ao tentar viver de acordo com aquele padrão, ele descobre a sua impotência, descobre que em si mesmo não há forças suficientes para isso. É isso o que a lei faz? O que a lei fez? A lei não apenas disse para ele que há um padrão superior, mas a lei denunciou que ele está morto para esse padrão superior, ele não tem condições de viver este padrão superior. Naturalmente a lei, num primeiro momento, leva a um estado de desespero; mas, num segundo momento, o leva a abrir-se para a possibilidade da graça, e aí a graça triunfa sobre a lei. Ou seja, onde a lei revelou morte, a graça implanta a vida.

A LUTA CONTRA O PECADO

Romanos 7:17 a 21

Neste caso, quem faz isto já não sou eu, mas o pecado que habita em mim. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Mas, se eu faço o que não quero, já não sou eu quem o faz, e sim o pecado que habita em mim. Então, ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim.

O apóstolo insiste no argumento, deixando claro que o que a lei faz é revelar todo um estado de desgraça humana, e a conseqüente incapacidade humana de vencer o seu próprio pecado, de modo que não é mais uma questão de vontade: é uma questão de realidade. E o que a lei denuncia é que a realidade do homem é o pecado.

Pecado, aqui, não é uma coleção de erros; pecado, aqui, é uma disposição da natureza, uma corrupção da natureza. É como se você tivesse problema no coração, por exemplo, e quisesse disputar os 100 metros rasos. E o médico dissesse para você: "olha, você não tem condições de fazê-lo", e você dissesse ao médico: "mas eu quero fazê-lo". O médico, então, lhe retrucaria: "a questão não é se você quer ou se você não quer, a questão é que você não pode". Em outras palavras, você é prisioneiro da sua enfermidade; da mesma forma, a raça humana é prisioneira do pecado.

"Pecado é uma lei que atua dentro de nós", diz o apóstolo Paulo. É a lei que determina nossa incapacidade de viver à altura do padrão humano – porque o fato de estarmos dominados pelo pecado, por esta natureza que se corrompeu, tornou-nos menos do que deveríamos ser. De fato, o grande projeto de Jesus Cristo é recuperar em nós a humanidade que nós perdemos. Este é o grande projeto da graça.

Então, a luta contra o pecado é inglória: ninguém por si mesmo consegue vencer o pecado. Só a graça de Deus consegue fazê-lo, e é isso que a lei denuncia. A lei denuncia a necessidade da graça por causa de uma deficiência intrínseca ao ser humano.

CONCLUSÃO

Romanos 7:22 a 25

Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está nos meus membros. Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor. De maneira que eu, de mim mesmo, com a mente, sou escravo da lei de Deus, mas, segundo a carne, da lei do pecado.

"Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!"

Esse é o grito de vitória do apóstolo. Por quê? Porque Jesus Cristo pagou pelo nosso crime, satisfez a justiça de Deus, e infundiu em nós a sua própria vida, o seu Espírito, que vai nos fazer viver num padrão superior do que o que a própria lei mosaica demanda. Graças a Deus por Jesus Cristo, que vai fazer com que o projeto de Deus se cumpra em nós.

Então, veja: Jesus Cristo resolve a angústia daquele que, tendo a sua vontade e a sua lógica convertidas à lei, tem de lutar com a sua profunda incapacidade, com a sua inequívoca impotência. Imagina a angústia do sujeito, que quer fazer o bem e não consegue! É o grito de Paulo: "desventurado homem que sou! O bem que eu quero fazer eu não faço, mas o mal que eu não quero está sempre diante de mim." E esta é a beleza da

obra do nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo: a angústia deste homem, que dá esse grito de desespero, é resolvida na cruz, porque na cruz o Senhor satisfaz a justiça de Deus e infunde em todos aqueles que nEle crêem o poder de viverem no padrão que Deus estabeleceu para a raça humana. Porque a angústia da lei, ou a angústia desse homem que quer fazer a lei, é que a mente dele aceita os padrões. É isso que Paulo está dizendo. Ele até reconhece: "é assim que eu quero viver, eu quero cumprir o padrão divino"; mas ele não pode, ele é impotente, ele não tem condições, ele não tem poder espiritual para isso. E aí está condenado a esta angústia, este desespero.

Jesus Cristo resolveu este problema. Ele primeiro satisfez a justiça de Deus – necessária, porque se o sujeito sabe que aquele é o padrão de Deus, e não consegue vivê-lo, ele sabe que está em débito; e quem vai pagar este débito? Jesus Cristo fez, Ele pagou o débito. Mas Jesus Cristo fez mais: pagar o débito e não dar condições do camarada atingir o padrão ideal significa lançá-lo num novo débito em questão de pouquíssimo tempo. Jesus Cristo fez mais, ele não só pagou o débito, como concede a esse homem poder para viver no padrão de Deus. E esse poder é a própria vida de Cristo em nós.

CAPÍTULO 8

"A VIDA DO CRISTÃO NO ESPÍRITO" - *Rm 8*

INTRODUÇÃO

Romanos 8:1 a 5

*gora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava enferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito. Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o Espírito, das coisas do Espírito.*

Estamos livres, diz o apóstolo Paulo. Uma nova lei passou a atuar em nós. A lei do espírito da vida. Essa lei é mais forte do que a lei do pecado e da morte, que denunciava nossa impotência. A lei do espírito e da vida fala do poder que agora atua em nós. Isso é resultado do sacrifício de Jesus Cristo. Esse sacrifício não só nos livrou da condenação, porque pagou os nossos débitos, que a lei denunciava na vida de cada um de nós, mas, mais do que isso, tirou-nos da lei do pecado e da morte, ou seja livrou-nos daquilo que nos mantinha constantemente sob débito. Agora uma nova força atua em nós, a força do Espírito de Deus. O Senhor Jesus Cristo assumiu a semelhança da gente, a forma humana, corpo humano, enfim habitou entre nós, Se fez homem, e na Sua carne condenou o pecado através de Sua morte, ou seja, não só o condenou porque não pecou em nenhum momento, como também o condenou quando sacrificialmente entregou-Se em favor de Adão e seus descendentes. E aqueles que não andarem mais segundo a carne, mas segundo o espírito, isto é, aqueles que pela fé uniram-se a Jesus Cristo, tornando-se um espírito com ele, estão livres, totalmente livres da condenação, e agora aquilo que a lei exigia, que era a justiça e santidade se tornou possível, por causa do espírito que habita nessas pessoas. E a marca dessas pessoas é inclinar-se para o espírito, para as coisas do espírito. Como já foi visto no capítulo passado, a força do pecado em nós era o que nos causava impotência absoluta. E como foi visto no capítulo seis, a marca daqueles que foram afetados pela Graça é buscar cada vez mais crescer na Graça, ou na linguagem do capítulo oito, inclinar-se para as coisas do espírito.

O QUE DECORRE AO HOMEM EM VISTA DA GRAÇA DE CRISTO

Romanos 8: 6 a 11

Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz. Por isso, o pendor da carne é inimizade contra Deus, pois não está sujeito à lei de Deus, nem mesmo pode estar. Portanto, os que estão na carne não podem agradar a Deus. Vós, porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós. E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele. Se, porém, Cristo está em vós, o corpo, na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida, por causa da justiça. Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos, esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal, por meio do seu Espírito, que em vós habita.

Por causa da Graça de Cristo nosso espírito é vivificado e nosso corpo mortal também. A idéia básica é que somos capazes de fazer a vontade de Deus. É claro que se não nos inclinarmos para a carne, ou seja, se não nos enganarmos com a velha natureza humana. É preciso lembrar que quando nos convertemos, a velha natureza humana não vai embora, uma nova natureza chega, que é a natureza divina que vem pela ministração do Espírito Santo. Em o Espírito Santo passando a habitar em nós, nos tornamos co-participantes da natureza divina e nosso espírito é vivificado e nosso corpo também, ou seja deixamos de se prisioneiros dos impulsos, dos pulsos, dos instintos, dos sentimentos, e ganhamos poder de Deus para viver de acordo com Sua vontade. Agora é preciso ter em mente que temos que nos manter submissos, e isso também é obra da Graça, porém é

também uma disposição em nosso coração. De fato é a marca dos que nasceram de novo, ou pelo menos deveria ser. Sempre seremos tentados a nos inclinar novamente para a carne, mas o nosso clamor a Deus deve ser para que nos mantenha nessa submissão, porque nós agora não estamos mais na carne, mas no espírito. Não existe mais em nós uma força que nos obrigue a pecar, agora o Espírito de Deus está em nós, e podemos vencer o pecado no dia a dia, podemos sujeitando-nos a Deus, resistir ao diabo, e este fugirá de nós. Podemos ser livres das tentações, no sentido de não cairmos nelas. Sempre seremos tentados, mas agora há em nós poder para não cairmos nas tentações. A Graça de Cristo nos concede poder dando tanto ao espírito e ao corpo condições necessárias para fazermos a vontade de Deus.

A VIDA DIFERENTE QUE NOS É DADA

Romanos 8: 12 a 17

Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne. Porque, se viverdes segundo a carne, caminhais para a morte; mas, se, pelo Espírito, mortificardes os feitos do corpo, certamente, vivereis. Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porque não recebestes o espírito de escravidão, para viverdes, outra vez, atemorizados, mas recebestes o espírito de adoção, baseados no qual clamamos: Aba, Pai. O próprio Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. Ora, se somos filhos, somos também herdeiros, herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo; se com ele sofremos, também com ele seremos glorificados.

A vida diferente que nos é dada é a vida de comunhão. Agora somos guiados pelo Espírito de Deus, e a vida que nos é dada, é a vida de filho. Somos filhos de Deus e quem testifica em nós é o Espírito de Deus, Ele mesmo revela isso em nós. Todos aqueles que têm o Espírito Santo foram adotados como filhos de Deus, essa é a marca. E aqueles os que têm o Espírito Santo têm comunhão com o Pai. Como você sabe que é filho de Deus? Por causa da intimidade com o Pai que o Espírito Santo concede, e esse é o nosso maior privilégio, maior prêmio, de poder conviver plenamente com o Senhor, em profunda amizade e companheirismo, resultado da obra do Espírito de Deus em nós, e à medida que podemos clamar a Deus, como se clama 'Paizinho', o próprio Espírito de Deus que testifica que somos filhos de Deus. É nesse ato de intimidade que essa filiação se manifesta. Quer dizer que a forma de saber que você está vivendo a sua filiação é o nível de intimidade, que você desenvolve com Deus na vida de oração? Não! É a intimidade que se desenvolve na vida de louvor: no trabalho, na conversa com os filhos, o dia a dia na fábrica, o dia a dia na escola, o dia a dia no trânsito, o que prova a nossa filiação com Deus é a intimidade que mantemos com Ele o tempo todo – o que inclui a oração também. Essa coisa de estar sempre com o coração nas mãos de Deus, com o pensamento tomado pela Sua presença, pelo Seu amor, pela Sua bondade; de estarmos sempre falando com Ele, abrindo o coração, sentindo o calor de Sua presença. Ainda que a experiência de intimidade com o Pai seja muito particular e se revele em cada pessoa de uma forma muito peculiar, é essa intimidade a grande prova da nossa filiação com Deus.

E a outra coisa que temos que lembrar é que sendo filhos, somos herdeiros de Deus. Tudo o que Deus propôs a Cristo, propôs a nós. Isto está bastante desenvolvido no livro de Efésios, quando Paulo fala da igreja como plenitude de Cristo. Portanto essa comunhão com Deus e essa consciência que vamos herdar as mesmas coisas que Cristo herdou, há de nos dar a coragem necessária para continuarmos firmes em meio ao sofrimento, porque teremos sempre a consciência de que se com Cristo sofremos, também com Ele seremos glorificados.

A INDEPENDÊNCIA E SEGURANÇA DO CRENTE

Romanos 8: 18 a 23

Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não podem ser comparados com a glória a ser revelada em nós. A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.

Já que falamos em sofrimento, é bom lembrar que a vitória do cristão não é não sofrer. A vitória do cristão é não ser derrotado pelo sofrimento. Nesse período, que ainda temos aqui, enquanto aguardamos a volta de Jesus Cristo, vamos sofrer sim, principalmente porque vamos nos levantar contra tudo que se opõe a Deus, portanto vamos estar em confronto direto com as forças das trevas, vamos estar em confronto direto com a rebelião humana, vamos entrar em confronto direto com a injustiça, vamos estar em confronto direto com a maldade, vamos entrar em contato direto com a miséria, e é óbvio que vamos sofrer. É impossível enfrentar batalhas dessa monta, sem experimentar algo de sofrimento ainda que pequeno. Vamos sofrer pelo simples fato de sermos diferentes. Não tem como escapar disso, mas é preciso lembrar que o sofrimento que vamos enfrentar enquanto pregamos o Reino de Deus, e por pregarmos o Reino de Deus, enquanto lutamos pela implantação do Reino de Deus, pela evidenciação dos sinais do Reino, esse sofrimento não se pode comparar com a glória que há de ser revelada a nós, ou seja, não se pode comparar com aquilo que Deus vai fazer no final do processo, dando-nos plenamente aquilo que nos prometeu em Cristo Jesus, dando-nos uma glória que só será inferior ao do próprio Cristo. Essa glória não é apenas particular, nossa, de cada um de nós, mas é a glória da Igreja, e é também a glória do Planeta, porque com a nossa glorificação, haverá a restauração de todas as coisas, e o Apóstolo Paulo diz que a própria natureza está esperando esse dia, em que a nossa glorificação representará a restauração da própria natureza. Então não somos só nós que estamos sofrendo, todos os seres vivos estão

sofrendo de alguma maneira aguardando o dia da redenção. Aguardando quando o projeto de Deus se cumprir em nós. Então nos deixemos amedrontar, não desfaleçamos diante do sofrimento, da angústia porque são inevitáveis, pelo contrário, nutramo-nos de esperança na certeza de que esse sofrimento, fruto natural da postura que tomamos na vida em relação a Deus, há de ser consolado e vai gerar, em nós, eterno peso de glória e, portanto, não pode ser comparado ao que nos aguarda em Cristo Jesus.

AS BÊNÇÃOS DO ESPÍRITO SANTO EM NOSSAS VIDAS

Romanos 8: 24 a 27

Porque, na esperança, fomos salvos. Ora, esperança que se vê não é esperança; pois o que alguém vê, como o espera? Mas, se esperamos o que não vemos, com paciência o aguardamos. Também o Espírito, semelhantemente, nos assiste em nossa fraqueza; porque não sabemos orar como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós sobremaneira, com gemidos inexprimíveis. E aquele que sonda os corações sabe qual é a mente do Espírito, porque segundo a vontade de Deus é que ele intercede pelos santos.

Continuando no tema do sofrimento, Paulo nos adverte que nossa salvação não é passaporte para a ausência do sofrimento, pelo contrário, nossa salvação é enfrentamento com o mundo, enfrentamento com a injustiça na esperança da glorificação. E Paulo diz

que é nessa esperança que somos salvos, na esperança de que o Senhor há de triunfar. E essa esperança não é uma aposta, essa esperança é uma convicção, uma certeza de que a vida triunfará sobre a morte, o bem triunfará sobre o mal, e por isso estamos prontos a enfrentar qualquer sofrimento, e não estamos sós, o Espírito de Deus está conosco, nos assiste em nossa fraqueza, sim, porque, diante do sofrimento e da angústia, nós seremos, muitas vezes, tentados a fraquejar, e, quem sabe, muitas vezes, fraquejemos, mas não seremos jamais abandonados, jamais deixados à solidão, porque o Espírito Santo nos assistirá e nos guiará em intercessão e intercederá por nós, pois, diante do sofrimento e da angústia nós não sabemos orar como convém, mas o Espírito Santo há de chorar por nós, há de clamar por nós, com gemidos inexprimíveis. Não vamos ficar sós, não vamos ficar a deriva, nosso sofrimento será sempre compartilhado com Deus.

UM CÂNTICO DE VITÓRIA

Romanos 8: 28 a 30

Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou.

Ainda no tema coragem frente ao sofrimento, o autor nos diz que não devemos temer o sofrimento, os imprevistos, sejam eles de que de natureza forem, porque Deus está orquestrando tudo isso. Não há nada que possa nos derrotar. Em outras palavras, o cristão está sempre caminhando adiante, está sempre avançando. Por que? Porque Deus administra todas as ocorrências da sua vida, de maneira tal, que faz com que no final do processo, o resultado seja em extremo benéfico para o seu filho, de modo que cada transe por mais agudo que seja, que se abata sobre o cristão não é fortuito, não é despropositado, não está perdido na história, porque o cristão não está a deriva. Agora é preciso não confundir isso com determinismo.

Não foi Deus que determinou que fosse assim, não! O que acontece é que Deus administra a nossa vida e cerca-nos de tal maneira que não importa o que nos aconteça, Deus entra na história, interfere na situação, e faz com que a situação redunde em benefício para os seus filhos, porque Ele tem um projeto para conosco. E o projeto dEle é que nós nos tornemos semelhantes a Jesus Cristo. Deus quer promover o seu filho. Quando Cristo esteve entre nós, Ele anunciou-Se a Si mesmo como unigênito, e o apóstolo Paulo diz que Ele é o primogênito, ou seja, o apóstolo Paulo atesta que cumpriu-se a missão de Jesus Cristo, porque Jesus Cristo mesmo disse que se o grão de trigo caindo na terra não morrer, fica só.

Paulo, no versículo 29, está deixando claro que a morte do grão de trigo produziu a companhia que o Jesus queria produzir, ou seja, produziu outras pessoas, seres humanos, que se tornariam como Ele, produziu outros iguais a Ele, não iguais na natureza, mas iguais no caráter. Gente que, por causa do sacrifício de Jesus Cristo, poderia ser transformada à Sua imagem e semelhança. Gente que, por causa do sacrifício de Jesus Cristo, poderia ser transformado de modo a adquirir o caráter de Jesus, que é o grande objetivo de Deus. Deus quer ter muitos filhos, só que os quer, todos, semelhantes ao primogênito. Então, isso faz com que não precisemos ter medo da vida. Esse texto é um cântico de vitória, porque nos liberta para a vida. Nós não precisamos ter medo de viver, nós podemos ir, arriscar, fazer negócio, construir, enfim viver, sabendo que nossa vida está cercada por Deus, e que Ele fará com que todos os transes da nossa vida, por mais agudos que sejam, todos os eventos da vida acabem por cooperar para o nosso bem. Isso é uma garantia, já está feito, porque Paulo diz que nossa escolha para esse projeto, também não é uma escolha fortuita. Nós somos predestinados, os predestinados foram chamados, os chamados foram justificados, e os justificados glorificados. Está tudo no passado, o que quer dizer que nós somos pessoas que podem não ter muito controle do presente, mas certamente têm o futuro garantido.

CONCLUSÃO

Romanos 8:31 a 39

*ue diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou o seu próprio Filho, antes, por todos nós o entregou, porventura, não nos dará graciosamente com ele todas as coisas? Quem intentará acusação contra os eleitos de Deus? É Deus quem os justifica. Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu ou, antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós. Quem nos separará do amor de Cristo? Será tribulação, ou angústia, ou perseguição, ou fome, ou nudez, ou perigo, ou espada? Como está escrito: Por amor de ti, somos entregues à morte o dia todo, fomos considerados como ovelhas para o matadouro. Em todas estas coisas, porém, somos mais que vencedores, por meio daquele que nos amou. Porque eu estou bem certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as coisas do presente, nem do porvir, nem os poderes, nem a altura, nem a profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor.*

Fechando a questão do sofrimento, o apóstolo Paulo diz: "olha, não tenha medo de viver, não tenha medo do aparente sofrimento, porque nada pode nos derrotar. Deus é por nós; quem pode ser contra nós? Quem pode nos derrotar? Ninguém! Quem pode nos separar do amor de Cristo? Nada!" O que quer dizer que não importa o que aconteça, Cristo nos ama. E, aliás, esta é a certeza que nós temos de ter diante de qualquer sofrimento, diante de qualquer tribulação. Estarmos passando por tribulação, estarmos passando por dificuldades, estarmos passando por lutas não significa que Jesus Cristo

deixou de nos amar, não significa que Deus está chateado conosco e por isso estamos sendo punidos; nada disso! Paulo está dizendo: "olha, por amor de Cristo nós somos mesmo entregues à morte todo dia", ou seja, ser cristão é tomar uma posição contra as trevas, contra a morte, contra a injustiça, contra o desespero humano.

Óbvio que uma postura como esta necessariamente vai nos levar a confrontos e a confrontações, e, logicamente, vai produzir sofrimento, num grau ou noutro. O que o apóstolo está dizendo é que não devemos temer o sofrimento, e não devemos achar que, se estamos sofrendo, se estamos passando por dificuldades, é porque pecamos, ou porque Deus está chateado conosco porque não fizemos o que tinha de fazer e estamos sendo punidos. Não! O sofrimento faz parte do enfrentamento cristão, sim! Inclusive, estamos em batalha contra o príncipe das trevas, estamos em batalha contra o inferno; esse negócio cobra um preço. E também não importa qual o preço pago: Jesus Cristo nos ama, e o amor de Jesus Cristo por nós é a garantia do nosso triunfo; é a garantia de que não há nada no universo que possa nos derrotar, porque nada pode nos separar do amor de Deus que está em Cristo Jesus. E não precisamos ter medo, porque, se Deus não poupou o Seu próprio filho, entregando-nos o Seu próprio filho, não nos dará com Ele todas as coisas?

Então, diante do sofrimento, diante da angústia, diante da luta, morando numa cidade difícil, como a cidade em que moramos hoje, uma cidade amedrontada, cidade acuada pelo banditismo e pela violência, temos de olhar para o nosso Deus. Sabemos que não importa o que aconteça, o amor de Deus por nós é inabalável. Não importa o que aconteça, podemos sempre recorrer a Ele; não importa o que aconteça, podemos sempre clamar e buscar o seu socorro. Ele é por nós; quem será contra nós?

CAPÍTULO 9

"A ESSÊNCIA DA LIBERDADE CRISTÃ" - *Rm 9*

INTRODUÇÃO

Romanos 9:1 a 5

Digo a verdade em Cristo, não minto, testemunhando comigo, no Espírito Santo, a minha própria consciência: tenho grande tristeza e incessante dor no coração; porque eu mesmo desejaria ser anátema, separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas, segundo a carne. São israelitas. Pertence-lhes a adoção e também a glória, as alianças, a legislação, o culto e as promessas; deles são os patriarcas, e também deles descende o Cristo, segundo a carne, o qual é sobre todos, Deus bendito para todo o sempre. Amém!

Paulo parece responder uma importante pergunta, que seria: se tudo o que tem sido dito em relação à segurança quanto às promessas de Deus é verdade, como explicar o que aconteceu aos israelitas? Como explicar a sua rejeição a Jesus Cristo, e a rejeição de Deus em relação a eles?

O Paulo admite que é verdade, e começa lamentando a situação de Israel, dizendo que, se ele pudesse, daria a sua própria vida, como fez Moisés no passado, para que o seu povo fosse salvo. Não nega, também, que a posição deles, sem dúvida, era uma posição privilegiada, porque a eles pertencem a adoção, e a glória, e, também, pertencem as alianças, a lei, o culto, as promessas, os patriarcas, e também Cristo pertence a eles. E Paulo lamenta a situação deles, e admite que esta é uma questão séria a ser levantada.

A LIBERDADE CRISTÃ É UM FATOR PRIMORDIAL

Romanos 9: 6 a 13

E não pensemos que a palavra de Deus haja falhado, porque nem todos os de Israel são, de fato, israelitas; nem por serem descendentes de Abraão são todos seus filhos; mas: Em Isaque será chamada a tua descendência. Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa. Porque a palavra da promessa é esta: Por esse tempo, virei, e Sara terá um filho. E não ela somente, mas também Rebeca, ao

conceber de um só, Isaque, nosso pai. E ainda não eram os gêmeos nascidos, nem tinham praticado o bem ou o mal (para que o propósito de Deus, quanto à eleição, prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama), já fora dito a ela: O mais velho será servo do mais moço. Como está escrito: Amei Jacó, porém me aborreci de Esaú.

Paulo advoga, então, que é preciso entender que os filhos de Deus, ou seja, os verdadeiros israelitas, são de fato os filhos da promessa. Foi assim na História, porque a descendência foi chamada em Isaque, e também porque Deus escolheu Jacó antes mesmo do nascimento de dele e de seu irmão; e isso significa que Deus, quando prometeu a Abraão que a descendência dele seria uma bênção, etc. Ele não estava falando de toda a descendência, mas de uma seleta descendência, que Paulo chama de "os filhos da promessa". Ao dizer isso, Paulo está chamando a Igreja para esse lugar especial, esse lugar privilegiado. Ele está introduzindo aqui o assunto para concluir que a Igreja é este símbolo da promessa, e que os verdadeiros israelitas se uniriam à Igreja, e a Igreja se uniria a eles.

Portanto, não houve nenhuma falha: a coisa continua sendo como sempre foi. Os filhos de Deus são os filhos que Ele elege; não são filhos por hereditariedade, mas por eleição. E é nisto que consiste toda a certeza e toda a liberdade cristã, toda a convicção de ser filho de Deus e de ter garantido o seu futuro.

COMO SE EXPRESSA EM NOSSAS VIDAS

Romanos 9: 14 a 16

*ue diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum! Pois ele diz a Moisés: Terei misericórdia de quem me aprouver ter misericórdia e compadecer-me-ei de quem me aprouver ter compaixão. Assim, pois, não depende de quem quer ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia.*

O Paulo insiste em afirmar a questão da redenção, dizendo que essa coisa da misericórdia e do chamado é um problema de Deus, e que não há nenhuma injustiça em Deus por causa disso; Ele vai ter misericórdia de quem Ele quiser ter, e se compadecer de quem Ele quiser se compadecer, e que, portanto, não de depende de quem quer, nem de quem pode, mas de Deus nos dar a sua misericórdia. E é nisso, e apenas nessa eleição, que se identifica o povo de Deus.

Em outras palavras, Deus deu a uma nação historicamente definida as suas promessas, e os patriarcas e os profetas, etc., mas, de fato, ainda que esta nação historicamente definida tenha recebido toda essa visitação divina, todas essas promessas e todos esses eventos; a aliança de Deus, de fato, é com os Seus eleitos. Paulo já está deixando claro que, mesmo dentro de Israel, Deus tinha os Seus eleitos, e que de fato é com estes que Deus vai trabalhar. Então, ele já está explicando a rejeição que Israel teve para com Jesus Cristo, e porque Israel foi aparentemente rejeitado: é porque, de fato, a

questão não é de rejeição, mas é de eleição. Não é que Deus tenha rejeitado quem quer que seja: Deus sempre trabalhou com os seus eleitos, e continua fazendo isso.

Então, do Israel histórico, Deus trabalhou com os eleitos. A Igreja —os que são de fato membros da Igreja —vai ser unida a esses eleitos de Israel, porque os que são verdadeiramente da Igreja, a exemplo dos verdadeiramente israelitas, também são fruto da eleição. E é assim que essa certeza cristã se estabelece: o cristão pode desfrutar da liberdade de viver na certeza de que vai chegar ao final do caminho como um santo de Deus porque o que garante isto a ele é a sua eleição por parte de Deus; é a misericórdia de Deus em sua vida. Paulo vai construindo todo um argumento para dizer que Deus sempre trabalhou assim, e que não houve mudança em Deus desde o princípio.

O QUE ISRAEL NÃO TINHA, O POVO DE DEUS TEM

Romanos 9:17 a 21

Porque a Escritura diz a Faraó: Para isto mesmo te levantei, para mostrar em ti o meu poder e para que o meu nome seja anunciado por toda a terra. Logo, tem ele misericórdia de quem quer e também endurece a quem lhe apraz. Tu, porém, me dirás: De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade? Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus?! Porventura, pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim? Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro, para desonra?

O apóstolo das gentes deixa claro que a soberania de Deus é inqüestionável, e Deus é quem elege; não cabe a nós discutirmos com Deus, porque Ele é quem é o oleiro. Ele tem direito sobre a massa, foi Ele quem determinou os eleitos e se determinou a trabalhar com eles.

Então, esta é a consciência que a Igreja tem hoje, e que Israel nem sempre teve: a consciência de que Deus trabalha com os eleitos. E essa eleição é o que nos faz viver sem medo de sermos derrotados pelos nossos próprios pecados, porque o que nos garante a firmeza necessária para continuar na estrada é a eleição de Deus e a sua fidelidade.

A LIBERDADE QUE NOS FAZ VENCEDORES

Romanos 9: 22 a 24

Que diremos, pois, se Deus, querendo mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos de ira, preparados para a perdição, a fim de que também desse a conhecer as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão, os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios?

O autor deixa claro aqui que o nosso papel não é o de questionar, mas o de admirar que Ele, o Senhor, tenha decidido compartilhar as riquezas de Sua glória em vasos de misericórdia, vasos que Ele mesmo preparou de antemão; e esses vasos somos nós. Esta liberdade que temos de ser filhos de Deus por causa da Sua eleição, esta liberdade que

temos de ser santos e irrepreensíveis por causa da Sua eleição, esta liberdade que temos de servi-Lo por causa da Sua eleição, é que fará de nós os vencedores na estrada que estamos trilhando. Esta liberdade é fruto do fato de que Deus garante a nossa caminhada: Ele nos sustentará nessa caminhada.

Não quer dizer que a gente pode fazer o que quiser, que Ele vai nos sustentar sempre, mas quer dizer que, porque Ele nos sustenta, nós vamos conseguir fazer a vontade dEle. Esse é o segredo; e isso é o que nos faz, de fato vencedores: a liberdade que hoje temos de servir. É preciso lembrar que liberdade, na fé cristã, não é nem libertinagem nem autonomia em relação a Deus: liberdade é liberdade para ser homem, liberdade para ser gente. E ser gente é amar a Deus acima de todas as coisas e servi-Lo de todo coração. Os que alcançaram esta liberdade de ser gente são os que Deus elegeu para tanto.

COMO EXERCÊ-LA POSITIVAMENTE NO MUNDO

Romanos 9:25 a 29

Assim como também diz em Oséias: Chamarei povo meu ao que não era meu povo; e amada, à que não era amada; e no lugar em que se lhes disse: Vós não sois meu povo, ali mesmo serão chamados filhos do Deus vivo. Mas, relativamente a Israel, dele clama Isaías: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo. Porque o Senhor cumprirá a sua palavra sobre a terra, cabalmente e em breve; como Isaías já disse: Se o Senhor dos Exércitos não nos tivesse deixado descendência, ter-nos-íamos tornado como Sodoma e semelhantes a Gomorra.

Essa situação já havia sido profetizada pelo profeta Oséias e pelo profeta Isaías, a de que o Senhor salvaria um remanescente e que o Senhor traria um povo distante. Portanto, Paulo está dizendo: "vocês podem confiar nas promessas: não pensem que as promessas falham porque Israel falhou, e não pensem que a falha de Israel tem a ver com o fato de que Deus falhou em sustentá-los, ou de que o próprio homem pode se desviar". Paulo está dizendo que sempre foi deste jeito que Deus trabalhou, a partir da eleição; e que os que foram eleitos em Israel permaneceram firmes até o fim. E a Igreja é enxertada no Israel eleito, não é enxertada no Israel histórico, apenas, no Israel nação historicamente definida; é enxertada no Israel eleito.

Então, os verdadeiros filhos de Deus são enxertados no Israel eleito, e podem ter a segurança de que, assim como Deus foi com o Israel eleito, será com a Sua Igreja, e que isso não tem nada a ver com a força humana, mas tem a ver com a fidelidade de Deus. O Paulo arremata: Deus tem todo esse direito porque os seres humanos só conseguem ser gente, na plenitude do termo, pelo poder de Deus, pela graça de Deus. Se Deus não tivesse estabelecido eleitos em Israel, Israel teria se desviado e se tornado como Sodoma e Gomorra. O que sustentou o Israel histórico foi o Israel eleito, e dessa forma é com a Igreja: a Igreja foi enxertada no Israel eleito. Então, não há nenhuma crise aqui. Sempre foi assim.

CONCLUSÃO

Romanos 9: 30 a 33

*ue diremos, pois? Que os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia, a que decorre da fé; e Israel, que buscava a lei de justiça, não chegou a atingir essa lei. Por quê? Porque não decorreu da fé, e sim como que das obras. Tropeçaram na pedra de tropeço, como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra de tropeço e rocha de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido.*

O Paulo está deixando claro que não é que Israel falhou, ou que Deus falhou com Israel, nada disso. Deus sempre trabalhou com os eleitos, foi assim desde o princípio e será assim até o fim.

Os gentios, que não buscavam justificação, alcançaram-na por causa da eleição. E a prova de que eles foram eleitos é que eles tiveram fé — e fé é um dom de Deus. Já o Israel histórico se perdeu porque não recebeu o dom da fé. O Israel eleito recebeu a fé, e pela fé triunfou. O Israel histórico, apesar de ter todo o conhecimento da lei e todo o conhecimento dos fatos, tropeçou na pedra de Sião, que é o próprio Jesus Cristo — porque a única maneira de não tropeçar na pedra de Sião era ter fé, e faltou-lhes a fé. A Igreja, a verdadeira Igreja, também é fruto da eleição, e o que marca o fato da sua eleição é a sua fé naquele que foi posto em Sião. Desta maneira, Paulo conclui o que já havia dito antes: não depende de quem quer, nem de quem pode, mas de Deus ter misericórdia; Paulo conclui o que já havia acelerado: não é pela lei, é pela graça. Foi assim com o Israel eleito, e será assim com todos os gentios eleitos para participarem da Igreja.

CAPÍTULO 10

"COMPREENSÃO DA JUSTIÇA DE DEUS" - *Rm 10*

TEXTO ÁUREO

Romanos 10:13

*rmãos, a boa vontade do meu coração e a minha súplica a Deus a favor deles são para que sejam salvos. Porque lhes dou testemunho de que eles têm zelo por Deus, porém não com entendimento. Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus.*

O apóstolo Paulo deixa claro que suplica a Deus pela salvação do seu povo, que compreende que seu povo vela pelas coisas de Deus, mas que, infelizmente, eles mesmos não entenderam qual era a justiça de Deus, como é que a justiça de Deus era processada.

Pensaram que a idéia básica seria a obediência aos princípios e preceitos da lei. Não conseguiram compreender que a justiça que vem de Deus está fundamentada na graça; não perceberam a relação entre a graça e a lei — não porque ela não estivesse clara, mas porque, a exemplo de toda a raça humana, sucumbiram à ilusão de que o homem pode, por suas próprias forças, satisfazer as demandas de Deus.

A relação entre a lei e a graça, segundo a exposição que o apóstolo Paulo faz em todo este livro, não é tão difícil de compreender assim. Trabalhando com o raciocínio de Paulo a gente percebe que a ênfase dele é que a simples impossibilidade de cumprimento da lei deveria nos levar à busca de Deus, à busca de Sua misericórdia, confessando-Lhe a nossa impotência e clamando-Lhe a Sua graça. Mas o povo judeu não se deixou convencer pelos seus sucessivos fracassos, pela incapacidade natural do cumprimento da lei, e acabaram insistindo na ação humana como geradora da salvação divina. E foi aqui que eles tropeçaram. E esse é o lamento de Paulo, e deve ser o lamento de todos nós que vivemos num mundo em que as pessoas, por mais que experimentem fracassos, no que tange aos mais elevados princípios morais — ou mesmo aos mais básicos princípios morais —, continuam insistindo que, pela sua própria força, pelo seu próprio mérito, podem alcançar o favor de Deus. Esse foi o erro de Israel, esse tem sido o erro da humanidade no curso dos séculos.

O VERDADEIRO SIGNIFICADO DA JUSTIÇA DE DEUS

Romanos 10:4 a 7

Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê. Ora, Moisés escreveu que o homem que praticar a justiça decorrente da lei viverá por ela. Mas a justiça decorrente da fé assim diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo; ou: Quem descerá ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos.

Aqui, Paulo deixa claro e professo: "o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê." Ou seja, o objetivo da lei era apontar para a necessidade do Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo. De fato, a história de Israel já falava disso; eles não conseguiram prestar a devida atenção ao fato, mas ele já estava registrado ali. Porque, na verdade, o centro da fé judaica estava no oferecimento do holocausto. O holocausto, cordeiro que era imolado, tinha justamente este significado da impossibilidade do cumprimento da lei – e, portanto, da necessidade de um sacrifício que aplacasse a ira de Deus, ira esta despertada justamente pela incapacidade humana de cumprir as demandas da lei.

Ora, o que isto significa? Que a lei apontava para algo maior que os seus preceitos, que apontava para a necessidade de um sacrifício que, de uma vez por todas, satisfizesse a justiça de Deus e justificasse o homem, ou seja, que, por meio do qual, o homem pudesse ser declarado justo, não pelos seus próprios méritos, mas pelo sacrifício que fora oferecido em seu favor.

É aqui que entra Cristo: a lei, de fato, aponta para a necessidade de um cordeiro, que tire o pecado do mundo. Um cordeiro cujo sacrifício seja definitivo: foi a grita do profeta João Batista, quando, anunciando Jesus de Nazaré, disse: "eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo." O fim da lei, portanto; ou seja, o grande objetivo da lei, aquele que viria para, finalmente, dar cumprimento à justiça exigida pela lei. A lei vem aos homens para revelar-lhes a sua impotência, o seu pecado, a sua incapacidade de salvar a si mesmos.

E, como conseqüência, a necessidade da intervenção divina e de um sacrifício que seja definitivo. E foi aqui que os judeus tropeçaram, nesta pedra de esquina. Lamentavelmente, vivemos numa sociedade que continua a tropeçar nessa pedra de esquina, que ainda não entendeu que a única maneira de alcançar a justiça de Deus é acreditando no sacrifício do Seu cordeiro definitivo, acreditando que só aquele sacrifício satisfaz essa justiça e concede a Deus a possibilidade de receber os homens. Portanto, quando os homens crêem na suficiência daquele sacrifício, ganham então a possibilidade de voltar para Deus por meio deste sacrifício; voltar pedindo perdão, arrependidos, prontos para começar uma nova vida, sustentados única e exclusivamente na fé de que, por causa daquele sacrifício, os pecados deles estão perdoados, o pecado dos pais, o pecado de Adão, a injustiça do crime que pairava sobre a humanidade está perdoado e, por causa deste sacrifício, o Espírito Santo virá ao arrependido, e o transformará no tipo de pessoa que Deus quer que ele seja.

"...JUSTIÇA ESTA QUE SE COMPLETOU EM CRISTO"

Romanos 10:8 e 9

Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo.

É apenas através da confissão de Cristo como o cordeiro que foi imolado e que venceu a morte é que podemos alcançar a salvação. A idéia básica é a compreensão e a crença de que Jesus de Nazaré, com a sua morte, satisfez a justiça de Deus. O sangue do Justo foi derramado pelos injustos; aquele que não precisava morrer morreu pelos que estavam mortos, para que os que estavam mortos pudessem voltar à vida.

A grande prova de que o sacrifício dEle foi aceito é que ao terceiro dia ele ressuscitou dos mortos. Ao ressuscitar dos mortos, venceu a morte de uma vez para sempre, dando, portanto, aos que nEle crêem a certeza de que, assim como Ele, também venceram a morte. E este é o segredo da fé cristã: é uma fé que se sustenta no sacrifício de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

A justiça de Deus é como se houvesse um tribunal e todos nós estivéssemos diante dEle, e pairassem sobre nós acusações terríveis, das quais éramos de fato todos culpados – culpados da rebelião, culpados de termos nos tornado pecadores por natureza,

culpados de todos os atos decorrentes desta contaminação da natureza humana – e, diante deste crime, desta culpa assumida, ficava estabelecido que a raça humana não tinha como satisfazer a justiça. O crime era grande demais para que pudessem ser pagos pelos criminosos. Os criminosos, portanto, estavam condenados à morte eterna: nunca mais sairiam das trevas. Mas o Justo, aquele que, sendo Deus, não julgou por usurpação ser igual a Deus, mas a si mesmo se esvaziou, desceu ao nível dos homens, viveu com os homens, triunfou onde os homens fracassaram – não apenas nasceu sem pecado, mas viveu sem pecado – e, portanto, venceu onde os homens foram derrotados. Não precisava morrer: não pairava sobre Ele nenhuma acusação, Sua natureza não estava contaminada. Mas Ele voluntariamente entregou-se para que o pecado de toda a raça humana fosse pago, e a justiça de Deus fosse satisfeita. A prova de que a morte dEle conseguiu este intento é que, ao terceiro dia, ele ressuscitou dentre os mortos, vencendo o mais temível dos inimigos –a morte. E todo aquele que confessar isto, e crer que isto foi feito em seu favor, será salvo. Todas as benesses da vitória de Jesus Cristo serão repassadas para esta pessoa, e o Espírito de Deus irá habitá-lo.

Esta justiça é a justiça que está em Cristo Jesus, e só nEle. Ela só se completa em Jesus porque Ele é a justiça de Deus, ou seja, Ele é aquele que satisfaz a justiça de Deus e abre, então, a porta para os arrependidos.

A FALTA DE ENTENDIMENTO DOS JUDEUS E NÃO-CRENTES

Romanos 10:10 a 12

Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação. Porquanto a Escritura diz: Todo aquele que nele crê não será confundido. Pois não há distinção entre judeu e grego, uma vez que o mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos os que o invocam.

Os judeus não entenderam a necessidade do Salvador, do sacrifício do próprio Deus. Eles não conseguiram perceber, primeiro, que Deus os amasse tanto, e segundo que a nossa salvação custaria tão alto preço. Não conseguiram entender também que o fato de Deus tê-los formado como povo não os tornava herdeiros exclusivos da salvação, mas sim uma nação que existia em benefício para todas as outras nações. Eles não perceberam a sua vocação missionária; não perceberam que eles foram formados para que o Messias viesse ao mundo e pudesse resgatar, então, a toda a humanidade. Não perceberam que foram formados em favor da humanidade. Não entenderam que o sacrifício de Cristo era o apogeu do sacrifício de todo um povo, durante séculos, trazendo a tocha da salvação, de geração em geração, até que o Messias viesse.

Ao não entenderem isso, fizeram com que a sua própria história, perdesse o sentido num determinado ponto de vista. É claro que perdeu o sentido para eles, e

não para nós, os que foram salvos. Mas é como se o sujeito tivesse nadado, nadado, nadado e falecido na praia. Foram chamados e formados por Deus para uma vida sacrificial — cheia de bênçãos, as bênçãos da revelação de Deus, mas repleta de sacrifícios, porque eles tinham de ser preservados de uma série de erros — porque tinham de trazer a tocha da salvação, de geração em geração, até que o Messias viesse. E quando o Messias veio, eles não O reconheceram, porque, nesse processo de trazer a tocha da salvação, eles perderam o cerne da salvação, que é a justificação pela fé no Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. E não entenderam que esta salvação era para todo mundo, não lhes era exclusiva. Até porque eles mesmos foram formados para que todas as famílias da terra fossem abençoadas. Lamentavelmente, perderam isso.

Às vezes a gente vê isso entre os cristãos, também. Muitos cristãos perderam a consciência que existem para o outro, porque a Igreja é aquela que continua carregando a tocha da salvação; não para si mesma, mas para toda a raça humana. Muitos crentes perderam a noção de que nós, os que fomos salvos, estamos em débito com aqueles que ainda não o foram: o débito de ser exemplo, de pregar o evangelho, de levar a voz do Bom Pastor aos quatro cantos da terra.

A VITÓRIA CONQUISTADA EM CRISTO

Romanos 10: 13 a 16

Porque: Todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo. Como, porém, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem nada ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue? E como pregarão, se não forem enviados? Como está escrito: Quão formosos são os pés dos que anunciam coisas boas! Mas nem todos obedeceram ao evangelho; pois Isaías diz: Senhor, quem acreditou na nossa pregação?

A vitória conquistada em Cristo é a vitória da salvação. Pela graça de Jesus Cristo, pela graça de Deus que foi derramada em Cristo Jesus, todos aqueles que nEle crêem, todos aqueles que invocam o Seu nome, que crêem nEle de coração e com os lábios O invocam como Senhor e Rei, como Salvador, são salvos, são justificados. E, é lógico, que isto traz sobre os salvos uma grande responsabilidade, a responsabilidade de enviar, de pregar, de anunciar. Porque esta vitória é uma vitória que tem que ser estendida a toda humanidade: Jesus Cristo venceu pela humanidade, venceu pela raça humana.

A Bíblia fala de uma grande rebelião, e de que o homem aderiu a essa rebelião; mas que o amor de Deus não permitiu que ela sucumbisse nessa desgraça, e, por causa desse amor, Ele veio buscar a raça humana. E, em Cristo Jesus, o Deus que se fez homem e habitou entre nós, a raça humana triunfou. Esta é a grande vitória. Esta é a grande bênção, é o grande trunfo que tem de ser anunciado a tempo e a fora de tempo. E a Igreja tem de

se dar conta de que o anúncio do evangelho aformoseia o pé, ou seja, que não há atividade mais importante e relevante para a história da humanidade do que a atividade de pregar o evangelho, porque o evangelho é o poder de Deus para a salvação de todo o que crê.

E hoje é tempo de salvação. Antes de qualquer outra reivindicação, de qualquer outra necessidade, de qualquer outra busca, de qualquer outro clamor, é preciso que se atenda ao grande clamor da alma humana que é o clamor pela salvação. E este clamor da alma humana vai ao encontro da grande demanda de Deus: a demanda de Deus é que os homens se arrependam. Antes de qualquer outra bênção, de qualquer outra dádiva que queiram receber, há uma demanda de Deus para todos os homens: que se arrependam, e que voltem arrependidos aos seus pés, que abandonem a rebelião e voltem ao estado de submissão e adoração a Ele.

COMO VIVER SOB A BÊNÇÃO DESTA JUSTIÇA

Romanos 10: 17 a 18

E, assim, a fé vem pela pregação, e a pregação, pela palavra de Cristo. Mas pergunto: Porventura, não ouviram? Sim, por certo: Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras, até aos confins do mundo.

Vive-se sob a bênção desta justiça pela fé; a fé nos introduz nesta justiça. A fé no Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo, faz com que sejamos declarados justos pelo Pai, e que sejam cancelados não só os nossos pecados pessoais, mas a nossa herança pecaminosa em Adão.

Como nos mantermos nesta justiça, nesta relação com Deus? Pela fé: a mesma fé que nos colocou na presença do Todo Poderoso há de nos manter lá. Não tem outro jeito de viver: o justo vive pela fé.

É preciso tomar muito cuidado para que a gente não comece pela fé e continue pelas obras humanas. Muita gente cai nesta esparrela: fica com aquela profunda sensação de que "eu cri em Jesus Cristo, e agora preciso fazer alguma coisa para que Deus me julgue merecedor de continuar lá". Mas isto é uma impossibilidade: não há nada que eu e você possamos fazer que nos conceda qualquer mérito para continuarmos na presença de Deus como santos e irrepreensíveis. A única maneira de permanecermos na presença de Deus como santos e irrepreensíveis é pela fé em Jesus Cristo. A fé de que Cristo perdoou os nossos pecados é também a fé de que Cristo há de nos sustentar nos nossos caminhos. Porque Cristo não é apenas aquele que nos leva ao Pai, mas também aquele que nos mantém no Pai; é nEle que recebemos alimento. Ele é a porta das ovelhas: entraremos e sairemos por Ele, e acharemos pastagem; é Ele que nos sustenta e que nos mantém de pé. A vida cristã é uma vida de fé em Jesus Cristo, a fé de que o Cristo que me tirou do inferno vai tirar o inferno

de mim também. Esta é a idéia presente em todo o evangelho: eu creio que Jesus Cristo me salvou, e eu creio que Jesus Cristo está me salvando, ou seja, creio que Jesus Cristo me tirou do inferno, e creio que Jesus Cristo vai tirar o inferno de mim – os resquícios que eu tenho do velho homem, as marcas da natureza contaminada, os vícios da carne, o mau temperamento, o mau humor; as fraquezas, todas elas, serão vencidas pela força de Jesus Cristo, pelo poder de Jesus Cristo e não por nossos méritos. Não é pelo quanto fazemos de obras, ou mesmo pelo quanto de vida devocional nutrimos, mas simplesmente pelo poder da graça de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. O cristão tem de ser constantemente grato a Jesus Cristo, e acreditar que aquele que começou em nós a boa obra há de completá-la até a volta de Jesus Cristo. O Espírito de Deus está em nós, e o Espírito de Deus há de nos transformar à imagem e semelhança de Jesus Cristo. E isto acontece em resposta à nossa fé, a mesma fé que recebemos, a fé que é dom de Deus. Portanto, ser cristão é continuar acreditando o tempo todo, mesmo diante de suas próprias fraquezas, diante de suas lutas. O cristão se arrepende dos seus erros e acredita – "hoje foi assim, mas amanhã será diferente, porque Cristo está atuando na minha vida. E Ele, pela Sua graça, há de vencer todas as minhas fraquezas, há de me levar à maturidade, há de me aperfeiçoar para a Sua honra e para a Sua glória."

CONCLUSÃO

Romanos 10: 19 a 21

Pergunto mais: Porventura, não terá chegado isso ao conhecimento de Israel? Moisés já dizia: Eu vos porei em ciúmes com um povo que não é nação, com gente insensata eu vos provocarei à ira. E Isaías a mais se atreve e diz: Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim. Quanto a Israel, porém, diz: Todo o dia estendi as mãos a um povo rebelde e contradizente.

Paulo termina dizendo que essas verdades todas foram anunciadas a Israel, mas que lamentavelmente Israel não prestou atenção nelas. Ele termina num tom triste, este capítulo; um tom de angústia pelo seu povo, um povo maravilhoso, que Deus mesmo formou e que teve uma vida sacrificial pelos séculos afora, trazendo a tocha da salvação até os dias do Messias, mas que, com o advento do Messias, o grande sacrifício de Deus pela humanidade – e que de certa forma também era o apogeu do sacrifício de todo um povo para que a humanidade pudesse ser salva – não produziu em Israel o que devia ter produzido. E assim, Paulo termina este capítulo num tom triste.

Nós poderíamos também terminar num tom triste, não soubéssemos nós das promessas de Deus em relação ao seu povo. Que isto nos leve a orar por este povo, que viveu sacrificialmente séculos e séculos para que o Messias pudesse chegar até nós. Que oremos pela salvação deste povo, para que, como povo, eles não tenham corrido em vão.

CAPÍTULO 11

"EM CONFORMAÇÃO COM A JUSTIÇA E DEDICAÇÃO AO AMOR"- ***Rm 11 e 12***

INTRODUÇÃO

Romanos 11:1 a 8

Pergunto, pois: terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum! Porque eu também sou israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim. Deus não rejeitou o seu povo, a quem de antemão conheceu. Ou não sabeis o que a Escritura refere a respeito de Elias, como insta perante Deus contra Israel, dizendo: Senhor, mataram os teus profetas, arrasaram os teus altares, e só eu fiquei, e procuram tirar-me a vida. Que lhe disse, porém, a resposta divina? Reservei para mim sete mil homens, que não dobraram os joelhos diante de Baal. Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça. E, se é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça.

Que diremos, pois? O que Israel busca, isso não conseguiu; mas a eleição o alcançou; e os mais foram endurecidos, como está escrito: Deus lhes deu espírito de entorpecimento, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até ao dia de hoje.

Paulo diz que o seu povo não foi rejeitado, porque Deus continua agindo como sempre agiu através de um remanescente. É verdade que, do ponto de vista formal, a nação rejeitou ao Messias, ao Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo. Porém, assim como foi no tempo de Elias, um remanescente, fiel, eleito pela graça de Deus, aceitou, rendeu-se a Ele e entregou a vida a Ele. Neste sentido, esse remanescente representa o grande Israel e, desta forma, através do seu remanescente Israel foi salvo.

Agora, não há como negar que os demais foram endurecidos. E Paulo passa à gente a imagem de que talvez esse seja mais um grande sacrifício ao qual Deus submeteu Israel, para o bem de toda a humanidade, porque graças ao endurecimento destes o evangelho chegou aos gentios.

Fica para nós o triste concluir que às vezes Deus, para salvar outros, tem que endurecer alguns. Que não sejamos assim, que sejamos sempre cooperadores de Deus. Que Deus não precise nos endurecer para que o evangelho possa chegar a outros corações sedentos e famintos.

O NOSSO PRESENTE PREFIGURA O FUTURO DE ISRAEL

Romanos 11: 9 a 14

*diz Davi: Torne-se-lhes a mesa em laço e armadilha, em tropeço e punição; escureçam-se-lhes os olhos, para que não vejam, e fiquem para sempre encurvadas as suas costas. Pergunto, pois: porventura, tropeçaram para que caíssem? De modo nenhum! Mas, pela sua transgressão, veio a salvação aos gentios, para pô-los em ciúmes. Ora, se a transgressão deles redundou em riqueza para o mundo, e o seu abatimento, em riqueza para os gentios, quanto mais a sua plenitude! Dirijo-me a vós outros, que sois gentios! Visto, pois, que eu sou apóstolo dos gentios, glorifico o meu ministério, para ver se, de algum modo, posso incitar à emulação os do meu povo e salvar alguns deles.*

Nós, no presente, somos emissários de Deus, e existimos para que o Seu nome seja glorificado; existimos para que a Sua mensagem seja levada a todos os homens; existimos para que o Seu Reino possa ser visto em nós, em nosso comportamento, no nosso amor, na nossa unidade; existimos como sinais do Reino de Deus, e como proclamadores deste Reino e convocadores dos homens ao arrependimento.

O futuro de Israel será assim também: o apóstolo Paulo está dizendo que, se o endurecimento de Israel pôde produzir tamanha oportunidade de salvação à toda raça humana, o que a plenitude de Israel não fará? Então, aqui Paulo, que antes tinha terminado o seu capítulo anterior num tom triste, traz aqui à luz um tom de esperança: a certeza de que o seu povo será recuperado, o restante de Israel será alcançado. E que esta

plenitude de Israel, a exemplo do endurecimento do seu coração, será benéfico para toda a humanidade, de uma forma inusitada e hoje ainda incompreensível.

Que possamos tomar isto como um moto, um desafio. Que hoje a Igreja de Jesus Cristo possa ser a grande beneficiária de toda a humanidade; que a Igreja de Jesus Cristo não viva para si, mas, pela honra e glória de Deus, viva por todos e para todos os homens.

OS CUIDADOS COM A INFLUÊNCIA MUNDANA E SECULAR

Romanos 11: 15 a 24

Porque, se o fato de terem sido eles rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento, senão vida dentre os mortos? E, se forem santas as primícias da massa, igualmente o será a sua totalidade; se for santa a raiz, também os ramos o serão. Se, porém, alguns dos ramos foram quebrados, e tu, sendo oliveira brava, foste enxertado em meio deles e te tornaste participante da raiz e da seiva da oliveira, não te glories contra os ramos; porém, se te gloriares, sabe que não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz, a ti. Dirás, pois: Alguns ramos foram quebrados, para que eu fosse enxertado. Bem! Pela sua incredulidade, foram quebrados; tu, porém, mediante a fé, estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme. Porque, se Deus não poupou os ramos naturais, também não te poupará. Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres; doutra sorte,

também tu serás cortado. Eles também, se não permanecerem na incredulidade, serão enxertados; pois Deus é poderoso para os enxertar de novo. Pois, se foste cortado da que, por natureza, era oliveira brava e, contra a natureza, enxertado em boa oliveira, quanto mais não serão enxertados na sua própria oliveira aqueles que são ramos naturais!

A posição em que hoje estamos, e que segundo Paulo é, de alguma maneira decorrência do endurecimento de Israel, não pode nos levar a uma postura de soberba. Não somos melhores, pelo contrário: como eles, dependemos da graça. Portanto, devemos viver confiando única e exclusivamente nesta graça, sem jamais nos deixarmos corromper pela influência mundana. E a influência mundana, aqui, não é a vida de pecado, a vida desregrada, ou coisa que o valha. A influência mundana aqui é soberba, a auto-suficiência, o orgulho, a idéia de que somos especiais, de que somos melhores, de que somos os favoritos de Deus. Isto é mundanismo. Mundanismo é o que tem levado nações à guerra; é aquele sentimento de exclusividade, de superioridade racial. Não podemos cair neste engodo. Somos dependentes da graça, como Israel também o é.

Somos, hoje, resultado de um projeto de Deus, que, mais uma vez, chamou Israel ao sacrifício. Isso não será para sempre, tem tempo contado. Os ramos que foram cortados da oliveira serão reenxertados — é só uma questão de tempo. Nosso desejo, nossa oração deve ser em favor deles. Nunca desdenhemos do povo de Deus, do qual agora fazemos parte também; pelo contrário, oremos para que os ramos originais sejam reenxertados ao nosso lado, formando, então, o grande povo de Deus: uma unidade humana que, de fato, expressa Deus na Sua beleza, na beleza da Sua santidade e da Sua glória.

A NÃO-CONFORMAÇÃO AOS PADRÕES DO MUNDO

Romanos 11:25 a 32

Porque não quero, irmãos, que ignoreis este mistério (para que não sejais presumidos em vós mesmos): que veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios. E, assim, todo o Israel será salvo, como está escrito: Virá de Sião o Libertador e ele apartará de Jacó as impiedades. Esta é a minha aliança com eles, quando eu tirar os seus pecados. [28] *Quanto ao evangelho, são eles inimigos por vossa causa; quanto, porém, à eleição, amados por causa dos patriarcas; porque os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. Porque assim como vós também, outrora, fostes desobedientes a Deus, mas, agora, alcançastes misericórdia, à vista da desobediência deles, assim também estes, agora, foram desobedientes, para que, igualmente, eles alcancem misericórdia, à vista da que vos foi concedida. Porque Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos.*

"Deus a todos encerrou na desobediência, para usar de misericórdia para com todos." Esta é a afirmação do apóstolo. Nós já alcançamos esta misericórdia, pela graça. O povo de Israel também a alcançará. Por isto, não nos conformemos com padrões mundanos sob hipótese alguma. Não nos deixemos cair na vaidade, não nos deixemos levar por ela. Não nos julguemos a nós mesmos, baseados em qualquer mérito. Continuemos a sustentar que fomos salvos pelo Libertador que veio de Sião, e que este Libertador que veio de Sião há de salvar Sião também; que somos as primícias desta salvação, agora, e que o nosso papel é estimularmos o povo de Israel a esta mesma salvação.

Lamentavelmente, falhamos na história. A Igreja cristã parece que não leu direito este texto do apóstolo Paulo, e acabamos nos tornando os maiores inimigos de Israel. Nos levantamos contra eles na Inquisição, os perseguimos no mundo todo, os forçamos a abdicarem da sua fé à força, a se tornarem o que ficou conhecido na história como cristãos-novos, os abandonamos na Segunda Grande Guerra Mundial — de fato, só nos lembramos deles depois que a guerra havia terminado, e os horrores dos campos de concentração foram revelados ao mundo. Parece que a Igreja cristã não leu este trecho de Paulo. A Igreja cristã não entendeu que o nosso grande papel na história era emularmos Israel, para que ele aceitasse o seu próprio Messias. Mas, ao contrário disto, durante toda a história fizemos de tal maneira que o povo de Israel odiasse ainda mais o seu Messias; que o povo de Israel quase o repugnasse, porque em nome dele sofreram toda a sorte de humilhação, de violência e de crueldade.

Sem dúvida alguma, a Igreja cristã está em débito com o povo de Israel. Todos nós temos de nos ver nesta perspectiva. Todos nós temos de perceber que não importa os ramos da Igreja cristã — seja o ortodoxo, seja o romano, seja o protestante —, todos nós falhamos com o povo de Israel. Ainda há tempo de consertar isso, pelas nossas orações, pelo nosso clamor, pelo desejo do nosso coração de que haja paz em Jerusalém, pelo clamor a Deus para que Israel veja o seu Messias, e se curve diante dele.

Amemos este povo. Não nos deixemos enganar: a salvação vem dos judeus. Amemos este povo, e clamemos por ele, para que eles possam se sentir emulados por nós a buscarem seu Messias. Ainda há tempo de vivermos à altura da nossa vocação, de modo que possamos ser de fato instrumentos de Deus para a salvação do seu povo.

OS PARÂMETROS DA VIDA CRISTÃ

Romanos 12:1 a 8

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé; se ministério, dediquemo-nos ao ministério; ou o que ensina esmere-se no fazê-lo; ou o que exorta faça-o com dedicação; o que contribui, com liberalidade; o que preside, com diligência; quem exerce misericórdia, com alegria.

O apóstolo diz que somos fruto de uma sabedoria intensa. Que Deus, nos Seus insondáveis juízos e inescrutáveis caminhos, criou um plano perfeito, que permitiu que nós, gentios, pudéssemos ter acesso à sua graça. Esse plano de Deus, essa forma como Deus operou na história, realmente levou o povo de Israel a grandes sacrifícios, e a culminância deste sacrifício todo está no sacrifício do Messias, o Filho da promessa.

Então, Paulo diz que, diante de tanta misericórdia que Deus teve para com a humanidade, a única coisa que nós podemos fazer é nos apresentar a Ele como sacrifício vivo, o que significa viver exclusivamente para a Sua honra e para a Sua glória – que a única coisa que faz jus a tudo o que ele fez por nós. Como conseqüência disto, não devemos tomar a forma deste século rebelde, deste mundo rebelde, deste sistema rebelde. Aliás, ser cristão é ter a consciência de que nós saímos do estado de rebelião, e viemos, em segurança, transportados para o estado de submissão, estado de adoração. Adoração a Deus começa com a submissão a Ele, com o reconhecimento de que só Ele é digno de honra e glória em todo o universo, que o Seu amor é insondável e é o Seu amor que explica a existência de todas as coisas. Conversão significa ter aberto mão de todo o estado de rebelião, e ter de novo entendido e assumido Deus como o único referencial de verdade, único referencial de certo e errado, de justo e injusto no universo. A conversão é um estado de submissão e de adoração a Deus.

E o Paulo diz que, se formos assim, se tomarmos esta posição, se nos entregarmos como um culto vivo a Deus, para viver única e exclusivamente para Ele, para obedecê-Lo, para honrá-Lo, para exaltá-Lo, para desejar ser igual a Ele, em cada gesto, em cada palavra, em cada ato, em cada momento experimentaremos a Sua vontade; experimentaremos o que Ele tem de melhor para nós em cada momento da nossa vida. A idéia presente aqui é a de que saberemos o que fazer a cada momento da nossa vida,

porque seremos guiados pela vontade de Deus. Então, faremos em cada momento da nossa vida o que é bom, o que é agradável e o que é perfeito.

Então, o apóstolo Paulo diz que a não-conformação implica em renovarmos a nossa mente. E ele começa a dar parâmetros para renovação da nossa mente. O primeiro parâmetro que ele dá é que não pensemos acerca de nós além do que convém; pelo contrário, que nós sejamos moderados em relação a nós mesmos, que nós percebamos que somos interdependentes. A Igreja de Jesus Cristo é formada por um povo que tem consciência de interdependência, ou seja, a consciência de que um depende do outro, de que os nossos dons são complementares, e de que todos nós vivemos única e exclusivamente baseados na graça de Deus. Cada um de nós tem um dom, e, portanto, cada um de nós tem uma contribuição. A nossa contribuição só faz sentido quando somada à contribuição de todos os outros. Ninguém é superior a ninguém no Reino de Deus; pelo contrário, no Reino de Deus todos são iguais, e todos se tratam com honra um ao outro, de maneira que não há entre nós essa relação de superioridade, ou de hierarquia, mas uma profunda relação de igualdade e de dependência mútua. Este é o primeiro parâmetro, um parâmetro que vai de encontro ao sistema rebelde, porque o sistema rebelde é marcado pela soberba, é marcado pela pretensão que os homens têm à independência e pela crença que os homens têm de que são superiores uns aos outros. Na Igreja de Cristo não é assim: o Reino de Deus é constituído de gente que sabe que é apenas e tão somente dependente da graça, que não é maior do que o seu irmão, que depende do seu irmão, e que deve viver para abençoar o seu irmão e para ser abençoado por ele.

A VIDA CRISTÃ ESPONTÂNEA DIANTE DE DEUS

Romanos 12: 9 a 17

O amor seja sem hipocrisia. Detestai o mal, apegando-vos ao bem. Amai-vos cordialmente uns aos outros com amor fraternal, preferindo-vos em honra uns aos outros. No zelo, não sejais remissos; sede fervorosos de espírito, servindo ao Senhor; regozijai-vos na esperança, sede pacientes na tribulação, na oração, perseverantes; compartilhai as necessidades dos santos; praticai a hospitalidade; abençoai os que vos perseguem, abençoai e não amaldiçoeis. Alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram. Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde; não sejais sábios aos vossos próprios olhos. Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens.

O apóstolo continua falando dos princípios cristãos que renovam a nossa mente, porque ele exortou-nos a que deixássemos a nossa mente ser transformada pela renovação do nosso entendimento. Isto significa que devemos ter novos padrões de pensamento, e ele vai alistando os padrões de pensamento.

O primeiro padrão, como já vimos, é a igualdade e a interdependência. O outro padrão é o amor, um amor que nos faça apegar ao bem; um amor que seja cordial, que seja fraternal, que faça com que nós olhemos para o nosso irmão como alguém sempre superior à nós. Portanto, um amor que nos leve a servir. Então, este é outro padrão celestial que deve mover agora o nosso sentimento: a disposição de amar. E o amor

cristão é muito prático, é muito pragmático: ele se revela no serviço, ele se revela no apegar-se ao bem, ele se revela no honrar ao que está ao nosso lado.

Ele continua dizendo que o outro padrão é o zelo, essa busca constante de servir ao Senhor. Nós estamos diante de um sistema de rebeldes, um sistema que planta a rebeldia no coração dos homens. A nossa resposta a este sistema é o nosso zelo em servir ao nosso Deus, o nosso zelo em obedecê-lo, o nosso zelo em considerar a Sua vontade, em considerar a Sua honra e a Sua glória, antes e acima de tudo.

O outro padrão é o da esperança. No meio de todas as lutas, de todas as angústias, de todos os percalços, não perder a esperança jamais; ter sempre os olhos fitos na vitória de Jesus Cristo e na certeza de que Ele venceu, e venceremos também. E assim, nesta certeza nos mantemos firmes nos propósitos de Deus e nos Seus valores.

E continua o apóstolo Paulo dizendo: "pacientes na tribulação". A vitória do crente não é não sofrer: a vitória do crente é não ser derrotado pelo sofrimento. A idéia é de que vamos passar por lutas — e não poderia ser diferente, porque estamos enfrentando um sistema rebelde —, mas, no meio dessas lutas, vamos ser pacientes; não vamos nos exasperar, não vamos entrar em crise, não vamos começar a dizer que Deus não nos ouve mais, que estamos sofrendo além da conta. Ninguém sofre além da conta no Reino de Deus: não há tentação que nos sobrevenha que não possamos suportar, e não há sofrimento que nos sobrevenha que com ele também não venha o auxílio de Deus.

Portanto, paciência na tribulação e perseverança na oração. Esta é a nossa grande bênção, o nosso grande triunfo, o nosso grande privilégio: orar, falar com Deus, lançar sobre Ele as nossas ansiedades, colocar para Ele o nosso coração, e orar, acima de tudo, para ter nEle um amigo, com quem podemos conversar o tempo todo sobre tudo.

Outro dos padrões que devem agora nortear o nosso pensamento é compartilhar das necessidades dos santos. Vivemos num mundo de egoísmo, num mundo de individualismo; mas no Reino de Deus não é assim. No Reino de Deus, compartilhamos das necessidades dos santos: se um irmão sofre, a gente sofre com ele. Quem tem duas túnicas, divide com quem não tem; quem tem comida faz o mesmo. O Reino de Deus é marcado pela solidariedade.

Outro dos valores é a hospitalidade. Nenhum cristão, nenhum, está jogado na rua da amargura. Nenhum cristão precisa ir morar nas ruas, não importa a crise que sobrevenha à nação ou ao povo. Não porque simplesmente Deus fará um milagre, e ele não será despejado, ou não sofrerá os revezes de uma situação econômica cruel, mas porque os seus irmãos o acolherão. Esta é a idéia de praticar a hospitalidade. Praticar a hospitalidade não é apenas hospedar alguém que está de passagem; praticar a hospitalidade significa dar abrigo aos que perderam a sua casa, dar abrigo aos que não têm onde morar, dar abrigo aos que ficaram sem teto. Nenhum filho de Deus fica sem teto, porque os seus irmãos repartem o seu. Este é outro padrão do Reino que contraria o

sistema rebelde. No sistema rebelde, cada um que se vire; mas no Reino de Deus, o que é de um, é de todos.

Outro padrão é "abençoai os que vos perseguem; abençoai, e não amaldiçoeis". Os súditos do Reino de Deus não têm inimigos; os súditos do Reino de Deus não desejam mal a ninguém, e nem se levantam contra a vida de ninguém. Pelo contrário: mesmo quando perseguidos, os súditos do Reino de Deus só sabem abençoar. Este é outro padrão.

Nossa mente precisa pensar com estes padrões. Quando estivermos diante das lutas, diante das dificuldades, nosso pensamento tem de ser dirigido por estes padrões: amor fraternal, honrar o nosso irmão, obedecer a Deus com zelo, ter esperança em meio à luta, ser paciente na tribulação, perseverante na oração, compartilhar as necessidades dos santos, dar teto a quem não tem e abençoar os que nos perseguem. Isto vai mudar a nossa forma de reagir.

Outro padrão que deve nortear a nossa forma de pensar é alegrar-se com os que se alegram, e chorar com os que choram. Nós vivemos num mundo em que cada pessoa, nesse sistema rebelde, só chora por si mesmo, e só ri a sua alegria. Mas os cristãos, não: os cristãos são fraternos, empáticos. Eles se importam: os filhos de Deus se importam com o próximo, procuram sofrer o que os outros estão sofrendo para poder ser para eles a consolação de Deus. Assim como os filhos de Deus sabem celebrar com os que estão

celebrando, porque no meio dos filhos de Deus não há inveja. Há, sim, o desejo constante de ver o sucesso do outro, a bênção do outro. Porque no Reino de Deus a bênção de uma pessoa é a bênção de todos nós, assim como o sofrimento de uma pessoa é o sofrimento de todos nós.

E continua o apóstolo Paulo, falando ainda dos novos padrões que devem possuir a nossa mente, porque hão de renová-la e, ao renová-la, hão de transformar-nos.

"Tende o mesmo sentimento uns para com os outros; em lugar de serdes orgulhosos, condescendei com o que é humilde. Não se achais sábios perante vossos próprios olhos." Aqui, a idéia é escolher as coisas humildes. Os cristãos escolhem as coisas humildes pelo seu próprio estilo de viver. Primeiro, o cristão deve procurar ter sempre um estilo de vida simples, até porque não cabe bem ao súdito de Deus, que está lutando pela salvação do mundo, pela dignidade humana, viver nababescamente ou ostensivamente. Pelo contrário, temos que receber as bênçãos de Deus e reparti-las com necessitados, com os angustiados, com os desesperados, vivendo um estilo de vida simples, onde tenhamos uma vida digna, mas nunca uma vida nababesca, ostensiva e perdulária.

Condescendamos com o que é humilde, esta é a idéia. Escolher sempre o que é humilde, o que tem a ver com serviço, com a simplicidade, com a modéstia ao invés de sermos orgulhosos. Não devemos ser sábios aos nossos próprios olhos; devemos nos

sentir sempre como eternos aprendizes, aprendendo com o irmão, aprendendo com a natureza, aprendendo com o próximo, e, acima de tudo, aprendendo com o Espírito Santo de Deus.

Condescendei com o que é humilde: a idéia é que optemos pela humildade, o tempo todo. Optemos pela reserva, pela modéstia, pela simplicidade, o tempo todo. Que nós nos sintamos muito bem ao lado da humildade, e que nós nos sintamos muito mal ao lado do orgulho e da soberba.

Paulo continua, dizendo que o outro propósito, outro paradigma que deve nortear a nossa mentem é a idéia que devemos fazer o bem perante todos os homens. Não importa que os homens nos tratem mal – nós não pagamos mal com mal, pelo contrário: pagamos o mal com bem. Aliás, é crença cristã de que só o bem vence o mal. A violência gera mais violência; portanto, cuidado com movimentos a favor de pena de morte, cuidado com movimentos a favor de prisões perpétuas, cuidado com movimentos a favor de endurecimento e violência, porque nós, cristãos, não acreditamos que o mal possa vencer o mal – só o bem pode vencer o mal. Então, a idéia é de que só o amor é que derrota o ódio, como apenas a vida derrota a morte.

Então, nos temos que apostar na dignidade humana, apostar em fazer o bem aos que fizeram mal. Porque só o bem pode converter o homem contaminado pelo mal.

CONCLUSÃO

Romanos 12:18 a 21

*e possível, quanto depender de vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança; eu é que retribuirei, diz o Senhor. Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.*

Os cristãos, agora transformados pela renovação do seu entendimento, farão tudo o que puderem para ter paz para com todos os homens. Jamais se vingarão a si mesmos — diante da maldade, deixarão que a ira de Deus faça justiça.

Este "dai lugar à ira" não é "irai-vos e não pequeis", não! Aqui, é dai lugar à ira de Deus. Deixe que Deus se ire, e que Ele mesmo faça justiça, porque está escrito: "a mim me pertence a vingança, e eu é que retribuirei, diz o Senhor."

Os súditos de Deus só fazem o bem. Transformados pela renovação do seu entendimento, darão comida aos que têm fome, mesmo que este seja o seu inimigo; água aos que têm sede, mesmo que estes sejam declaradamente inimigos. O papel do cristão é amontoar brasas vivas sobre a cabeça dos seus adversários.

O que isso significa? Nós acreditamos que, ao fazer o bem, damos ao Espírito Santo o ambiente necessário para que Ele trabalhe na consciência daquele que se declarou inimigo, de modo que a sua consciência seja incomodada a tal ponto que ele venha a se arrepender.

O fecho de Paulo é maravilhoso: "não te deixes vencer o mal, mas vence o mal com o bem". Esta é a reação de alguém cuja mente foi transformada pela renovação do seu entendimento.

CAPÍTULO 12

"O CRISTÃO E AS AUTORIDADES" - *Rm 13 e 14*

INTRODUÇÃO

Romanos 13:1 a 4

Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores; porque não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas. De modo que aquele que se opõe à autoridade resiste à ordenação de Deus; e os que resistem trarão sobre si mesmos condenação. Porque os magistrados não são para temor, quando se faz o bem, e sim quando se faz o mal. Queres tu não temer a autoridade? Faze o bem e terás louvor dela, visto que a autoridade é ministro de Deus para teu bem. Entretanto, se fizeres o mal, teme; porque não é sem motivo que ela traz a espada; pois é ministro de Deus, vingador, para castigar o que pratica o mal.

O apóstolo Paulo começa dizendo que nós devemos ser submisso às autoridades, entendendo que foi Deus quem estabeleceu esta ordem no universo. Este é um universo com ordem, é um universo que conhece o significado do termo autoridade. Mas também, o apóstolo Paulo deixa claro que as autoridades precisam ser submissas, porque elas são ministros de Deus para o bem. Isto significa que as autoridades estão submissas a Deus, e ao padrão que Deus tem de bem e de mal.

É sempre bom lembrar que, num regime democrático como o que nós vivemos, a autoridade máxima é o povo, e todos os poderes constituídos governam em nome do povo, e que o apóstolo está deixando bastante claro que o papel da autoridade é representar a justiça divina, combater o mal e exaltar o bem.

Fica aqui, obviamente, nesta colocação do apóstolo Paulo um princípio bastante claro: o princípio da submissão, tanto das pessoas às autoridades quanto das autoridades a Deus —e este princípio da submissão traz à tona outro princípio que é o princípio da aferição: assim como as pessoas precisam ser aferidas na sua submissão às autoridades, as autoridades precisam ser aferidas na sua submissão a Deus.

NOSSA POSIÇÃO DIANTE DAS AUTORIDADES

Romanos 13:5 a 7

É necessário que lhe estejais sujeitos, não somente por causa do temor da punição, mas também por dever de consciência. Por esse motivo, também pagais tributos, porque são ministros de Deus, atendendo, constantemente, a este serviço. Pagai a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra.

O cristão não deve estar sujeito à autoridade por causa do temor da punição, até porque espera-se que um cristão não tenha porquê temer nenhuma punição, haja vista que ele vive um padrão que é divino, e, portanto, um padrão que é superior a qualquer princípio de justiça humana. Pelo contrário: o cristão deve ser submisso às autoridades por dever de consciência, por uma questão de coerência com a sua própria fé, com a sua própria crença, com o seu próprio modo de ver a forma como o mundo deve funcionar. E isto faz com que os cristãos sejam responsáveis diante das demandas que a autoridade faz, ou seja, a que imposto, imposto; a quem respeito, respeito; e a quem honra, honra. O cristão é aquele que entende a legitimidade do Estado e a necessidade de sustentá-lo, para o bem de todos, para o progresso de todos e para o desenvolvimento de todos os homens.

Agora, tem de ficar bastante claro que estes princípios expostos aqui pelo apóstolo Paulo são princípios de mão-dupla, porque, da mesma forma como o cristão é submisso ao Estado, o Estado tem que ser submisso à sua função. E isto tem de ser aferido o tempo todo. A democracia, através do sistema de eleição a cada período preestabelecido é, até onde conhecemos, o melhor meio do Estado ser aferido na sua legitimidade. E, como cristãos, devemos estar sempre lutando pela democracia, lutando para que os poderes sejam submissos a uma norma maior, que é a norma de Deus, lutando para que o governo seja sempre exercido em nome do povo, pelo povo e em favor do povo, lutando para que o Estado seja sempre responsabilizado quando, ao invés de ministro do bem, se torna ministro do mal, quando ao invés de administrar bem os recursos que recebe se torna perdulário, perverso e corrupto. O princípio de submissão que Paulo traz à tona neste primeiro versículo deste capítulo treze — não nos esqueçamos jamais! — é uma rua de mão-dupla, onde há submissão do cidadão ao Estado, às autoridades, das autoridades ao cidadão, e de ambos a Deus, que é esse padrão maior que é justiça de Deus. E que isso tem que ser aferido; por isso, a democracia, que é uma conquista cristã, é sem dúvida nenhuma um dos maiores benefícios que o cristianismo trouxe ao mundo; e cabe aos cristãos zelar para que ela não só seja mantida, mas cada vez mais aperfeiçoada, de modo que a justiça divina encontre nas autoridades humanas um canal por onde possa ser exercida.

O MUNDO POLÍTICO E SEUS ENVOLVIMENTOS

Romanos 13:8 a 14

Bom, os cristãos estão numa sociedade, que eles mesmos ajudaram a construir, cujos valores mais elevados vieram da pregação e da tradição judaico-cristã. E isto, obviamente, faz com que os cristãos, de alguma maneira, tenham de cooperar para o bem do Estado, cooperar para que haja o progresso da civilização, progresso da humanidade, progresso da sociedade.

Agora, isto tem um limite, porque aos cristãos só é permitido uma dívida: o amor. O cristão não pode dever nada a ninguém além do amor. Portanto, isto significa que o cristão tem de ter um padrão de justiça tal que faça com que ele, em nenhum momento, se comprometa. Impossível pensar na possibilidade de um cristão estar devendo favores tais que seja constrangido a não viver segundo o padrão de Deus por causa dos favores e débitos que acumulou. E isto faz com que a situação dos cristãos que têm vocação política —principalmente destes —seja delicada.

A vocação política é uma vocação natural, normal, digna, como qualquer outra vocação. Mas é preciso que o cristão que tem esta vocação tenha consciência de que ele não pode ser constrangido, sob hipótese alguma, a transigir com o padrão divino. Portanto, ele não pode se associar os ímpios, que andam em orgias, bebedices, corrupções e soluções, que andam sob trevas; porque o chamado do cristão é revestir-se das armas da

luz. Portanto o cristão não pode se envolver nas obras das trevas. Isto não significa que o cristão não possa e não deva praticar a política. Em primeiro lugar, porque todos nós somos seres políticos.

Todo o nosso ato, tudo o que fazemos, tem conotação política —política significa arte de administrar a coisa pública para o bem de todos. E tudo o que fazemos, todas as nossas ações, de alguma maneira, mexem com o que é público: nossa esfera de ação é uma esfera que sempre atinge outros homens, outras pessoas. Cada ato tem conseqüências, e essas conseqüências sempre nos estrapolam. Alguém também será atingido, e isto torna todos os nossos atos políticos.

Além disso, a política em si é uma nobre função: a função de administrar a coisa pública para o bem de todos. Então, os cristãos que têm vocação política são bem-vindos; entretanto, precisam saber que eles não podem se envolver com as obras das trevas. Eles têm um único débito que devem carregar a vida toda, que é o débito do amor —e nada mais. Eles não podem chegar aonde quiserem chegar, aonde acham que devem chegar às custas de negócios escusos, associações suspeitas, acordos no mínimo dignos de uma observação ou de uma apuração mais profunda. Os cristãos devem andar na luz; as suas armas são as armas da luz, que são a verdade, a justiça, o amor, a paz, a coragem, a assertividade, o compromisso, a fidelidade, o domínio próprio —estas são armas da luz. Portanto, os cristãos são conclamados a isso, sabendo que a nossa salvação se aproxima, que não sabemos quanto tempo temos. E quem não sabe quanto tempo tem, tem muito pouco tempo.

OS CUIDADOS QUE DEVEMOS TER

Romanos 14:1 a 6

Acolhei ao que é débil na fé, não, porém, para discutir opiniões. Um crê que de tudo pode comer, mas o débil come legumes; quem come não despreze o que não come; e o que não come não julgue o que come, porque Deus o acolheu. Quem és tu que julgas o servo alheio? Para o seu próprio senhor está em pé ou cai; mas estará em pé, porque o Senhor é poderoso para o suster. Um faz diferença entre dia e dia; outro julga iguais todos os dias. Cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente. Quem distingue entre dia e dia para o Senhor o faz; e quem come para o Senhor come, porque dá graças a Deus; e quem não come para o Senhor não come e dá graças a Deus.

Além dos conceitos já expostos, faz parte dessa mente renovada também a sua relação com as autoridades e a sua compreensão do papel das autoridades, assim como também um compromisso de andar na luz. E essa mente renovada tem um outro paradigma, que é o paradigma do não-juízo, de que as pessoas são mais importantes do que os seus costumes, são mais importantes até do que o nível de maturidade que já alcançaram.

Por isso, a ordem do apóstolo Paulo, a ordem de Deus através dele, é que ninguém seja julgado no Reino de Deus pelo nível de maturidade que já alcançou. Porque, de fato, o que conta no Reino de Deus é se a pessoa está fazendo o que está

fazendo para o Senhor, ou não. E se o que ele está fazendo, está fazendo para o Senhor, deixemos por conta do Senhor a correção desta pessoa. É claro que o apóstolo não está aqui tratando de questões heréticas, mas sim de questões de costume, de práticas que, até de modo equivocado, são praticadas tendo em vista a santidade. São costumes de naturezas diversas, mas o que é importante é que eles estão sendo feitos para a glória de Deus; a pessoa que o faz acredita ser esta a vontade de Deus. E, no Reino de Deus, essas pessoas não são julgadas — ninguém no Reino de Deus é julgado por não ter alcançado ainda a maturidade que deve alcançar. Aqui no Reino de Deus há o princípio do jardim, que é o princípio de que a vida vai crescendo, vai evoluindo, vai progredindo, e que há vários estágios na vida do ser humano que anda com Deus. A cada estágio, ele vai se tornando mais maduro, mais consciente, e vai se libertando de usos e costumes absolutamente irrelevantes. Mas não cabe a nenhum cristão a prerrogativa do desrespeito; pelo contrário, devemos zelar para que os irmãos tenham a liberdade de adorar ao Senhor segundo o que entenderam, e essas coisas não devem ser motivos de divisão, ou de discriminação.

A mente renovada, é, acima de tudo, uma mente cordata, uma mente compreensiva, uma mente que sabe que o ser humano é mais importante do que os seus atos, até mesmo do que as suas crenças. Nós nos aproximamos do ser humano para resgatá-lo, e não para condená-lo. E se isso é entre os nossos irmãos, então, com muito mais propriedade.

COMO AJUDAR AOS QUE PRECISAM

Romanos 14:7 a 12

Porque nenhum de nós vive para si mesmo, nem morre para si. Porque, se vivemos, para o Senhor vivemos; se morremos, para o Senhor morremos. Quer, pois, vivamos ou morramos, somos do Senhor. Foi precisamente para esse fim que Cristo morreu e ressurgiu: para ser Senhor tanto de mortos como de vivos. Tu, porém, por que julgas teu irmão? E tu, por que desprezas o teu? Pois todos compareceremos perante o tribunal de Deus. Como está escrito: Por minha vida, diz o Senhor, diante de mim se dobrará todo joelho, e toda língua dará louvores a Deus. Assim, pois, cada um de nós dará contas de si mesmo a Deus.

Ajudaremo-nos uns aos outros estimulando-nos ao serviço do Senhor, porque a compreensão das Escrituras é esta mesma: nenhum de nós pode viver para si mesmo, ou morrer para si mesmo, mas sim para o Senhor. Porque o Senhor morreu e ressurgiu para isso mesmo: para ser senhor tanto de mortos, como de vivos. Portanto, a melhor maneira de estimularmos alguém quando o encontramos com práticas diferentes das nossas e, quando essas práticas são feitas em nome da fé e do amor ao Senhor Jesus Cristo, é estimulá-lo a servir a Jesus Cristo cada vez mais, mesmo, a amar Jesus Cristo cada vez mais, a honrá-Lo —é estimulá-lo. Jamais julgá-lo, jamais condená-lo, jamais desmerecê-lo, porque todos nós estamos debaixo do mesmo Senhor. Confiemos nEle; confiemos no Senhor da Igreja.

Quantas divisões não houve na Igreja por questões desta natureza? Ah, se tivéssemos ensinado a tolerância! Se tivéssemos dado tempo ao tempo, se tivéssemos confiado no Senhor da Igreja, se tivéssemos confiado no Espírito Santo, se tivéssemos confiado na sabedoria de Deus, se tivéssemos apenas e tão somente a expor a Bíblia, com clareza, com amor, com bondade, ao invés de julgarmos os irmãos pelas experiências que estavam tendo com Deus, pelas disposições que estavam assumindo no que tange a usos e costumes, julgando assim estar servindo melhor a Deus! Ah, se em meio a tudo isso, tivéssemos nos amado apenas —nos amado e nos tolerado mutuamente, e sido cordatos uns com os outros, sem nos condenarmos, sem nos julgarmos — esperando apenas que o Senhor da Igreja, como o mesmo apóstolo Paulo disse, nos levasse a ter um mesmo sentimento e um mesmo entendimento!

Esta é a exortação do Paulo. É assim que nos ajudamos mutuamente. Não nos ajudamos julgando-nos uns aos outros; ajudamo-nos estimulando-nos uns outros a sermos ainda mais fiéis, mais consagrados, mais santificados, porque, neste processo de adoração a Jesus Cristo, é que somos transformados e somos então emancipados como seres humanos, como cristãos.

A LIBERDADE E O AMOR ORNANDO A NOSSA VIDA

Romanos 14:13 a 18

Não nos julguemos mais uns aos outros; pelo contrário, tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão. Eu sei e estou persuadido, no Senhor Jesus, de que nenhuma coisa é de si mesma impura, salvo para aquele que assim a considera; para esse é impura. Se, por causa de comida, o teu irmão se entristece, já não andas segundo o amor fraternal. Por causa da tua comida, não faças perecer aquele a favor de quem Cristo morreu. Não seja, pois, vituperado o vosso bem. Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo. Aquele que deste modo serve a Cristo é agradável a Deus e aprovado pelos homens.

Paulo aprofunda o tema: ele agora diz que não é apenas não julgar, mas não provocar escândalo. Por amor ao irmão, devemos nos privar —e no Reino de Deus, os fortes se sacrificam pelos fracos, os maduros se sacrificam pelos imaturos e não o contrário. Então, por amor ao Senhor, por amor aos irmãos, devemos, aqueles que já entenderam a liberdade da graça, a liberdade do Espírito, estar dispostos ao sacrifício pelos que ainda não entenderam, pelos que ainda estão presos a usos e costumes, pelos que ainda estão presos a um sem número de rituais, pelos que ainda estão presos a certos comportamentos. Paulo, então, aprofunda dizendo que o amor leva ao sacrifício pelo irmão; que nós nos sacrificamos pelo irmão para manter o padrão do Reino —e o padrão do Reino é paz, é justiça e alegria no Espírito Santo. E esta justiça não é a justiça que diz: "se eu estou certo, o outro tem de se submeter"; a justiça de Deus é aquela que diz: "é

justo que ele tenha tempo para crescer, para se desenvolver, para ser aperfeiçoado pelo Espírito Santo. E é minha função conceder a ele este tempo". Então, eu me sacrifico por ele até que Jesus Cristo o faça crescer.

Isto não significa que eu não vou ensiná-lo. Vou! Gradativamente vou ensiná-lo, gradativamente vou chamando-o a conversar sobre o assunto, a perceber a profundidade do ato libertador de Jesus Cristo; mas em nenhum momento vou escandalizá-lo, vou ferir a sua fé, as suas bases. Porque o Reino de Deus é justiça, e a justiça que é vista em função da vida. E o que é justo em relação à vida é dar à vida o tempo necessário para se desenvolver.

O Reino de Deus é paz. Paulo diz, em Colossenses, que a paz de Cristo tem de ser o árbitro nos nossos corações, ou seja, que se qualquer coisa que eu vá fazer vai me dividir do irmão, vai criar no irmão algum tipo de angústia, eu não o devo fazer. A paz conquistada por Jesus Cristo na cruz entre os homens tem de ser mantida a qualquer preço. E o Reino de Deus é alegria no Espírito Santo. E o que deve me alegrar é a presença do irmão, e não o fato dele fazer as coisas do jeito que eu gostaria que fossem feitas. As pessoas são mais importantes do que os seus atos, são mais importantes até mesmo do que a sua forma de adorar. São mais importantes do que a própria lei, disse o Senhor, ao falar que o sábado é para o homem, e não o homem para o sábado.

E vida cristã é como um jardim plantado: você tem que dar tempo para vida progredir, para que ela se desenvolva. Há tempo para tudo, debaixo do sol. Entre a semente e o fruto, há um longo caminho.

CONCLUSÃO

Romanos 14:19 a 23

Assim, pois, seguimos as coisas da paz e também as da edificação de uns para com os outros. Não destruas a obra de Deus por causa da comida. Todas as coisas, na verdade, são limpas, mas é mau para o homem o comer com escândalo. É bom não comer carne, nem beber vinho, nem fazer qualquer outra coisa com que teu irmão venha a tropeçar ou se ofender ou se enfraquecer. A fé que tens, tem-na para ti mesmo perante Deus. Bem-aventurado é aquele que não se condena naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvidas é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado.

A vida cristã, muitas vezes, cobra um sacrifício. E, sempre que cobra um sacrifício, é sacrifício para a glória de Deus. Um dos sacrifícios que a vida cristã cobra para a glória de Deus é a tolerância, o amor e a generosidade.

"É verdade", diz o apóstolo Paulo, "Cristo nos libertou." É verdade, podemos todas as coisas que nos fortalece, e somos livres: podemos comer qualquer coisa, desde recebida com ações de graça; para a liberdade foi que Cristo nos libertou. Mas, no Reino de Deus, a liberdade convive com o sacrifício — o sacrifício pelo bem do irmão, para a glória de Deus; o sacrifício pela edificação da Igreja. E ninguém vai conseguir edificar a Igreja julgando os irmãos, ou escandalizando-os; ninguém vai conseguir edificar a Igreja desprezando os mais fracos, desprezando os que ainda não atingiram determinados níveis

de maturidade. Pelo contrário: quando um sujeito que se diz maduro faz isso, ele apenas comprova que é tão imaturo quanto; ou talvez, mais imaturo ainda.

Portanto, a conclusão é: temos de amar em todo o tempo, temos de tolerar em todo o tempo, temos de dar à vida tempo para crescer, para se desenvolver, temos de dar espaço para o Espírito Santo trabalhar, temos de estar dispostos ao sacrifício pelo irmão, seu crescimento, seu bem estar, seu progresso, tem de ser nosso objetivo. Porque o sonho de Deus é atingirmos a unidade, e não vamos conseguir atingir essa unidade prática porque já somos um em Cristo Jesus se não formos tolerantes uns com os outros, se não esperarmos uns pelos outros. E, portanto não forcemos os irmãos àquilo que eles não estão preparados, pois muitas vezes forçá-los dizendo: "faça isso, não há nada de mais", os condenará, porque os fará fazer sem fé, fazer consumidos pela dúvida, e o apóstolo Paulo diz que tudo o que for feito consumido pela dúvida é pecado. Por isso sejamos tolerantes, aguardemos uns pelos outros, concedamos ao Espírito Santo espaço para trabalhar, entendamos que Deus começou uma boa obra, um poema, e esse poema em cada pessoa está em um estágio. Aqueles, cujo estágio está mais amadurecido, precisam aprender que o preço da maturidade é o sacrifício. O preço da força é o sacrifício pelos fracos, o preço da maturidade é o sacrifício pelos imaturos, para que a unidade da Igreja seja preservada, seja posta em prática, para que a vida da Igreja seja marcada pela justiça, pela alegria e pela paz.

CAPÍTULO 13

"EPÍSTOLA AOS ROMANOS, UMA MENSAGEM PARA HOJE" - ***Rm 15 e 16***

INTRODUÇÃO

Romanos 15: 1 a 13

Ora, nós que somos fortes devemos suportar as debilidades dos fracos e não agradar-nos a nós mesmos. Portanto, cada um de nós agrade ao próximo no que é bom para edificação. Porque também Cristo não se agradou a si mesmo; antes, como está escrito: As injúrias dos que te ultrajavam caíram sobre mim. Pois tudo quanto, outrora, foi escrito para o nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança. Ora, o Deus da paciência e da consolação vos conceda o mesmo sentir de uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que concordemente e a uma voz glorifiqueis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Portanto, acolhei-vos uns aos outros, como também Cristo nos

acolheu para a glória de Deus. Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia, como está escrito: Por isso, eu te glorificarei entre os gentios e cantarei louvores ao teu nome. E também diz: Alegrai-vos, ó gentios, com o seu povo. E ainda: Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem. Também Isaías diz: Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios; nele os gentios esperarão. E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo.

O apóstolo conclui o que havia desenvolvido no capítulo anterior, deixando claro que Deus espera que a unidade da Igreja seja nossa busca constante, e para que Deus seja glorificado, sejamos como Cristo, acolhendo uns aos outros, como Deus nos acolheu. É uma busca pela unidade, uma busca para fazer surgir esse novo homem coletivo que Paulo ensina em Efésios. É também um esforço para que homens de toda raça, tribo, língua e nação possam ver na Igreja essa glória e possam ser levados também à obediência e à glorificação do Nome de Deus.

Esse desafio permanece até hoje. Estamos muito divididos. A história que legamos é a que nos foi legada, uma história de divisão, porém Paulo nos exorta a repensar isso. Ele nos exorta à prática do acolhimento, à busca da comunhão. O argumento de Paulo aqui passa muito perto do argumento de Jesus Cristo em João 17, quando Ele diz que; "sejam um para que o mundo creia que tu me enviaste". O

apóstolo Paulo tem um argumento bastante semelhante, que essa busca da unidade fará com que os gentios glorifiquem a Deus por causa de Sua misericórdia. A idéia é que na nossa unidade façamos o mundo ver Cristo como Ministro da circuncisão, ou seja como Aquele que é capaz de circuncidar os corações humanos, como Aquele que é capaz de mudar os corações humanos, e esse é o tipo de coisa que a gente só demonstra com a vida, e principalmente com a vida comunitária. O que tem caracterizado a raça humana, desde tempos imemoriais, é a divisão, a guerra, a discussão, o preconceito, o juízo, o desprezo mútuo. A guerra é a violência. Como provaremos que nossos corações foram circuncidados por Jesus Cristo se continuarmos movidos pela mesma violência, pelo mesmo preconceito, pelo desprezo mútuo, pelo espírito divisionista?

Essa é a argumentação de Paulo. Quando buscamos a unidade de todo o coração, testemunhamos que Jesus Cristo é verdadeiramente o Príncipe da Paz, é verdadeiramente o Grande Reconciliador. É Aquele que vem para restaurar a unidade humana. Hoje espreita-nos o mesmo desafio, que já no começo da Igreja Primitiva espreitava o povo de Deus.

O EXEMPLO DE CRISTO CONDUZINDO NOSSO VIVER

Romanos 15: 14 a 21

*certo estou, meus irmãos, sim, eu mesmo, a vosso respeito, de que estais possuídos de bondade, cheios de todo o conhecimento, aptos para vos admoestardes uns aos outros. Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isto de novo à memória, por causa da graça que me foi outorgada por Deus, para que eu seja ministro de Cristo Jesus entre os gentios, no sagrado encargo de anunciar o evangelho de Deus, de modo que a oferta deles seja aceitável, uma vez santificada pelo Espírito Santo. Tenho, pois, motivo de gloriar-me em Cristo Jesus nas coisas concernentes a Deus. Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo, esforçando-me, deste modo, por pregar o evangelho, não onde Cristo já fora anunciado, para não edificar sobre fundamento alheio; antes, como está escrito: Hão de vê-lo aqueles que não tiveram notícia dele, e compreendê-lo os que nada tinham ouvido a seu respeito.*

Cristo foi Aquele que nos acolheu. Cristo é Aquele que nos tem acolhido. Cristo é Aquele que nos acolherá finalmente, num único Corpo onde já estamos, no homem coletivo que já somos, para que brilhemos com a glória de Deus, segundo as promessas que recebemos do Senhor para todos aqueles que crêem. Cristo fez isso acolhendo-nos,

Cristo fez isso evangelizando paz, Cristo fez isso trazendo sobre nós a graça de Deus. Esse tem de ser o nosso exemplo, de fazer como Cristo, ser ministro de Cristo entre todos os povos, anunciando o Evangelho de Deus.

Anunciar o Evangelho de Deus é anunciar o Evangelho da Paz, é se deixar possuir de bondade, e nos admoestarmos uns aos outros em prol da unidade, em prol da glória de Deus. Ser ministro de Cristo é levar aos demais homens a oportunidade de virem à obediência, a oportunidade de serem santificados pelo Espírito Santo, a oportunidade de também oferecer a Deus ofertas de louvor e adoração.

Como Cristo temos de viver como reconciliadores. É essa a idéia que o apóstolo Paulo fala e ele testifica a respeito de si mesmo, que tem feito isso, e ao que ao fazer isso, os sinais, os prodígios e o poder do Espírito Santo têm sancionado e apoiado o seu ministério. Conosco tem que ser a mesma coisa, as pessoas precisam ver esse amor brotando em nossos corações entre nós e por eles, eles precisam ver os sinais da presença do Espírito Santo em nossas vidas e em nosso ministério, os Seus prodígios e o Seu poder. E não há prodígio maior que o Espírito Santo faça do que levar os homens a perdoarem-se mutuamente, do que levar os homens ao arrependimento, do que levar os homens ao amor intenso, à bondade, à compreensão mútua; do que levar os homens a se tornarem guardiães uns dos outros.

Paulo trabalha com essa mesma categoria que Cristo trabalhou: que a unidade testifica de Cristo, testifica da eficácia do seu ministério pacificador e dá credibilidade à nossa mensagem.

O EXEMPLO DE PAULO NOS ORIENTANDO NO VIVER

Romanos 15: 22 a 29

*ssa foi a razão por que também, muitas vezes, me senti impedido de visitar-vos. Mas, agora, não tendo já campo de atividade nestas regiões e desejando há muito visitar-vos, penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha, pois espero que, de passagem, estarei convosco e que para lá seja por vós encaminhado, depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia. Mas, agora, estou de partida para Jerusalém, a serviço dos santos. Porque aprouve à Macedônia e à Acaia levantar uma coleta em benefício dos pobres dentre os santos que vivem em Jerusalém. Isto lhes pareceu bem, e mesmo lhes são devedores; porque, se os gentios têm sido participantes dos valores espirituais dos judeus, devem também servi-los com bens materiais. Tendo, pois, concluído isto e havendo-lhes consignado este fruto, passando por vós, irei à Espanha. E bem sei que, ao visitar-vos, irei na plenitude da bênção de Cristo.*

Paulo diz aos irmãos que gostaria muito de visitá-los, mas que não está indo agora porque tem muito trabalho – não foi antes porque tinha muito trabalho, e não está indo agora porque ainda tem muito trabalho. Antes, porque ele está buscando anunciar a Jesus Cristo onde Ele ainda não fora anunciado; agora ainda não está indo porque ele recolheu uma oferta para os irmãos de Jerusalém, que foi levantada pelos irmãos da Macedônia e da Acaia, e, portanto, ele primeiro tem que levar essa oferta para socorrer os irmãos de Jerusalém. Mas ele pretende ir para a Espanha, por força do seu ministério e, de passagem, quer conhecer os irmãos de Roma.

O apóstolo Paulo deixa claro, portanto, que ele tem uma vida centrada no ministério, uma vida centrada no seu chamado de ser ministro de Jesus Cristo entre os gentios; que isso é que absorve a sua vida, e que todas as outras coisas que ele gostaria de fazer, tais como visitar os irmãos de Roma, ele submete ao chamado maior que é o chamado do ministério. Hoje, precisamos aprender com Paulo: precisamos aprender que temos uma igreja para edificar, temos um evangelho a pregar, temos uma vida a viver, e que tudo tem de ser subordinado a isto.

O grande papel da Igreja, hoje, é o papel de ministrador. Nós ainda não completamos a nossa missão, o nosso trabalho ainda está por fazer. Não podemos nos distrair com as coisas deste mundo. Temos que subjugar tudo ao serviço de Deus, temos de fazer tudo para a honra e glória dEle, temos de submeter todos os nossos desejos e até mesmo sonhos ao nosso grande chamado, que é o chamado de expressar Jesus Cristo e anunciá-Lo a toda criatura debaixo do sol.

Paulo fazia assim. Paulo tinha a consciência que Orígenes descreve: que a melhor forma de ajudar a humanidade é viver cada vez mais pela edificação da Igreja. Paulo tinha a consciência de que não há vocação maior, não há chamado maior, não há interesse maior do que a pregação do evangelho, do que o de viver o evangelho — porque a pregação do evangelho precisa ser corroborada pela credibilidade que o viver o evangelho, e só o viver o evangelho concede.

Nos dias de hoje, em tempos de escândalos, de angústias e de dores, precisamos retomar a vida do evangelho como princípio de credibilidade. O viver o evangelho como princípio de autoridade para anunciá-lo, e para convocar todos os homens ao arrependimento.

A SOLIDARIEDADE E COMUNHÃO CRISTÃ

Romanos 15: 30 a 33

Rogo-vos, pois, irmãos, por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito, que luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor, para que eu me veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia, e que este meu serviço em Jerusalém seja bem aceito pelos santos; a fim de que, ao visitar-vos, pela vontade de Deus, chegue à vossa presença com alegria e possa recrear-me convosco. E o Deus da paz seja com todos vós. Amém!

Paulo pede orações, pede que os irmãos lutem com ele. E dá uma nova dimensão à questão da oração: oração é uma luta, para que o ministério que nos foi concedido seja cumprido. Precisamos reaprender isso. Temos transformado a oração num instrumento de busca de bênçãos particulares, mas não numa luta ministerial. Paulo diz: "lutem, lutem ao meu favor, juntamente comigo".

Para quê? Para que o seu ministério se cumpra, para que ele se veja livre dos rebeldes que vivem na Judéia. Sim, porque estes haviam abandonado a graça, haviam se tornado pessoas que buscavam o seu próprio mérito pela obediência à lei mosaica e aos rituais. Nessa sua busca por meritoriedade, tinham se tornado adversários da graça de Jesus Cristo, da qual Paulo era o maior porta voz.

Mas Paulo insiste que Deus o livre dos rebeldes da Judéia, não no sentido de que eles sejam subjugados, e que ele é que seja honrado, mas sim no sentido de que o serviço que ele está prestando em Jerusalém seja bem aceito. Ele está levando dinheiro para os irmãos, e ele espera que mesmo os rebeldes entendam que isso é meramente amor. E ele diz: "olha, espero que tudo isso dê certo para que eu possa visitá-los o mais rápido possível." E é interessante como ele descreve o que é o encontrar irmãos: encontrar irmãos é ir com alegria, é recriar-se com os irmãos, é uma grande celebração.

Que nós possamos ter esta visão de Paulo. Que as nossas orações sejam uma luta para que o nosso amor seja aceito, para que o nosso serviço seja aceito, para que possamos estar sempre alegres diante dos irmãos, e recriando-nos com eles. Que as nossas orações sejam uma luta para que possamos glorificar a Deus. Que não sejam orações que pensem única e exclusivamente na nossa dor de barriga, mas que, acima de tudo, focalizem o ministério da Igreja, o chamado da Igreja. E que, como Paulo, possamos ser solidários e clamar por solidariedade e por comunhão. Paulo pediu ajuda. E aqui, um princípio maravilhoso: nenhum cristão vai conseguir sem a comunidade, sem ajuda, sem abraço, sem fraternidade.

CAPÍTULO 14

ALGUNS EXEMPLOS DE VIDA CRISTÃ – *Rm 16*

Rm 16:1 a 9

Recomendo-vos a nossa irmã Febe, que está servindo à igreja de Cencréia, para que a recebais no Senhor como convém aos santos e a ajudeis em tudo que de vós vier a precisar; porque tem sido protetora de muitos e de mim inclusive. Saudai Priscila e Áqüila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida arriscaram a sua própria cabeça; e isto lhes agradeço, não somente eu, mas também todas as igrejas dos gentios; saudai igualmente a igreja que se reúne na casa deles. Saudai meu querido Epêneto, primícias da Ásia para Cristo. Saudai Maria, que muito trabalhou por vós. Saudai Andrônico e Júnias, meus parentes e companheiros de prisão, os quais são notáveis entre os apóstolos e estavam em Cristo antes de mim. Saudai Amplíato, meu dileto amigo no Senhor. Saudai Urbano, que é nosso cooperador em Cristo, e também meu amado Estáquis.

Maravilha deste trecho das Escrituras é a descrição de modo claro de que a Igreja não é um projeto, não é uma instituição. A Igreja não é uma organização. A Igreja são pessoas. Pessoas que se amam, que se encontram, que se ajudam, que dão a sua vida umas pela outras. O Reino de Deus é, como dizia Hans Burk, acima de tudo, um Reino de amigos. Igreja é relacionamento. Igreja é encontro.

Igreja não são programas, não são eventos, não são promoções, gincanas, concursos, ou seja lá o que for. Igrejas são pessoas se encontrando, se amando, orando umas pelas outras, servindo umas às outras mutuamente, buscando uma o bem da outra, unindo-se para buscar outras pessoas para virem ao encontro de Jesus Cristo. Igreja é o resultado do encontro de pessoas com Jesus Cristo, é o resultado do derramar do Espírito Santo na vida das pessoas — o Espírito Santo não se derrama sobre instituições, sobre organizações, sobre edifícios. O Espírito Santo se derrama sobre pessoas.

Igreja é essa soma de relacionamentos. Vida cristã é vida de pessoas. Como se descreve vida cristã? Descrevendo pessoas. Vida cristã não é uma teoria, não é uma série de conceitos, mas pessoas expressando Jesus Cristo. E tem de ser assim hoje: vida cristã tem que ser descrita a partir de cristãos que encarnam a pessoa de Jesus.

QUE FAZER COMO NOVA CRIATURA DIANTE DO MUNDO

Romanos 16: 10 a 18

*audai Apeles, aprovado em Cristo. Saudai os da casa de Aristóbulo. Saudai meu parente Herodião. Saudai os da casa de Narciso, que estão no Senhor. Saudai Trifena e Trifosa, as quais trabalhavam no Senhor. Saudai a estimada Pérside, que também muito trabalhou no Senhor. Saudai Rufo, eleito no Senhor, e igualmente a sua mãe, que também tem sido mãe para mim. Saudai Asíncrito, Flegonte, Hermes, Pátrobas, Hermas e os irmãos que se reúnem com eles. Saudai Filólogo, Júlia, Nereu e sua irmã, Olimpas e todos os santos que se reúnem com eles. Saudai-vos uns aos outros com ósculo santo. Todas as igrejas de Cristo vos saúdam. Rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes; afastai-vos deles, porque esses tais não servem a Cristo, nosso Senhor, e sim a seu próprio ventre; e, com suaves palavras e lisonjas, enganam o coração dos incautos.*

Diante do mundo, devemos demonstrar a unidade, o amor, o carinho entre nós. Isto é que vai dar a credibilidade. Devemos ser pessoas que nos reconhecemos pelo nome, que somos capazes de reconhecer débito que temos uns para os outros, que somos capazes de descrever os nossos irmãos, os nossos amigos, as pessoas que cruzamos no caminho, pessoas por meio de quem Jesus Cristo nos orientou.

Temos de ser capazes de demonstrar ao mundo que ressurgiu a humanidade. A unidade humana veio à tona na cruz de Cristo. Os homens agora podem se amar de novo,

independente da raça, tribo, língua e nação; os homens podem se abraçar de novo, podem se tornar interdependentes de novo. Os homens deixaram de ser lobo do próprio homem, e se tornaram guardiães uns dos outros. Diante do mundo, devemos demonstrar isso.

E por isso, devemos nos ajudar, para que entre nós não haja provocações de divisões e escândalos. Devemos trabalhar com os irmãos que têm esta tendência, para deixar claro a eles que isso não é admissível. A unidade da Igreja não pode ser quebrada! E o apóstolo Paulo vai mais longe: se eles insistirem, afastemo-nos deles. Denunciemo-los!

Às vezes, em nome do corporativismo —porque não é em nome da unidade, mas em nome do corporativismo —toleramos os escândalos, toleramos os desvios, as provocações, as divisões. Toleramos aqueles que vivem para o seu próprio ventre, que vivem de lisonjas, que enganam o coração dos incautos. Temos de nos levantar contra isso. Temos que chamá-los à razão e a sensatez, e, se eles não se arrependerem, eles precisam ser denunciados, porque a Igreja se sustenta na unidade, no amor mútuo. Ela não pode tolerar a exploração do homem pelo homem, a subjugação dos homens. A Igreja não pode tolerar nenhum processo que aliene o ser humano. A Igreja tem de ser chamada à obediência, e tem de viver na obediência de Jesus Cristo; amar, buscar a unidade, pastorear o outro — não como dominador, mas como exemplo. Aqueles, portanto, que pastoreiam o seu próprio ventre, que provocam divisões, que andam em desacordo com a doutrina que convoca-nos ao amor, à misericórdia e a discrição, precisam ser chamados à

sensatez, e, se não se arrependerem, precisam ser denunciados para o bem da Igreja. Porque o mundo nos observa.

É verdade que os ímpios estão longe de Deus, mas não são burros, não são estúpidos. Eles sabem a diferença entre o que é viver segundo a mensagem de Jesus Cristo, e o que é utilizar-se de Jesus Cristo para alienar o ser humano.

CONCLUSÃO

Romanos 16: 19 a 27

Pois a vossa obediência é conhecida por todos; por isso, me alegro a vosso respeito; e quero que sejais sábios para o bem e símplices para o mal. E o Deus da paz, em breve, esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás. A graça de nosso Senhor Jesus seja convosco. Saúda-vos Timóteo, meu cooperador, e Lúcio, Jasom e Sosípatro, meus parentes. Eu, Tércio, que escrevi esta epístola, vos saúdo no Senhor. Saúda-vos Gaio, meu hospedeiro e de toda a igreja. Saúda-vos Erasto, tesoureiro da cidade, e o irmão Quarto. A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja com todos vós. Amém! Ora, àquele que é poderoso para vos confirmar segundo o meu evangelho e a pregação de Jesus Cristo, conforme a revelação do mistério guardado em silêncio nos tempos eternos, e que, agora, se tornou manifesto e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas, segundo o mandamento do Deus eterno, para a obediência por fé, entre todas as nações, ao Deus único e sábio seja dada glória, por meio de Jesus Cristo, pelos séculos dos séculos. Amém!

Deus será glorificado pela nossa obediência, pela nossa sabedoria, que será demonstrada por nossa inclinação para o bem, e pela nossa total incapacidade de fazer o mal. E quando insistimos em fazer o bem, insistimos em manter o padrão de Jesus Cristo, somos mais do que vencedores – não apenas porque o bem sempre triunfa sobre o mal, mas porque o Deus da paz prometeu a todos aqueles que renderem-se a Jesus Cristo vitória absoluta sobre a ação do maligno. De modo que, enquanto nos mantemos submissos a Jesus Cristo, o Deus da paz esmaga debaixo dos nossos pés a Satanás.

Mais uma vez, Paulo nos exorta a não esmorecer e a fazer o bem. E aqui ele toca muito próximo do mesmo conceito que Tiago esboçou, ou seja, de que, sujeitando-nos a Deus, e resistiremos ao diabo, e ele fugirá de nós.

O apóstolo Paulo confia que o seu ministério é confirmado não pelas suas palavras ou pelo testemunho próprio, mas sim pelo Senhor Todo Poderoso. Confirma não só o evangelho que ele prega, mas confirma aqueles que crêem nesse evangelho.

E o nosso desejo, nestes dias difíceis, é que Deus nos confirme. Que nos mantenha fiéis a si, que Deus nos mantenha na paz, pregando o grande mistério de que Deus estava em Cristo, reconciliando consigo o mundo. E que, portanto, a nossa vida comunitária seja uma vida entre conciliados, que clamam a todos os homens, que se reconciliem com Deus, para poderem ser reconciliados uns com os outros e consigo mesmos.

REFERÊNCIAS

[i] Bíblia de Estudo de Genebra, *Introdução à epístola de Paulo aos romanos*, Pg 1316-1317, Editora Cultura Cristã, Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.

[ii] Op. cit. pg 1316.

[iii] Calvino, João, *Romanos*, Comentário à Sagrada Escritura, Pg 42, Edições Paracletos, 1997.

[iv] Calvino, João, *Romanos*, Comentário à Sagrada Escritura, Pg 44, Edições Paracletos, 1997.

[v] *Bíblia na Linguagem de Hoje*, SBB.

[vi]

[vii] Calvino, João, Op. cit. Pg 54.

[viii] Gil, Gilberto, Guerra Santa, cd Quanta, CD #1.

[*] Noite de São Bartolomeu, 4/25 de agosto de 1572: assassinato em massa de protestantes franceses conduzido por nobres católicos.

[ix] PROPICIAÇÃO: Ato realizado para aplacar a ira de Deus, de modo a ser satisfeita a sua santidade e a sua justiça, tendo como resultado o perdão do pecado e a restauração do pecador à comunhão com Deus. No AT a propiciação era realizada por meio dos SACRIFÍCIOS, os quais se tornaram desnecessários com a vinda de Cristo, que se ofereceu como sacrifício em lugar dos pecadores (#Êx 32.30; Rm 3.25; 1Jo 2.2; v. EXPIAÇÃO), *Dicionário Bíblico*, Bíblia Online, SBB 248.

Índice